REVISTA DA SEMANA

N.º 51 ★ 22-12-51

CR$ 4,00 EM TODO O BRASIL





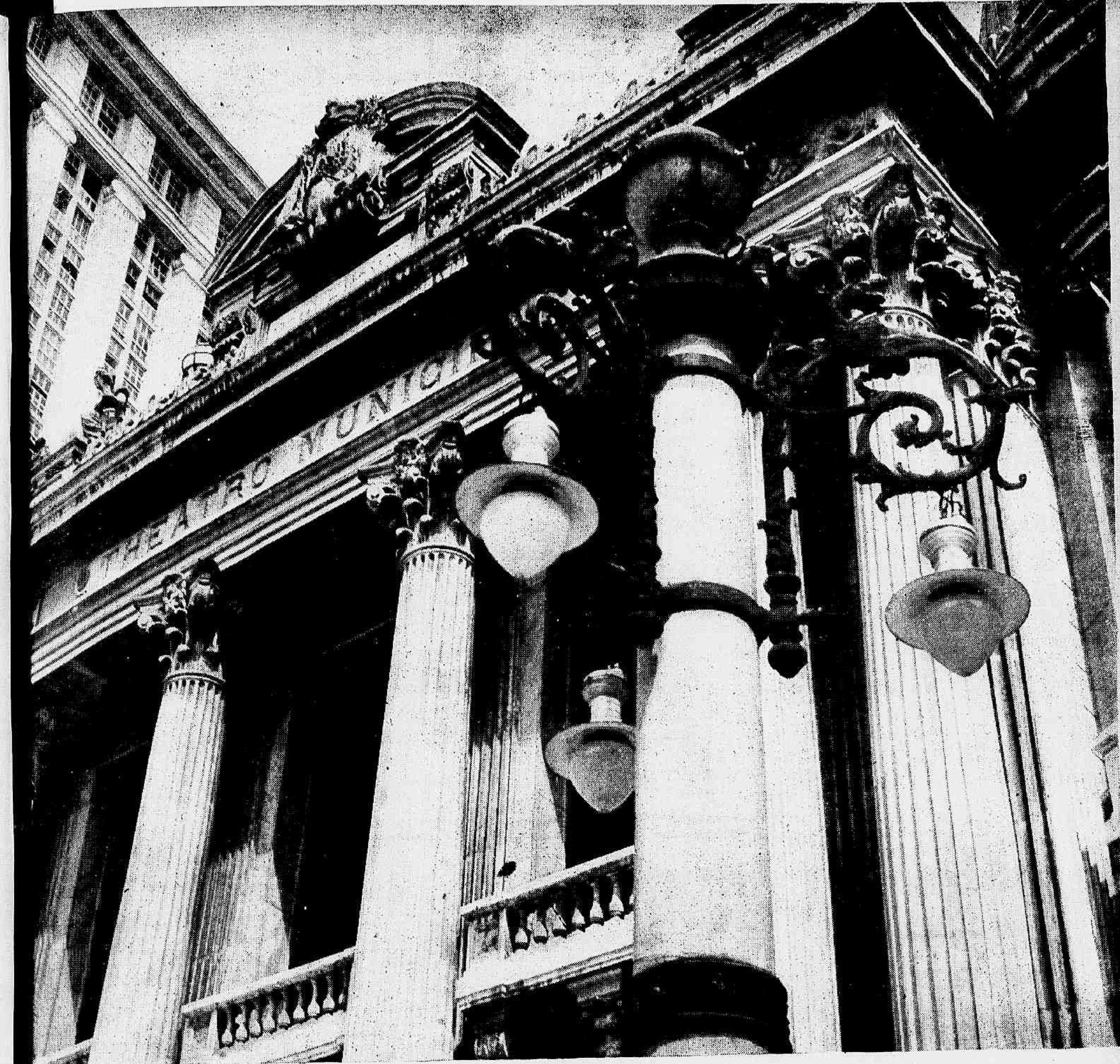
AGUA DE
COLONIA
LOÇÃO
EXTRATO



A beleza sonhada

EMBRUJO
DE SEVILLA

MYRURGIA



AGORA NÃO haverá mais banquetes políticos nem reuniões com outros fins que não sejam os rigorosa e estritamente artísticos, dentro da finalidade para a qual foi construído o primeiro teatro da capital da República. E a preferência será dada aos conjuntos nacionais, o que é, na verdade, uma medida certa.

O MUNICIPAL E SEU DESTINO

EM 1951, QUASE TODOS OS BONS ARTISTAS DE COMÉDIA BRASILEIRA REPRESENTARAM NO PALCO ATÉ ENTÃO EXCLUSIVO DAS SUMIDADES INTERNACIONAIS ★ ABOLIDOS OS "CARONAS" E PRIVILEGIADOS ★ QUEM ASSISTE, PAGA! ★ NÃO HAVERÁ MAIS BANQUETES POLÍTICOS NEM CERIMÔNIAS CÍVICAS NA CASA QUE ARTUR AZEVEDO E COELHO NETO AJUDARAM A CONSTRUIR ★ MAS... E OS BAILES DE CARNAVAL?... TERÃO IMUNIDADES?

Texto de JOÃO ALVARENGA

ACONTECEU quando Pereira Passos era prefeito e foi rasgada a Avenida Central de mar a mar, hoje Avenida Rio Branco. Projetado e construído com vontade, surgiu o Teatro Municipal, que deveria ser de preferência a casa da arte dramática brasileira, pois era assim que a desejavam Artur Azevedo, Coelho Neto e seus contemporâneos. Teríamos, então — pensavam êles, coitados! — um teatro onde os artistas do país seriam apresentados regularmente, um palco destinado a lançar valores novos e a consagrar os que já haviam merecido os aplausos do público, embora também



BAILES de Carnaval? Parece que vão ser suprimidos, mas talvez ainda se realize o do próximo ano...



ARTUR AZEVEDO, Coelho Neto e seus contemporâneos, muito se bateram para o levantamento do imponente teatro, onde, preferencialmente, deveriam apresentar-se os nossos artistas. E sempre aconteceu o contrário!



destinado a receber a visita das sumidades internacionais.

Veio a inauguração e a cidade fêz feriado. O Municipal era realmente um palácio, onde os mármores e bronzes repontavam, com linda apresentação arquitetônica, um teatro capaz de resistir a um confronto com os melhores do mundo inteiro. Fundou-se a Escola Dramática, por muitos anos confiada à direção de Coelho Neto, deu-se o primeiro espetáculo dramático com uma peça de Artur Azevedo; realizou-se mesmo uma temporada de comédias e dramas tôda preenchida por artistas nacionais. E o brasileiro de 1909 — quando o teatro foi entregue ao público — respirou: O Lírico, ali nas vizinhanças, perto do Largo da Carioca, tinha seus dias contados, mas não tinha importância, para substituí-lo ali estava o Municipal com tôdas as honras...

Mas as coisas mudaram muito. Só de longe em longe outros elencos brasileiros pisaram naquêle espaçoso palco, principalmente os de declamação. Entregue a exploração do teatro aos concessionários que por sua vez primavam em olhar o interêsse comercial imediato, tudo resultou diferente. Para começar, o Municipal deu para ficar de portas cerradas durante vários meses no ano, reabrindo-as sistemàticamente para a clássica temporada lírica, apresentando elencos de ópera que nem sempre eram os mais apurados, embora de quando em quando um ou outro conjunto de classe também viesse, incluindo no seu elenco algumas figuras de repercussão mundial. Mas isso acontecia eventualmente, porque, de resto, o teatro ficou destinado a explorar o snobismo de uma parte da sociedade carioca, aquela que aplaude sem entender, desde que venha a tratar-se de um espetáculo feito por gente de outro país.

Só uma vez por ano o Municipal tornava-se emi-



ESTA é a "maquette" do Municipal, ainda hoje conservada no muzeu do teatro como recordação.



RETRATO de Itália Fausta, a insigne artista patrícia cujo falecimento ocorreu no curso dêste ano.

certamente popular: no Carnaval. Foi realizado ali, de uma feita, a título de experiência, um baile de máscaras, ainda imitando o que se faz em outras terras — e o sucesso excedeu as melhores espectativas. Depois o baile ficou sendo uma tradição da cidade, pretexto para um desfile de luxuosas fantasias, com os ingressos a preços escorchantes, tudo ainda explorado por entidades comerciais.

Nesse meio-tempo, havia o aproveitamento do teatro da Prefeitura, para outros fins inteiramente alheios às finalidades de ordem artística. E passou a ser de praxe, também, os banquetes políticos, as festas de fim-de-ano por ocasião das solenidades de formaturas, a leitura de plataformas dos candidatos oficiais (os outros não tinham direito a falar às massas de cima daquele palco).

Só os artistas brasileiros ficavam de fora, sem lugar para dar largas à sua vocação, muitas vêzes artistas de valor, para quem aquelas portas monumentais andavam sistemàticamente cerradas. . . quando muito, uma temporada de ópera popular, meia dúzia de concertos, alguns espetáculos de baile — e mais nada. Elencos dramáticos, êsses eram sistemàticamente arredadas da programação, sob a afirmativa de que não atraiam público.

E assim ia o Municipal cumprindo o seu triste destino, transformado ora em ponto de reuniões políticas, ora em local de comezainas e quase sempre em casa de orates onde qualquer figurão vindo de Paris tinha o direito de tocar piano para uma platéia diletante ou de apresentar os seus pobres contratados de canto e baile. . .

Mas o panorama foi sensivelmente alterado êste ano. Uma compreensão mais nítida, um esclarecimento mais perfeito se fêz sentir de parte dos administradores da cidade enquanto a Câmara dos Vereadores votava leis que, aos poucos, iam restituindo ao Municipal a verdadeira finalidade para a



A PARTE do museu dedicada ao saudoso maestro Francisco Braga, onde se expõem objetos que a êle se prendem, inclusive gravações de peças de sua autoria. Ao lado, retrato do ex-prefeito Mendes de Morais.



AS DECORAÇÕES são de reconhecido sentido artístico e dão ao conjunto uma grande harmonia.



DETALHE do subsolo do teatro, onde existiu o restaurante Assírio e que hoje se destina a exposições.



OUTRO DETALHE decorativo no "hall" do Municipal. Mármores e bronzes trabalhados por mestres.



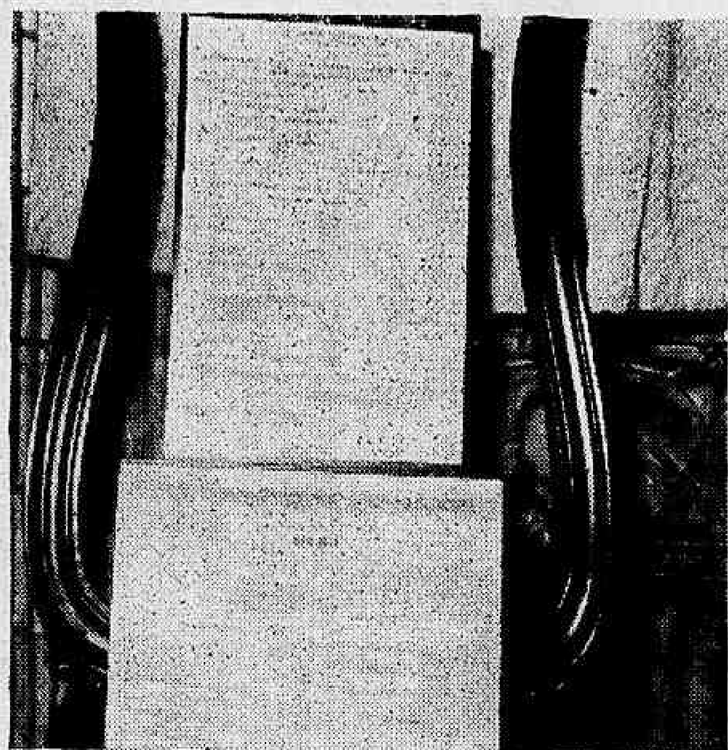
O CORPO de baile é dos mais afamados e tem merecido justas referências de ilustres visitantes.



A OFICINA de costura, onde se dá conta do guarda-roupa esmerado, pronto para qualquer espetáculo.



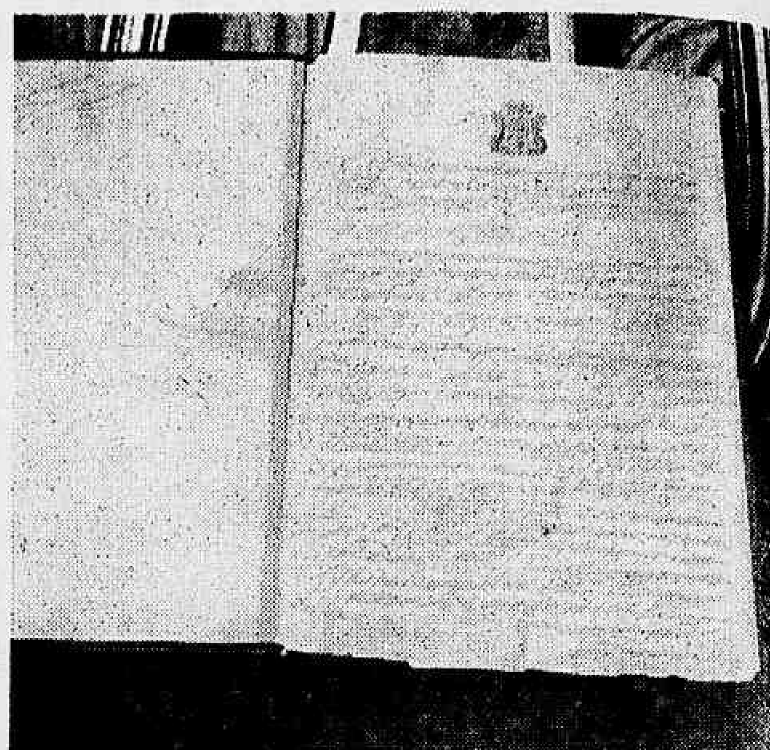
FLAGRANTE de um ensaio da grande orquestra, cujas apresentações sempre marcam grande êxito.



AS DESPESAS para o espetáculo inaugural do grande teatro não chegaram a dez mil cruzeiros.



TRAJES de época, apresentados em grandes espetáculos, são também exibidos agora no museu.



ATA DA inauguração do Municipal, datada de 14 de julho de 1909, também exposta no museu.



VITRINA de Carlos Gomes, constituída de autógrafos, originais, retratos, programas, relíquias e partituras.



O MUSEU do Municipal também possui material documentário de vários teatros de outros países.



PRECIOSIDADES do Ópera de Paris, retratos e "croquis", com muitos autógrafos de grande preciosidade.



qual o teatro fôra construido. Para começar, tôdas as companhias de comédia ali realizaram — e continuam a realizar — espetáculos vespertinos a preços acessíveis a tôdas as bôlsas: dez cruzeiros a poltrona. Dulcina-Odilon, Bibi Ferreira, Morineau, Eva, Roulien e outros artistas que vivem na simpatia do público, foram desfilando, cada companhia realizando três espetáculos com as peças de maior êxito de seu repertório. A Prefeitura garante um mínimo de dez mil cruzeiros, mas as receitas apuradas vão ao dôbro, porque a casa fica inteiramente vendida com dois e três dias de antecedência. E pela primeira vez o carioca pôde conhecer, no primeiro teatro do país — um dos melhores do continente — espetáculos nacionais da melhor categoria, desmentindo-se aquela velha afirmativa de não interessar êsse gênero de teatro ao grande público.

Outra medida acauteladora aos interêsses da Municipalidade e das companhias que se apresentam naquele palco, foi a supressão das cadeiras «cativas». Dá-se êsse nome a umas tantas localidades que o proprietário das casas de espetáculos costumam reservar em benefício próprio, sacrificando assim as receitas comuns. Em se tratando de teatros particulares, êsse pode ser um direito que assiste aos seus legítimos donos, mas não há lei capaz de justificá-lo quando o teatro é do govêrno. Atendendo às reclamações que se fizeram sentir, o prefeito João Carlos Vital acabou com as «cativas» do Municipal (iam a muito além de uma centena) e desde agora, não há mais privilegiados, nem caronas. Quem quiser ver os espetáculos dêsse teatro tem de visitar a bilheteria.

Ficou também êste ano resolvido que o Municipal não poderia mais destinar-se a reuniões políticas, nem a banquetes ou a qualquer outro fim que não seja eminentemente artístico.

O MUNICIPAL em noite de espetáculo de gala, na sua verdadeira finalidade: puramente artística.



BAILE DE Carnaval, também de gala, mas onde as finalidades puramente artísticas primam pela ausência. Quando o teatro foi construído, não se pensava nesse aproveitamento para as noitadas de folia. E parece que os bailes serão suprimidos, embora uma forte corrente a favor ainda se faça sentir. Vencerão os foliões?

Tôdas essas restrições foram aceitas sem maiores protestos, até quando, mais recentemente, outra foi aventada: a abolição dos «clássicos» bailes de Carnaval. Pois, senhores, aí foi que o barulho surgiu! Tudo menos isso. Que acabem com os «caronas», vá lá. Que os banquetes dos futuros candidatos políticos tenham lugar em outro sítio, pode ser. Dinheiro não falta para essas festanças. Que os «míseros» artistas nacionais vão dar-se ao luxo de trabalhar por sôbre as tábuas do teatro construído por insistentes apêlos de Artur Azevedo, também ainda pode ser. Mas abolir a grande farra de segunda-feira gôrda? Suprimir de uma vez por tôdas aquela grossa pândega? Não vê!

E os protestos surgiram em massa. Ao certo, neste momento, não podemos garantir se haverá mesmo, ou não, o baile de 52. Uns afirmam que êle foi riscado das cogitações, pois demandaria em grande prejuízo para as temporadas normais do teatro. Sim, porque desde muitas semanas antes, o Municipal tem de cerrar as portas para sofrer as necessárias adaptações do baile, nivelação da platéia ao palco, decorações, etc. Impedimento que se estende ainda por outras semanas depois do baile... Enquanto outros garantem que os grã-finos hão de continuar a divertir-se, derramando champagne pelos bastidores, frisas, camarotes e platéia do luxuoso teatro.

Vamos ver quem leva a melhor!

Seja como fôr, em 1951 o Teatro Municipal foi muito mais eficiente que nos anos anteriores. E desde que o sr. Celso Kelly nêle teve interferência direta, com o contrôle do teatro entregue ao maestro Mignone, foi que o Rio começou a freqüentar mais e melhor essa casa de espetáculos.

Particularmente o Rio classe-média, que até pouco tempo receiava o contacto com tanto mármore e tanto tapête...



O MUNICIPAL em noite de farra, quando vale tudo e quando ninguém pensa em óperas nem tragédias...

SONHOS de NATAL





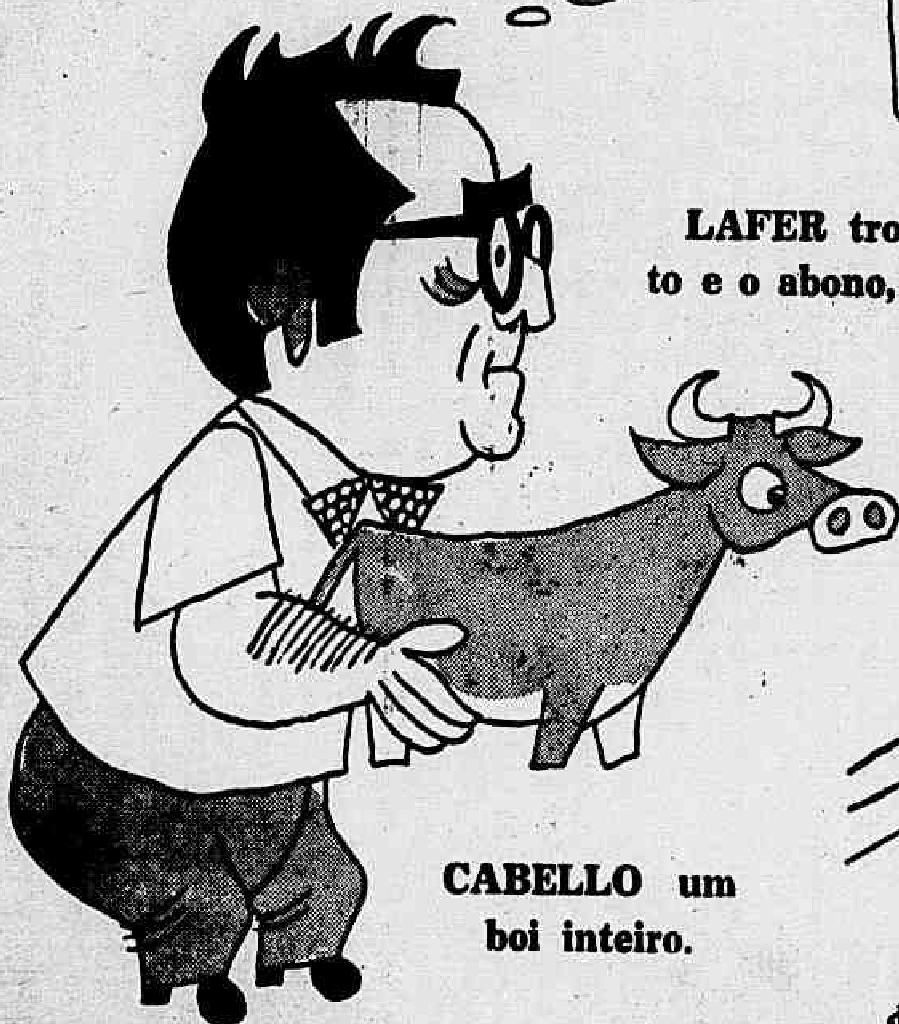
BARNABÉ, cheio de dívidas, cansado, faminto, dormiu e sonhou naquela noite de Natal.

Apareceu-lhe pela primeira vez Papai Noel, o velho. Outros apareceram também.



LAFER trouxe-lhe o aumento e o abono,

VITAL o metrô,



CABELLO um boi inteiro.



E a água era tanta que o **FIUZA** embarcou na Arca de Noé...

ANO LI — N. 51 REVISTA DA SEMANA 22 - 12 - 51

Mas podia ser pior

REPAREM que êste fim de ano sem chuvas abundantes nem luz elétrica à vontade, vem sendo muito singular e curioso. Tem coisas como nunca se viram iguais e outras que haviam deixado de acontecer há muito tempo: os lampeões de querosene, por exemplo, voltando a iluminar muitas vitrines comerciais da cidade que já foi das mais feéricas do mundo. E cidade onde houve um quebra-lampeões de saudosa memória que oxalá não se repita algum dia! Teve a greve dos aeroviários e aeronautas, para lembrar que não se deve jogar ao desprêzo o trem-de-ferro com tanta sem-cerimônia, pois ainda pode prestar bons serviços. E as correspondências aéreas (?) foram despachadas pelos trens, navios, caminhões e talvez mesmo em lombo de burro. Teve a garotada entrando em férias depois de passar (bem ou mal?) nos exames. Muita repetição, muita segunda época, muito grau-zero para não perder o hábito. Pois quem é que estuda de verdade nestes tempos de tantos sabidões hereditários e quando as crianças nascem formadas em tôda a sorte de malandragens?

E teve também a pobre moça desconhecida que bebeu veneno no avião, foi reconhecida, não foi reconhecida, era a Mariazinha, não era mais a Mariazinha — enquanto o cadáver ia congelando na gaveta do necrotério, coitada. E o Príncipe Ali-Khan que deu para sumir da circulação uma vez descoberto ter vindo ao seu encontro uma bonita moça estrangeira que ainda encontrou avião disponível, antes da greve, sem pensar em suicídio. Por enquanto. Teve o "Barroso", quarto do mesmo nome, com uma entrada solene e garbosa na Guanabara, coincidindo com a Semana da Marinha e um belo espetáculo no Municipal. Enquanto de São Paulo anunciavam que haverá outro "São Paulo", agora porta-aviões, para substituir o heróico, o velho, que não quis terminar seus dias como ferro-velho, preferindo o suicídio no oceano. E teve a estréia de Luz del Fuego numa revista nem mais nem menos pornográfica que as outras. Mas onde as galerias do teatro bateram o "record" do mau comportamento, a tal ponto que a jovem das cobras vivas quase morreu de vergonha com os dichotes da rapaziada. E teve ainda o final do campeonato, com muita dor de cabeça porque o Vasco desta vez ficou de fora espiando banguenses e fluminenses se desmilinguindo. Apareceram os primeiros sambas e marchas para o Carnaval, mais apimentados do que nunca, para acompanhar o ritmo da época — e setecentos cavalheiros e outras tantas damas deram o sim sacramental diante do Pretor apressado, no dia 8, sem cogitar se a lei do divórcio passa ou não passa. Continuaram os atropelamentos por atacado nas avenidas Brasil e Presidente Vargas, com francos progressos pelos bairros e subúrbios. O cônsul Soares Pina fêz das suas, não em Moscou, mas agora em São Francisco, provando assim que é homem para abalar as duas fôrças maiores do mundo. E Carlito descobriu uma nova "estrêla" para o seu novo filme, sem nenhum interêsse particular (nem sentimental) pela moça. Pois sim, velhinho!

O escritor Pedro Bloch prometeu continuar em cartaz todo o ano vindouro, sem mãos a medir (nem as de Eurídice) para escrever tôdas as peças que lhe foram encomendadas. E o petróleo será nosso, dizem todos; o Ribeirão continuou esvaziando ao contrário do que acontece com o povo; a bomba atômica não fêz ato de presença nestes doze meses prometendo continuar ameaçadora nos outros doze seguintes — e Colê não se conformou com a proibição da sua marchinha para crianças ingênuas, "Madame Chevalier", direito que lhe assiste, e à censura também para proibir.

Singular e curioso êste fim de ano! Mas, afinal, igual a todos. Porque tudo vai, tudo volta, tudo é confusão — e por pouco pouco ninguém acerta com o que nos vai dar o doutor 52 que aí vem. Como no programa de rádio.

CELESTINO SILVEIRA

Sumário

REPORTAGENS

O Municipal e seu destino (João Alvarenga) 3/7
Sob as ruínas de Berlim (J. Dimas) 28/33
Há um teatro em Santa Teresa (Almir Azevedo) 55/57

LITERATURA

Mas podia ser pior (Celestino Silveira) .. 9
Prevenir é melhor (Geo William) 16
Semana Literária (Edmundo Lys) 18/19
La Napoule (Emílio Schauble-Koch) 27
O luto de Íris (Moyses Duek) 38
Herodíade (Gustave Flaubert) 42/43

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Templey Bailey) 22/23

EXTRA

O Diário de James Forrestal 20/21

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista 10/11
Personagem da semana 11
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 34
Palavras cruzadas 44
Puxe pelo cérebro 45
Tudo isto aconteceu 52/54
A REVISTA há 50 anos 58

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Sonhos de moça 35

FEMININAS

Para o Ano Novo (Ramon) 36/37
Sugestões variadas 40/41
Week-End na Cozinha 49

CINEMA

Gráficas de Cinema 13/15
Perdida 46/47

HUMORISMO

Sonhos de Natal (Théo) 8
Êste mundo e o outro (Darcy) 26

ILUSTRAÇÕES

Jerônimo Ribeiro — Gil — Rafael.

FOTOS

Cartier Bresson — Almir Azevedo — Abdias Rodrigues — Avulsas — Arquivo.



NA CAPA:

Olga San Juan

(Foto Paramount)

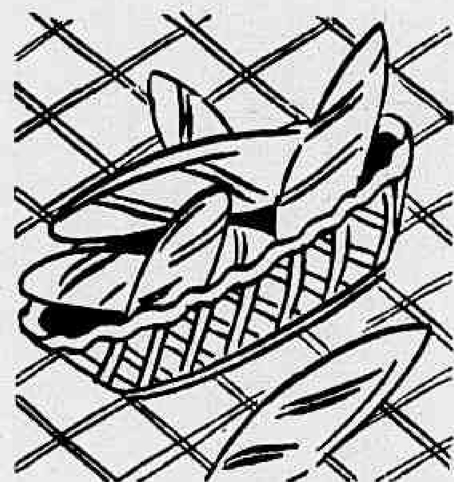
A SEMANA

A General Eletric no Brasil



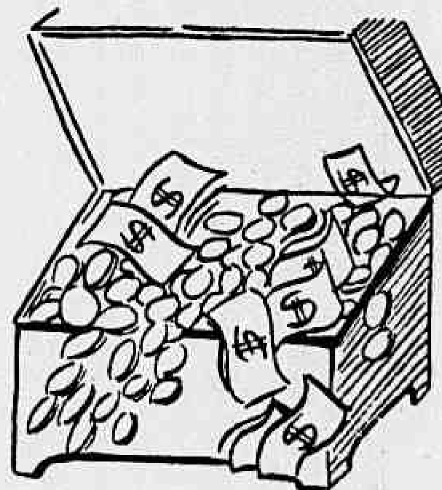
POUCAS organizações comerciais gozam de tanta popularidade em nosso país, como a General Electric. A marca G.E. pode ser encontrada em tôdas as cidades brasileiras, entre lâmpadas elétricas, rádios, refrigeradores, e tantos outros objetos de utilidade para o confôrto do lar. Sua popularidade já deu motivos para anedotas que foram levadas à cena em revistas teatrais de uns vinte anos passados. Mas, os artigos G. E. de maior vulto, como geladeiras, por exemplo, são importados. Pagando altas tarifas alfandegárias, fretes, seguro, carreto, além de mão de obra bastante elevada lá nos Estados Unidos, os refrigeradores G.E. quando são postos à venda em nosso país levam preços bastante altos, inacessíveis ao comum dos mortais. Foi pensando nesse problema que aquela Companhia norte-americana estudou um meio de contornar as dificuldades e proporcionar aos brasileiros a posse de refrigeradores a preço cômodo. Para isso estêve em nosso país o seu Presidente, Sr. Cardiner Ralph Jr., que, com outros técnicos associados à sua indústria, terminou os planos para dotar a nossa indústria com uma fábrica de refrigeradores em S. Paulo. E' do programa o emprêgo de doze milhões de dólares para o desenvolvimento da fabricação de refrigeradores G.E. no Brasil. O caso é alviçareiro. Não sòmente será possível vender êsses modernos "guarda-comidas" a preço acessível, como o nosso país contará com uma indústria nova de grande interêsse para a saúde do povo e a comodidade e confôrto nos lares. A General Electric soube corresponder ao prestígio que os brasileiros lhe dão, vindo ao encontro de nosso progresso e robustecendo nossa indústria.

Pão de guerra



O Brasil já foi exportador de trigo. Ao tempo do segundo império, os nossos campos do sul produziam trigo para dar, emprestar e vender. Desde aquêle tempo se espalhou o epíteto: "Brasil, celeiro do mundo". Mas, com o andar dos tempos, o "celeiro do mundo" se foi descuidando de suas próprias provisões e passou a comprar fora o trigo. O pão escasseou. Com as convulsões internacionais, o nosso povo chegou a comer o "pão de guerra", mistura horrível de mandioca, arroz e trigo sòmente na imaginação. Perfeito "pão que o diabo amassou". E amassou com a cauda. De quando em quando nos diz a palavra oficial que, no sul do país, a safra do maravilhoso cereal é das mais vultosas, e que, dentro em pouco, estaremos colhendo trigo que dá para nossas necessidades internas. Mas, logo depois, surgem as contrariedades: sêca, praga de gafanhoto, inundações... E lá se vai o trigo com tôdas as nossas esperanças. Surge agora uma notícia das mais alviçareiras: um cidadão da Bahia, lá do interior da terra do Senhor do Bonfim, acaba de chegar ao Rio trazendo amostras de um sucedâneo para o trigo. E' uma farinha deliciosa e pura, extraída de uma espécie de aipim, o "aipim cacau", assim chamado pela sua semelhança com o cacau. Mas, pergunta-se: se há terras maravilhosas para a cultura do trigo, desde o extremo sul às altiplanuras de Goiás, Minas e Bahia, como vamos ainda pensar em "ersatz", cuja cultura é muito mais demorada e de muito mais difícil produção do que o próprio trigo? Tudo isso só redunda em aumentar a confusão, enquanto os poderes públicos já pensam em admitir o intolerável "pão de Guerra", uma bucha que nem estômago de avestruz suporta.

Nosso Tribunal de Recursos



FAZ poucos dias, o Sr. Presidente da República visitou alguns dos nossos Tribunais Judiciários, sendo recebido com tôdas as honras que lhe são devidas. Houve discursos de saudação e de agradecimentos. Mas, infelizmente, ninguém se lembrou de incluir no protocolo uma sugestão salvadora para o próprio decôro da Justiça em terras cariocas: a construção do novo Palácio da Justiça, com instalações capazes de conter tudo o que se exige em nossa vida forense intensíssima. O atual Palácio da Justiça, ali na rua D. Manuel, já não pode ser mais levado em conta. As instalações onde funciona o Tribunal de Recursos são um pardieiro de ratos, em que os processos são devorados pelos roedores à luz do dia. Para alertar os poderes federais, o Presidente do Tribunal de Apelação falou à imprensa e pôs tudo à mostra. E apontou o motivo essencial dêsse descalabro injusto contra a Justiça. A Prefeitura, por exemplo, já deve à Justiça do Distrito Federal nada menos que oitocentos mil cruzeiros de impostos provenientes da taxa judiciária. E sabe o leitor de quando data essa taxinha? De 11 de novembro de 1895! Há, pois, 56 anos, mais de meio século, que a nossa Justiça está para receber os dinheiros provenientes de uma lei fiscal, e até agora nem notícia... Para a construção do novo Palácio da Justiça já existe o terreno, área devidamente desapropriada; mas falta o restante, isto é, o dinheiro. Todo mundo sabe onde êle está: nos cofres da Prefeitura, no cumprimento da lei de 1895. Mas, como cobrar da municipalidade tamanho débito? E o Presidente do Tribunal de Apelação não tem mesmo para quem *apelar*, e o Tribunal de Recursos vai ficando mesmo sem recurso para sua casa própria...

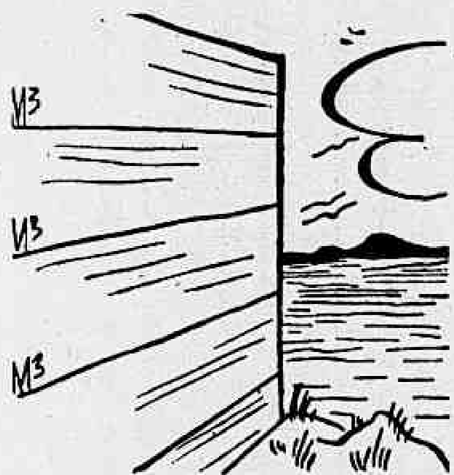
EM REVISTA

O débito do expulso



OS nossos leitores ainda estão lembrados daquele doloroso e revoltante caso de falta de compostura de certo soldado do corpo de bombeiros do Distrito Federal que, por seus atos indignos, em companhia de outras ovelhas ruins, foi expulso de sua briosa corporação, sendo imediatamente entregue à justiça comum para o necessário processo e condenação ulterior. Mas, o que muita gente ignora é que o mau bombeiro saiu das fileiras do seu quartel devendo à nação a importância de Cr$ 782,90, como passamos a minudenciar: "Fazenda Nacional, Cr$ 635,30. Contribuição, Cr$ 4,00. Rancho da Sede da 4ª Zona, Cr$ 24,80. Rancho do Pôsto 20 — Campo Grande, Cr$ 177,60. Alfaiate Marques, Cr$ 300,00. Gabinete de Identificação, Cr$ 2,00. Tudo num total de Cr$ 1.143,70. Para indenizar o débito há os vencimentos a que teve direito durante o mês da expulsão, na quantia de Cr$ 160,80, mais a sua garantia de fardamento, de Cr$ 200,00, perfazendo o total de Cr$ 360,80. Abatendo-se essa quantia daquele total, temos o débito em carga na conta do ex-bombeiro, na importância de Cr$ 782,90. Assim, além de dar prejuízo moral à corporação militar a que servia, o punido exemplarmente ainda deu o "bôlo" de quase oitocentos cruzeiros. E' possível que, meditando na solidão de seu cárcere, o infeliz soldado chegue à conclusão de que os maus instintos só levam o homem a praticar desatinos. Quando obtiver a liberdade, deverá trabalhar para conseguir também outra maior liberdade, a liberdade de evitar os impulsos criminosos, integrando na sociedade da qual foi expulso. E não se esqueça de saldar sua continha com a Fazenda Nacional.

As Águas do Ribeirão



DIARIAMENTE o carioca, ao abrir os jornais, vai com os olhos aflitos ver como anda a temperatura de enfêrmo do Ribeirão das Lajes. E lá vem o boletim clínico: "Subiu dez centímetros". "Está baixando mais". "Desceu 12 centímetros". Não chove na bacia daquele rebelde ribeirão. Em virtude da falta de chuvas, o Ribeirão das Lajes ameaça o Rio com inatividade completa. À noite esta cidade, maravilhosamente imprevidente, parece um cemitério aldeia. Dizemos de aldeia, porque os cemitérios de metrópoles podem estar iluminados, como já tivemos os nossos mais aristocráticos, com suas luzes sepulcrais em cada tumba. Uma coisa, porém, não deixa de ser estranha: as atividades do engenheiro Janot Pacheco. Êsse senhor, que já conseguiu fazer chover abundantemente no Ceará, no Rio Grande do Norte, na Bahia, contando nada menos de 38 "torós" provocados pelo seu processo, do Ceará ao Rio Grande do Sul, não pôde ainda fazer o milagre na área de Ribeirão das Lajes. Por quê? Que mistério haverá entre a capacidade de derreter nuvens do engenheiro Janot e os mananciais da reprêsa? Se êle acaba de ser contratado pelo Govêrno da Bahia para fazer chover por lá; se já fêz chover copiosamente na região da cultura do cacau, então passando pelas torturas de grande sêca, salvando-se as safras, como é que, nem o govêrno federal, nem a "Light" se interessam por uma experiência sôbre Ribeirão das Lajes? Deviam promover isso. Se há incrédulos, há também pessôas que aceitam o fenômeno que nada tem de sobrenatural. E' um caso de "bombardeio de cúmulus", com o que Ribeirão das Lajes encheria de... água!

Asas imoveis



A greve dos aeronautas e dos aeroviários, ao escrevermos êste tópico ainda estava sem solução. O Brasil está aèreamente parado. Não nos compete entrar em análise sôbre se se trata de greve justa ou injusta, mas apenas lamentar o impasse a que chegaram ambas as partes nessa conjuntura que trouxe verdadeira crise de comunicações e transportes entre as várias regiões do país. Não há nação alguma neste mundo que tanto dependa da aviação comercial do que o nosso. Há no Brasil zonas que só encontram comunicação através do avião. O Acre, por exemplo. Uma carta de Rio Branco, sua capital, para chegar ao Rio pelos meios comuns, descendo o Amazonas e, daí, descendo Atlântico abaixo até ao Rio, leva dois meses! Não se pode negar ainda que há uma série de assuntos a examinar em matéria de salário de aeronautas e de aeroviários. Há certos serviços nesse ramo que exigem enormes sacrifícios pessoais. Os despachos de aviões altas madrugadas, com os seus serviços de cargas e descargas, obrigando a pernoites sucessivos, é um dêles. Tais funcionários ganham muito pouco em relação ao serviço que prestam, submetendo-se a tempos cruéis de chuva e frio em pleno campo de pouso. Os aeronautas, por sua vez, devem ser pessoas na absoluta posse de seu contrôle de nervos. Se alguns vivem mal satisfeitos pelos vencimentos insuficientes, que haja entre empregados e empregadores um reajustamento capaz de restaurar a confiança recíproca em favor do progresso do país. As últimas notícias diziam que já se chegara a um acôrdo e que as asas do Brasil voltariam a voar os nossos céus. Que assim tenha acontecido, são os votos de todo o país, aos quais juntamos os nossos..

A PERSONAGEM DA SEMANA

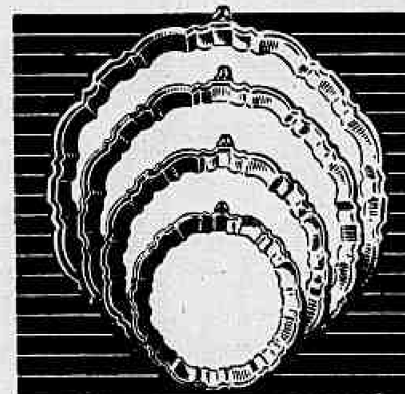

Almirante Barroso

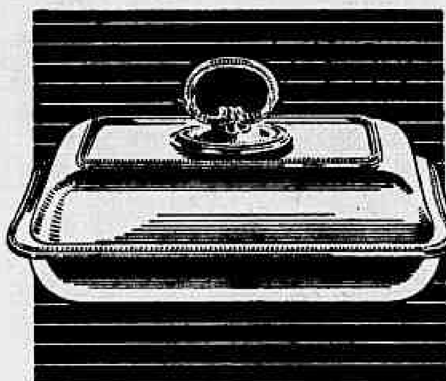
AO tempo do segundo reinado o Rio de Janeiro possuía uma das mais florescentes indústrias navais do continente, e dos seus estaleiros saíram muitos navios de guerra. Nossa frota na campanha do Paraguai era essencialmente brasileira, e a nação já batizou unidades de sua frota de guerra com o nome de "Barroso". Êsse grande marujo não era brasileiro. Nasceu em Lisboa, mas ainda muito jovem veio servir na Marinha Nacional, onde se manteve como soldado exemplar, de grande caráter e verdadeira vocação para a vida do mar. Os serviços que prestou ao Brasil foram numerosos, culminando com sua participação na campanha do Paraguai. A famosa batalha de Riachuelo é lembrada todos os anos. Barroso comandava o vaso de guerra "Amazonas". Nossa flotilha bloqueava o inimigo nos rios Paraná e Paraguai. A esquadra de Lopes surgiu de surprêsa, e, se não fôsse a bravura e a estratégia de Barroso, talvez não houvéssemos batido o inimigo. Barroso ordenou que sua nau de batalha investisse sôbre os principais navios inimigos, e, como um "tanque" rolando sôbre as águas, meteu a proa nos barcos de Lopez, desmantelando-os um a um, numa fúria de espadarte indomável. O feito causou assombro em todos os centros marítimos do mundo, por seu absoluto ineditismo. O Imperador D. Pedro II, além de elevá-lo ao pôsto de Vice-Almirante, deu-lhe o título de Barão do Amazonas, com grandeza. Neste ano de 1951 comemoramos a Semana do Marinheiro em todo o país, sendo que no Rio, as festas tiveram um caráter excepcional com a recepção do novo cruzador "Barroso", adquirido nos Estados Unidos e entrando na Guanabara na manhã do dia 9 de dezembro. A Marinha de Guerra do Brasil presta ao velho marujo, herói do Riachuelo, uma das mais justas homenagens.

Brilhantes Sugestões

para o brilho de qualquer mesa

Bandejas, serviços para condimento e pratos cobertos, de fino MAPPIN PLATE, em originais criações — eis algumas de nossas *sugestões para presentes*, para durar a vida inteira!


Bandejas com pés

Pratos cobertos



Serviços para condimento

Para cada ocasião... para cada pessoa... V. S. encontrará, em nossas exposições, o presente indicado.

Mappin & Webb

RUA DO OUVIDOR, 101 - RIO

LONDRES - PARIS - BIARRITZ - B. AIRES - JOANESBURGO - BOMBAIM

IA-418

ocultismo — ciência — arte — sexo — amôr — línguas — português

NÃO ME ACONSELHE!

será fácil achar no mínimo 3 livros interessantes

PROBLEMAS SEXUAIS dos SOLTEIROS — Nº 66 — 15,00
Grafologia Prática — Nº 64 — 15,00
CERTO ou ERRADO? TIRA-DÚVIDAS DE PORTUGUÊS — Nº 69 — 15,00
INSTALAÇÕES ELÉTRICAS — Nº 38 - 60,00
GUIA ÍNTIMO DA SEXUALIDADE — O ATO SEXUAL DETALHES — Nº 5 — 15,00
TESTES DE INTELIGÊNCIA — ÚTIL - INSTRUTIVO — CONTAGEM DE PONTOS — Nº 78 — 15,00
OS MELHORES PRATOS DA COSINHA FRANCESA — Nº 79 — 10,00
ESTIMULANTES SEXUAIS — EFICIENTES E NOCIVOS — Nº 67 — 15,00

DICIONÁRIO DA MITOLOGIA — LUIZ VICTORIA — APLICAÇÃO AO CHARADISMO — Nº 9 — 15,00
COMO TIRAR A SORTE — CARTAS — DADOS — BOLA DE CRISTAL — Nº 39 — 15,00
ENCICLOPÉDIA INDUSTRIAL OCULTISTA — FORMULAS PROCESSOS — Nº 10 — 15,00
AS CHAVES OCULTAS DO PODER — Nº 11 — 15,00
COMO INTERPRETAR OS SONHOS — Nº 12 — 10,00
COMO LER OS PENSAMENTOS — Nº 13 — 15,00
Quiro — COMO LER AS MÃOS — CONHEÇA O FUTURO — Nº 14 — 15,00
HIPNOTISMO PRÁTICO — Nº 15 — 15,00

DICIONÁRIO DE CITAÇÕES DE FRASES CÉLEBRES — LUIZ A. P. VICTORIA — Nº 80 — 15,00
SEGREDOS DE HOLLYWOOD PARA A BELEZA FEMININA — Nº 33 — 20,00
MANUAL DO Motorista — MECÂNICA - TRÁFEGO — Nº 36 — 15,00
O NÚ ATRAVÉS DA ARTE — Nº 1 — 20,00
MANOEL MACÊDO — Cartas de Amôr — Nº 20 — 15,00
MANOEL MACÊDO — Correspondência Amorosa — FRASES ESCOLHIDAS — Nº 21 — 15,00
QUEBRA-CABEÇAS MÁGICAS E PASSATEMPOS — Nº 22 — 15,00
COMO SE FAZER AMAR — 15,00 — Nº 23 — 15,00

LIÇÕES DE ITALIANO SEM MESTRE — MÉTODO PRÁTICO E RÁPIDO — Nº 24 — 12,00
45 LIÇÕES FRANCÊS SEM MESTRE — PRATICO - RAPIDO — PRONÚNCIA FIGURADA — Nº 25 — 12,00
DICIONÁRIO MODERNO DE SEXO E AMÔR — CIENTÍFICO - CURIOSO DIFERENTE — Nº 7 - 15,00
ERROS DE PORTUGUÊS E SUAS CORREÇÕES — Nº 26 — 15,00
LUIZ A. P. VICTORIA — FALA E ESCREVE CORRETAMENTE A TUA LÍNGUA — CRASE, PONTUAÇÃO, ACENTUAÇÃO, CONCORDÂNCIA, BARBARISMOS ETC. ETC. — Nº 27 — 15,00
A FELICIDADE SEXUAL no casamento — Nº 3 — 15,00
MANUAL DO DETETIVE AMADOR — Nº 29 — 10,00

ALEMÃO SEM MESTRE — Nº 30 — 12,00
Aprenda Espanhol em quadrinhas — Nº 31 — 12,00
YES SIR! Inglês sem Mestre — 12,00 — Nº 32 — 12,00
A ARTE DE DESENHAR — Nº 70 — 30,00
TESTES PARA OS SEUS CONHECIMENTOS — Luiz Victoria — 2000 PERG. E RESPOSTAS — Nº 34 — 15,00
CALENDÁRIO DO JARDINEIRO AMADOR — ÉPOCAS DE PLANTAR E COLHER — CONSELHOS PRÁTICOS — Nº 16 — 15,00
Como evitar a SOLIDÃO AMOROSA — COMO CONQUISTAR E ARRUMAR NAMORADA — Nº 18 — 15,00

Contos - Poesia - Literatura
dos melhores autores a preços populares

O BANHO — EMILE ZOLA — O BEIJO E OUTROS CONTOS — 65 — 15,00
A DAMA DE ESPADAS — DOSTOIEWSKI, TCHECKOW, BUNIM, PUCHKINE, LERMONTOV — CONTOS — 35 — 10,00
ANA KARENINA, A DAMA DAS CAMÉLIAS, MADAME BOVARY, FILHOS E AMANTES, NANÁ, THAIS — CENAS DE AMÔR DOS MELHORES ROMANCES — 81 — 10,00
Pensamentos sobre o Amôr — Stendhal — 19 — 15,00
CONTOS FASCINANTES — OS SEIS NAPOLEÕES — CONAN DOYLE (SHERLOCK HOLMES) — E OUTROS CONTOS DE SOMERSET MAUGHAM, LAWRENCE ETC. — 63 — 10,00
MORTES CURIOSAS ESTRANHAS — 17 — 10,00
J. MANOEL DE MACEDO — A MORENINHA — 81 — 15,00
MEZZABOTTA — O PAPA NEGRO — 83 — 40,00
ESPUMAS FLUTUANTES — CASTRO ALVES — 46 — 10,00

A ARTE DE Desenhar a Mulher — NÚS ARTÍSTICOS — Nº 42 — 30,00
DESENHAR CARICATURAS — 30,00 — Nº 43 — 30,00
COSTUMES SEXUAIS ESTRANHOS — Nº 4 — 15,00
TÉCNICA E PRÁTICA SEXUAL — HAVIL — Nº 2 — 20,00

Peça pelo Reembolso
(não mande selos, dinheiro nem Vales Postais)

Não podemos atender pedidos de qualquer forma adiantada de pagamento. Basta mencionar Reembolso

TAMBÉM À VENDA NAS LIVRARIAS
(Não temos catálogo)

EDITORA GERTUM CARNEIRO S.A.

Rua México, 128 - Dep. 30 - RIO

Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

Nos pedidos abaixo de Cr$100,00 há aumento de 10%

NOME ....

RUA ....

LOCALIDADE ....

ESTADO ....

GRÁFICAS DE CINEMA



EM ROMA. Sabu (lembram-se de "O menino e o elefante"?) escuta uma anedota contada por De Sicca. Ambos tomarão parte no filme "Bom dia, elefante". Decididamente, o ator indiano é dos paquidermes!

O CASAMENTO DE VALENTINA CORTESE DEIXOU DE SER SECRETO COM O NASCIMENTO DO PRIMEIRO FILHO ★ BOB HOPE DEFRONTA-SE COM JACK DEMPSEY E INGRID BERGMAN FILMA DURANTE A NOITE, NOS BECOS DA VELHA ROMA.

ÉRAM em reduzido número aquêles que sabiam estar casada a atriz italiana Valentina Cortese com o ator norte-americano Richard Basehart. O matrimônio tivera lugar faz justamente um ano, em Londres, porém agora, quando o casal se encontrava em Santa Monica (Califórnia), deu-se o nascimento de um bonito garôto e não foi mais possível manter o sigílio. A notícia veio a lume e foi a sensação de tôda a colonia cinematográfica durante alguns dias. Entrementes, Bob Hope era desafiado para uma luta de box pelo ex-campeão mundial Jack Dempsey, e com êle se batia, ficando em nocaute no fim de quinze minutos. Ainda que pareça mentira, o caso é autentico, mas aconteceu durante um programa de televisão em Hollywood... E em Nova-York, deu-se recentemente a estréia de Judy Garland no palco do Palace Theatre, na Broadway, cantando e representando. Desde que os estúdios da Metro não lhe davam novas oportunidades, Judy Garland experimentou o teatro musicado e parece que foi um sucesso. Marlene Dietrich foi levar seu abraço de solidariedade e afeto à colega, ela que também anda em maré de ostracismo... E finalmente, Nancy Valentine embarcou no "Queen Elizabeth", de Nova York para a Índia, onde foi encontrar-se com o marajá Di Behar, rico proprietário de terras e de um palácio em Calcutá. Ambos contrairam núpcias em 1949, nos EE. UU., mas a cerimônia terá de ser repetida segundo o ritual indú.



NANCY VALENTINE trocou Hollywood pelo matrimônio com o marajá Di Behar, rico proprietário de terras em Calcutá, na Índia. "Melhor que o cinema só um marido milionário" disse a linda atriz.



MARLENE abraça afetuosamente Judy Garland, na noite em que Judy estreou no Palace Theatre (Broadway), agora que o cinema não quer mais nada com ela.



VALENTINA CORTESE que se havia casado secretamente com Richard Basehart, deu à luz um futuro astro, em 12 de outubro, na Califórnia, onde ambos residem.



BOBE HOPE lutou com Dempsey, mas num programa de televisão, em Hollywood. Reparem as dimensões das luvas do cômico que mesmo assim ficou nocaute.



INGRID BERGMAN passeando na ilha de Capri, onde ela e o marido (Rosselini) confabularam secretamente com David O. Selznick e sua espôsa Jenifer Jones.

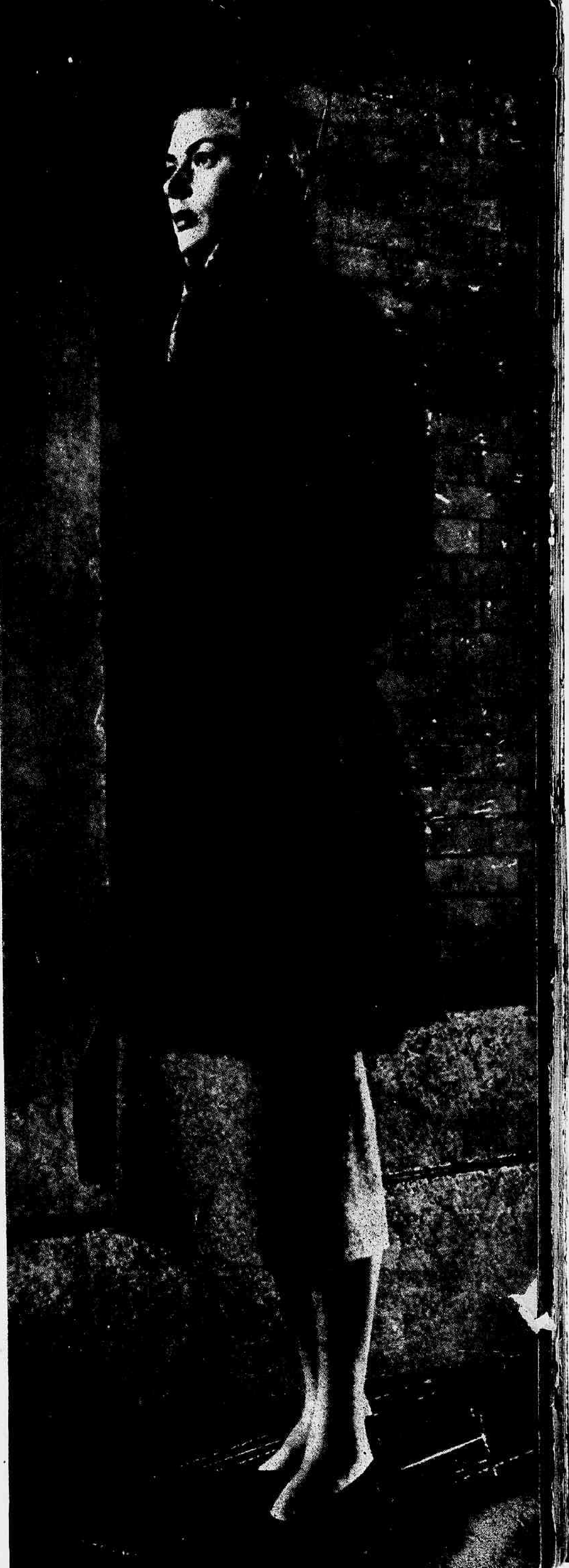


DEPOIS DE DOIS ANOS de afastamento do cinema, Ingrid Bergman deixou a tranqüilidade de Roma para iniciar a filmagem de «Europa 51», dirigida por seu marido Roberto Rosselini. De cima para baixo: Rosselini orienta a espôsa (na direção do carro), para a primeira tomada de câmara. — O pessoal do estúdio prepara-se para o início do filme que é feito em plena via pública da capital italiana. — Ingrid e o marido voltam para casa, às sete da manhã, depois



da primeira noite de exaustivas filmagens. À direita, a «estrêla» no papel central do filme, uma senhora da alta sociedade, estrangeira, que vive há muito tempo em Roma e, acidentalmente, se vê envolvida num caso policial. «Europa 51» começou a ser filmado à meia-noite de 24 de outubro último, devendo estender-se por três meses, e desmentiu os propalados rumores de um desentendimento do casal.

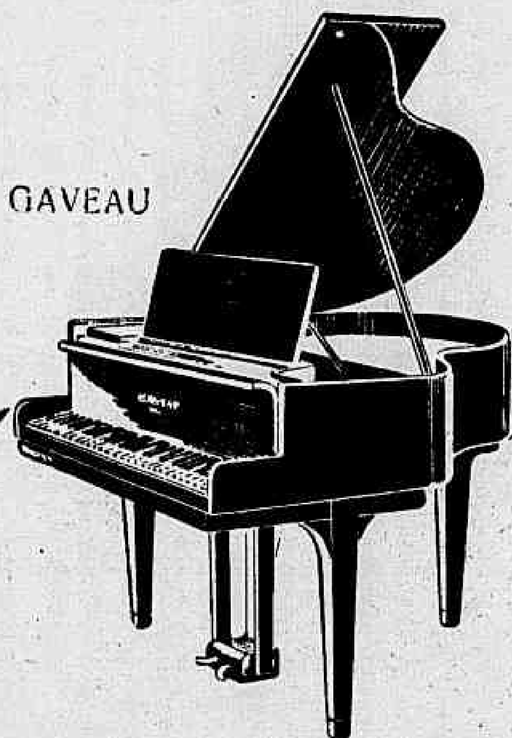




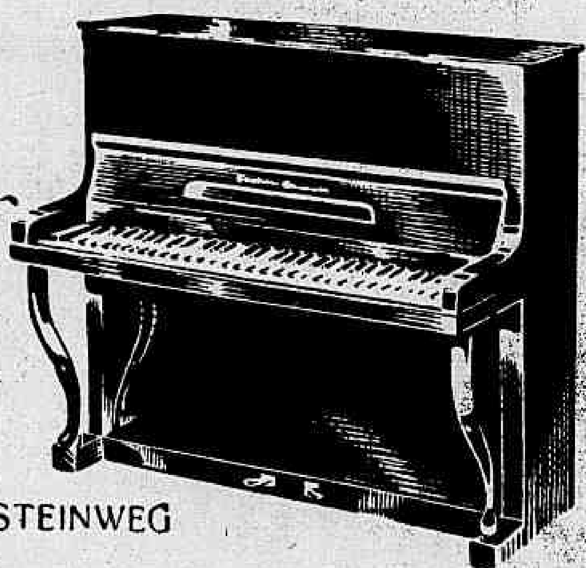
Pianos

DAS MELHORES MARCAS E PROCEDÊNCIAS

GAVEAU



Em pianos, prefere-se, sempre, a ALTA QUALIDADE, e esta só é encontrada em marcas já consagradas pelos grandes mestres, de fabricantes mundialmente famosos, como GAVEAU, KEMBLE, PETROFF e GROTRÍAN-STEINWEG Estes pianos, dos tipos armário e cauda, reunem, em seu esmerado acabamento, o máximo em BELEZA e SONORIDADE até hoje conseguido na fabricação de pianos.



GROTRIAN-STEINWEG

Visite, em nossos novos e amplos salões de venda, no 1.º andar, a maior exposição permanente de pianos no Brasil, e comprove, pessoalmente, as QUALIDADES insuperáveis de nossas marcas.

COMPRAR EM MESBLA É TER CERTEZA DE ESTAR ADQUIRINDO UM PRODUTO DE QUALIDADE

...e lembre-se: um CREDI-MESBLA resolve seu problema!

DISTRIBUIDORES

MESBLA

Rua do Passeio. 42/56

pro-digvr WI

O PEQUENO CONTO

PREVENIR É MELHOR



O sr. Orson Waithbridge era um dêsses cidadãos precavidos que ao descer a escada de sua residência, o varria com o olhar circunspecto, certificando-se e tranquilizando-se para depois prosseguir.

Quando demandava o emprêgo, carregava sòmente o dinheiro para o coletivo, ida e volta, para o exemplar do "Times" e um penny para os caramelos de açúcar queimado. Podia-se virar o nosso homem de cabeça para baixo, que nada mais sairia de seus bolsos, além de um relógio e respectiva corrente, herança de um tio-avô, e mais uma lapiseira e caneta.

Entre as muitas qualidades dêsse cidadão de S. M. Britânica, existia acentuado espírito — conforme dissemos — de precaução. Gostava de ser previdente até a minúcia. Previa tudo: sol ou chuva, vento ou calmaria, movimento maior ou menor pelas determinadas ruas por onde deveria passar em sua rotina diária e obrigatória, minutos, horas, quartos de hora.

Jamais tinha sido pilhado desprevenido. Nem o relógio sem corda, nem a caneta sem tinta e nem o lapis sem ponta. Jamais metera-se em aglomerações de gente. Jamais parou, por curiosidade, no percurso, quando via amontoado de pessoas.

Tudo isso porque temia tremendamente ser assaltado! Temia pelo relógio, pela caneta, pelos rebouçados e, sobretudo, pela sua epiderme. Criara um complexo de inferioridade devido à leitura das crônicas rubras do seu jornal predileto. Quando ocorria um crime misterioso via, em cada semblante dos transeuntes, o delinquente foragido. E se alguem o fixava, então eram calafrios pela espinha dorsal. Segurava, logo, frenético, o cabo da garrucha dos tempos coloniais, punha-se na defensiva, sempre precavido, atento...

Certo dia teve que prolongar seus afazeres no escritório da firma onde mourejava desde muitissimos anos Quando enveredou para a sua moradia, já estava bem escuro e o "fog" londrino empanava a visão.

Coseu-se aos muros e, esbugalhando os olhos, ia procedendo, atemorizado, quase trêmulo, ainda mais que o "vampiro de Chlester" andava à sôlta com tôda a Scotland Yard no encalço!

★

Ao dobrar uma esquina quase que esbarrou com a sombra de um outro indivíduo. Um múrmurio de desculpas recíprocas e depois a sombra moveu-se decidida em sua direção:

Viu a sombra meter a mão no bôlso e julgou que buscasse uma arma. Não podia errar: era o "vampiro" esperando mais uma vítima!

Precavido como sempre, vinha andando com o cabo da garrucha em sua mão trêmula. Sem responder "água vai", retirou a arma, detonando-a de encontro ao desconhecido. Êste, com urro de animal ferido, tombou ao solo, estorcendo-se nas vascas da agonia.

Como por milagre, surgiu da penumbra cinzenta do nevoeiro uma multidão que o cercou. Os "policemen" também acorreram. Ao ser seguro pelas manoplas dos policiais agigantados, sorrindo com ares superiores, o sr Waithbridge declarou:

— Prevenir é melhor que remediar... Podia ser o "vampiro" e eu não vou em corrida de ganço...

★

Não conseguiu remediar, porém, a sua situação e ainda hoje está penando atrás dos altos paredões do triste cárcere de Londres, onde terminará seus dias e seus temores!

AVENTURA • SENSAÇÃO • INTERESSE



TUDO PORÉM DENTRO DE UM INFLEXÍVEL CRITÉRIO DE SELEÇÃO

É o que os leitores encontram em algumas histórias que completam os mil assuntos diversos do

"ALMANAQUE EU SEI TUDO"

Á VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL POR Cr$ 25,00

Informações sôbre o Ano — Calendário Católico e Calendário Israelita

•

OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR RICAMENTE ILUSTRADOS

•

Um magnífico e empolgante romance: **"ESTRÊLA DA MANHÃ"**

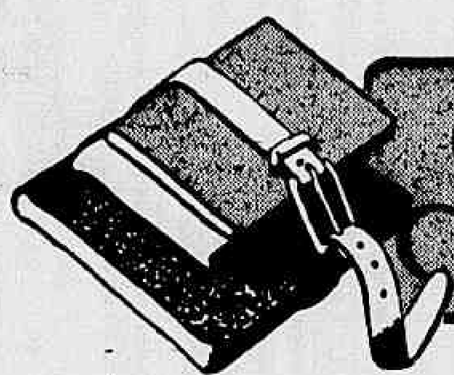
HISTÓRIAS PARA ADULTOS E PARA CRIANÇAS, PARA O HOMEM E PARA A MULHER.

ANEDOTAS ★ CHARADAS ★ CURIOSIDADES SÔBRE A VIDA ★ NOTAS PARA O LAR ★ QUEBRA CABEÇAS ★ PASSA-TEMPO.

Leia o "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um livro com cêrca de 400 páginas escolhidas e feitas para todos os gostos do público

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO

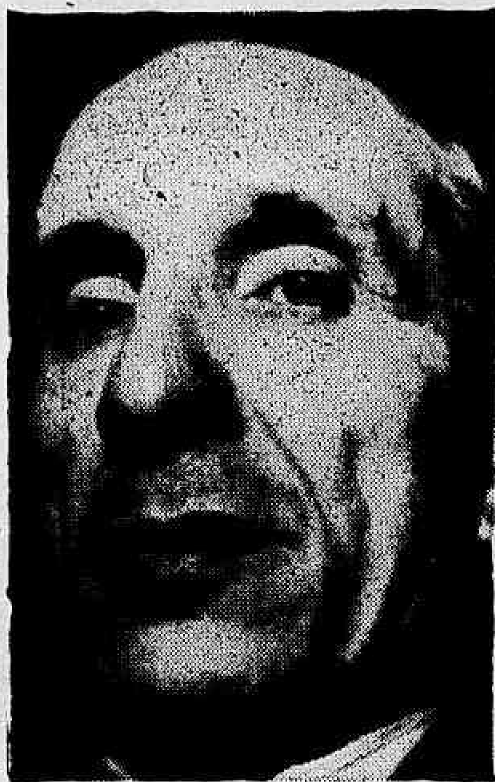


Semana Literária



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



AGRIPINO GRIECO

AGRIPINO GRIECO continua a trabalhar sua obra de maturidade, prometendo-nos, além de outro, seu livro de memórias. Como o diabo que, depois de velho, se fêz ermitão, o ágil Mefistófeles de nossas letras, sentindo os primeiros fios de prata na pêra aguda como o seu espírito e o seu florete — também se retira ao seu monastério, pendura a toledana ilustre ao cabide e põe-se a amar as musas, não mais como um espadachim, porém como um apóstolo.

Admirável êsse homem que, depois de ter exercido, com singular galhardia, o mandato de acusador público em nosso irritável mundo literário, um belo dia, sem reumatismo e sem preguice, depõe a sua lança quixotesca, coberta de louros e de farrapos, tanto foi brandida contra as togas falsas e contra as clâmides de matéria plástica — resolvendo exilar-se de um mundo acabado, aquêle mundo de que falava há dias ("Movimento", n. 1) onde uns já deixaram de ser e outros não chegaram a ser. Admirável êsse escritor que, tecendo de pilherias e de frases de espírito as suas coroas de espinhos, fazia a crítica, uma senhora sempre de anquinhas e babados, vestir-se pelo último figurino: "Êsse homem que ia pregando suas farpas agudas nos toutiços, enfeitando-as, porém, de fitas e de guisos, como um elástico "matador", preferindo o jôgo espetacular das "verônicas" ao "climax" violento da espada. Sua crítica, a que nossa história literária irá buscar os juízos exatos, por mais humorísticos que sejam, as sentenças definitivas, por menos graves que pareçam, para a revisão de valores e a exata classificação de nossas letras, em um longo período de atividade — sua crítica fêz verdade, fêz justiça e ainda teve isto de meritório: fêz rir. As agruras de seus cautérios continham, sempre, um gaz hilariante: queimavam as vítimas, mas despertavam, em volta, o bom humor. Daí a confusão: muita gente, sem espírito esportivo, andou vendo, em sua crítica, apenas o humorismo, a verve, a "vis cômica". E, em um país triste por tantos motivos, onde a solenidade das letras é um legado acaciano de que não nos podemos desembaraçar - Agripino Grieco, inquisidor do ridículo, Torquemada das fogueiras de papel (impresso) querendo dar ao público o espetáculo humorístico que encontrava ao seu caminho, generoso nisso, oferecendo entradas para o circo, em vez de escamotear a anedota — Agripino, êsse grande Agripino ficou sendo, principalmente, o crítico que ria, quando êle é, na verdade, um grande crítico, "tout court", o Cyrano de nossos costumes literários, ferindo com seu flexível florete de gascão, mas fazendo "blague", enquanto isso — "QU'A LA FIN DE L'ENVOI JE TOCHE!" — como poderia dizer êle também.

O Recife de Coral

(J. M. DE HEREDIA)

O sol, dentro do mar, em misteriosa aurora
O profundo brenhal dos corais ilumina,
Mesclando ao fundo da bacia esmeraldina
A fauna florescente e a luxuriante flora.

E tudo que de sal e de iôdo se colora,
O musgo, a actínia, o ouriço e a pobre alga franzina
Põe desenhos irreais de nuança purpurina
No chão rendado a que o pólipo se encorpora.

Apagando o esplendor da sombra iriada, passa
Um peixe a navegar na trama que se enlaça;
Ora as águas alisa, ora as águas desfralda.

Súbito, agita em leque a barbatana enorme
E à tona do cristal da água mansa que dorme.
Corre um frêmito de ouro e nácar e esmeralda.

OLEGARIO MARIANNO

NOTA — Olegário Marianno, que acaba de ser distinguido com o título de Comendador da Legião de Honra, pelo govêrno da França, fêz há dias, na Rádio Globo uma palestra sôbre poetas franceses traduzidos, declamando várias traduções suas, entre elas o sonêto acima, de Heredia, de que a sua tradução, sem dúvida, é a melhor das muitas feitas no Brasil.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

O poeta Reynaldo Bairão e o desenhista Darcy Penteado ofereceram, em seu apartamento, um coquetel ao crítico de arte Marc Berkowitz. Estiveram presentes à reunião os poetas Antônio Rangel Bandeira e Cyro Pimentel, os romancistas José Geraldo Vieira e Maria de Lourdes Teixeira, o bibliófilo Hernani Seabra e sra., o Coronel Euryale Zerbini e outros.

★

Roland Corbisier pronunciou, no auditório do Museu de Arte Moderna, uma conferência sôbre "Albert Camus e a filosofia do absurdo".

★

A conhecida planista e compositora Eunice Catunda realizou, no Museu de Arte, um recital de música contemporânea, com o maior sucesso. No programa, Stravinski, Prokofieff e Bartok.

O professor S. Giedeon, autor de um livro famoso, "Space Time and Architecture" já em nona edição, realizou uma conferência, no Instituto dos Arquitetos, subordinada ao tema: "A humanização da vida urbana". Giedeon é, atualmente, professor de Teoria e História da Arquitetura, na Escola Politécnica de Zurique.

★

No Teatro São Paulo, a Sociedade Paulista de Teatro está apresentando a peça do escritor suiço W. O. Somin, "O Atentado". Nos principais papéis, Magdalena Nicol e Sérgio Brito; cenários a cargo de Hans Sachs; direção de Carla Civelli.



NA POEIRA DOS ARQUIVOS

JOTAGÊ

Tem observações muito felizes Renato Figueiredo em suas "Breves noções da História da literatura portuguêsa", Editorial Domingos Barreira, Pôrto. Vê-se, na 2ª edição, página 64, a respeito de Sá de Miranda: "As suas melhores obras são as cartas, nas quais o seu caráter honestíssimo nos dá lições duma rígida moral".

★

★ "A tendência dos índios para alongar os sinais breves das palavras portuguêsas era contrastada pela contrária dos portuguêses para abreviar os finais longos das palavras indígenas". — frisou, muito bem, o conselheiro Macedo Sorase, página 24 das Obras Completas (Antônio Joaquim, "Estudos Lexicográficos do dialeto brasileiro", Imprensa Nacional, Rio, 1943).

★

★ E' antiquíssimo o atomismo, como tradicional é a literatura antecipar-se à ciência... Leiam as páginas CXXXII e CXXXIII da monumental introdução de Latino Coelho à "Oração da Coroa", de Demóstenes, Lisbôa, 1880, 2ª tiragem: "A química será no futuro, no período porventura ainda remoto, mas esplêndido das suas mais largas generalizações, a mecânica dos átomos..." E citou as palavras de Laplace de que, "nessa época", o progresso da ciências "determinará com tanta exatidão a curva descrita por um átomo, como se calcula a órbita dum planêta". ("Essai losophique sur les probabilités", Paris, 1816, página 6).

UMA POETISA



Estêve recentemente no Rio, e foi muito festejada em nossos círculos literários, a poetisa Eva Reis, cujo livro de trovas, «Fiandeira», vem obtendo merecido êxito. Eva Reis que é, também, notável artista de dicção, pondo tôda a sua sensibilidade na interpretação de poemas seus e alheios, deu um recital íntimo, na recepção que seu irmão, o pintor José Reis, ofereceu às suas amiguinhas e aos inúmeros admiradores da poetisa de Uberaba.

★

AS GRANDES INSPIRADORAS



Ao lado de todo homem de gênio, há sempre uma mulher amada. Quem disse isso? Vitor Hugo? Não nos ocorre no momento, mas talvez o leitor se lembre de quem é a frase feliz. O que nos importa é iniciar aqui esta galeria de «Grandes Inspiradoras», isto é, das mulheres que, de qualquer forma, foram as musas terrenas dos grandes escritores e poetas. Para iniciar a série, temos hoje Madame Hanska, a amada de Balzac. Não podemos deixar de reconhecer que, entre tôdas as mulheres que passaram pela vida do gigante da «Comédia Humana», Eva Hanska foi certamente aquela que mais fecundou o seu gênio.

★

NOTÍCIAS DE S. PAULO

Finalmente saiu o número especial da revista "Sombra", dedicado a São Paulo. Na página de poetas paulistas, organizada por Reynaldo Bairão, destacamos os poemas de Cyro Pimentel, Sérgio Milliet, Luís Martins, José Escobar Faria, Vicente Augustus Carnicelli, Maria José de Carvalho, Edgard Braga e José Geraldo Vieira.

Fora do Prelo

O LIVRO DA SEMANA:

Ainda "ODES"

NÃO era possível dizer, em uma só nota, tudo o que nos impõem os poemas, "Odes", de Edgard Braga. Por isso, voltamos ainda hoje a tratar do poeta paulista que marcou, com êsse livro recente, um dos acontecimentos poéticos de maior importância dêste ano prestes a terminar.

Dissemos anteriormente que Edgard Braga, por uma necessidade de classificação, a que a crítica não pode ser estranha, pois pertence ao seu praxismo, deverá ser considerado entre os neo-clássicos. Êsse detalhe não nos pareceu muito claro no corpo da notícia que demos de seus poemas. Assim, desde logo queremos afirmar que Edgard Braga não é um classicista por fôrça de um retôrno anacrônico ao passado, pela adoção de processos fixos de poetar, por uma retórica fanada ou pela preocupação dos velhos coloridos. Poderiam entender isso, de nossas palavras, e aqui nos apressamos a evitar a confusão. Edgard Braga é um poeta perfeitamente atual, como forma e como sensibilidade. Aliás, os nomes que citamos como de representantes de sua família poética, Fernando Pessoa e Rilke, esclarecem êsse ponto. Se insistimos agora, é pelo fato mesmo do caráter de modernidade, de atualidade da poesia de Edgard Braga ser tão marcado nestas "Odes". Temática, forma, vocabulário, ritmo, equilíbrio, harmonia — tudo isso, em "Odes", é de um atualismo, de uma originalidade, de um ineditismo extraordinários. E todos os seus versos nos dão a impressão de um permanente vir-a-ser, de obra em criação, sem que lhes falte o sôpro de eternidade, sem que padeçam, nesse artezanato apurado, da falta do mistério emocionante da poesia.

Há, aqui, um sentimento arquitetônico de verso que se combina extraordinàriamente à noção musical Nestes poemas, não encontramos apenas aquela música que os "modernistas" quiseram exilar do verso e que a nova geração recuperou, às vêzes com magnífica fôrça, como é também o caso de Marcos Konder Reis, provando-nos, ao mesmo tempo, que a música poética não decorre das rimas, nem tão pouco da obcessão rítmica, mas de uma combinação miraculosa, nos versos, tanto de seus valores plásticos internos, como do sentido do vocabulário e do emprêgo, melhor, do aproveitamento das palavras. Edgard Braga possui essa música poética. Relendo, cada vez com maior deleite, estas "Odes", tivemos, nesse sentido, surprêsas deslumbrantes, como, por exemplo, na ode XX, que lamentamos não poder transcrever aqui. Assim, nas odes XXX e XXXIII. Essa música, porém, não é só. Há a presença dos volumes, nestes poemas de uma construção de alta beleza hierática, mesmo quando toca os assuntos mais familiares, mais cotidianos e imediatos. E essa é outra função da poesia que os novos restabeleceram, o como que enobrecimento dos motivos tratados. Se os modernistas inventaram o "poema-piada", em que se procurava principalmente degradar os grandes temas, esta nova geração vem buscando elevar a poesia ao seu nível clássico, situando-a naquelas altitudes que veio perdendo através dos românticos, e das gerações que os sucederam, até ao modernismo. Os poetas de espírito neo-clássico, como Edgard Braga, conseguem isso com inteira probidade. Podemos vê-lo também nas "Odes". A poesia aqui se veste de nobreza, tem jerarquia, tem classe — e daí êsse batismo de "novo classicismo", exigência de catálogo, mais do que de crítica, é certo, mas que esclarece muito.

Sempre importou, no poema, a disposição dos versos. É lapalissiano isso. Entretanto, essa ordem externa, êsse pormenor de composição, basta, muitas vêzes, para mostrar a fôrça de um poeta. E' que também êsse alinhamento, por mais material e físico que pareça, também é função de poesia, também participa do inexplicável milagre da inspiração. Pode ser simples grafia, marcando os poetas menores, e pode ser, mais raramente, arquitetura poética, como no caso de "Odes". Todo poeta, como todo pedreiro, pode construir um telheiro ou uma catedral. Êsse sentimento do volume lírico, como talvez possamos dizer, uma das marcas do poeta maior, é que participa intimamente da poesia de "Odes". Também aí há número e também há ritmo. E' o que sentimos neste livro, onde o mundo poético se ordena prodigiosamente, envôlto na atmosfera imponderável da poesia.

Edmundo Lys

ISTO E' SÃO PAULO! — Falar aos olhos é mais fácil do que falar à inteligência. Mas tanto aos olhos quanto à inteligência são dirigidas as magníficas fotografias — exatamente noventa e sete — que formam o livro "Isto é São Paulo!". Flagrantes bem escolhidos da capital bandeirante, assim da terra como do homem, são apresentados em ótimo papel e com pequenas legendas elucidativas. Trabalho das Edições Melhoramentos, "Isto é São Paulo!" comunica o leitor com o progresso da metrópole paulista.

AVENTURAS NO MUNDO DA CIÊNCIA — Correndo à narrativa, em linguagem fluente, José Reis, tão apreciado dos leitores de obras infanto-juvenis e de trabalhos de agricultura e pecuária, acaba de publicar, através das Edições Melhoramentos, "Aventuras no mundo da ciência". O título define o livro: divulga, sem pedantismo, conquistas científicas das mais recentes, pondo-as ao alcance de todos. São páginas ilustradas que mestres e alunos lerão com justificado prazer.

DEIXEM PASSAR OS MARREQUINHOS — Da sua afamada série de livros para a infância dá-nos mais um a Melhoramentos: "Deixem passar os marrequinhos", de Robert Mccloskey. A história é pequena, como convém a leitores de idade ... modesta. Mas as gravuras, que ocupam quase tôdas as páginas, constituem uma atração fascinante, quer pela originalidade, quer pela beleza do traço. Com a aproximação das festas de fim de ano e Natal, obras como essa representam cubiçado presente.

PENSAMENTOS DE GUERRA JUNQUEIRA — Guerra Junqueira,viverá enquanto houver dignidade mental, respeito às grandes criações da inteligência e do sentimento. Por isso mesmo, é sempre um companheiro vivo, êsse companheiro que nos traz o trabalho da escritora e poetisa lusíada Estela Brandão: "Pensamentos de Guerra Junqueira", (Editorial Domingos Barreira, Pôrto). Além da biografia do poeta, com indicação das obras, transcreve-lhe as poesias mais opulentas de imagens e uma série de conceitos colhidos nas várias páginas do autor de **"Os Simples"**.

UMA PERSONAGEM



ANA LUZ, uma interessante figura de mulher apaixonada, no romance «Don Gaúcho», livro de aventuras romanescas de Alyce Pollock e Ruth Goode, com ambiente histórico, tendo como «background» a libertação da Argentina.

O DIARIO DE JAMES FORRESTAL

OS ACONTECIMENTOS PROGNOSTICAM A RENÚNCIA DE FORRESTAL ★ MEDALHA DE MÉRITO NUMA CERIMÔNIA INESPERADA

Tradução de OCTAVIO A. DE AZEVEDO

(Exclusividade para o Brasil adquirida pela REVISTA DA SEMANA — Interditada a reprodução no todo ou em parte)

22. A renúncia

NOS primeiros dias de dezembro de 1948, o Presidente declarou na conferência da imprensa que por enquanto não haveria mudança no Secretariado mas, no dia 7 de janeiro de 1949, foi anunciado a exoneração de Marshall juntamente com a do subsecretário Lovett. Dean Acheson o substituiria na Secretaria do Estado e James E. Webb, o antagonista de Forrestal e ex-diretor da Receita, seria o substituto de Lovett. No dia 8 do mesmo mês, foi dada à publicidade o relatório anual de Symington, secretário da Aeronáutica, o qual solicitava ainda uma vez o grupo de setenta para a Fôrça Aérea, provocando assim o reinício da controvérsia do ano anterior e abalando ainda mais a posição de Forrestal, que começou a ser visado pelos comunistas. No dia 9 de janeiro Walter Winchell anunciou pelo rádio uma notícia sensacional dizendo que no correr da semana o Presidente assinaria a exoneração que Forrestal solicitara e ao mesmo tempo atacou-o ferozmente acusando-o de haver fundado, há vinte anos, uma corporação canadense justamente para reduzir seu impôsto de renda.

No dia seguinte, o secretário do Presidente encarregado da imprensa, Charles C. Ross declarou peremptoriamente que a notícia divulgada por Winchell não era exata e mais tarde quando os repórteres perguntaram a Forrestal se ia continuar, êste respondeu-lhes: — "Certamente. Sou uma vítima do drama de Washington". Assim amainaram-se os boatos sôbre a tão comentada exoneração, principalmente quando o Presidente deu a entender que tudo o que se dizia não passava de invencionice. Em 16 de janeiro Drew Pearson renovou o ataque pelo rádio e, relembrando a declaração categórica de Winchell, disse que o Presidente deixara de assinar a exoneração de Forrestal por causa da sua divulgação antecipada pelo rádio. Pearson atacou novamente a corporação canadense adicionando-lhe uma complicada história de um roubo antigo das jóias da senhora de Forrestal e que muito abalara o seu ânimo. Forrestal pediu aos seus advogados que preparassem um libelo contra Pearson e quase todos seus amigos foram de opinião que êle devia processá-lo. Todavia nunca foi dada a autorização para a apresentação da queixa crime e tudo caiu no esquecimento. Mais tarde um outro indivíduo, por meio de uma outra estação de rádio, acusou Forrestal de maneira improcedente dizendo que êle tinha grandes interêsses financeiros num cartel que controlava a antiga firma nazista J. G. Farben e os amigos exigiram uma explicação.

A FADIGA COMEÇA A DAR SINAIS

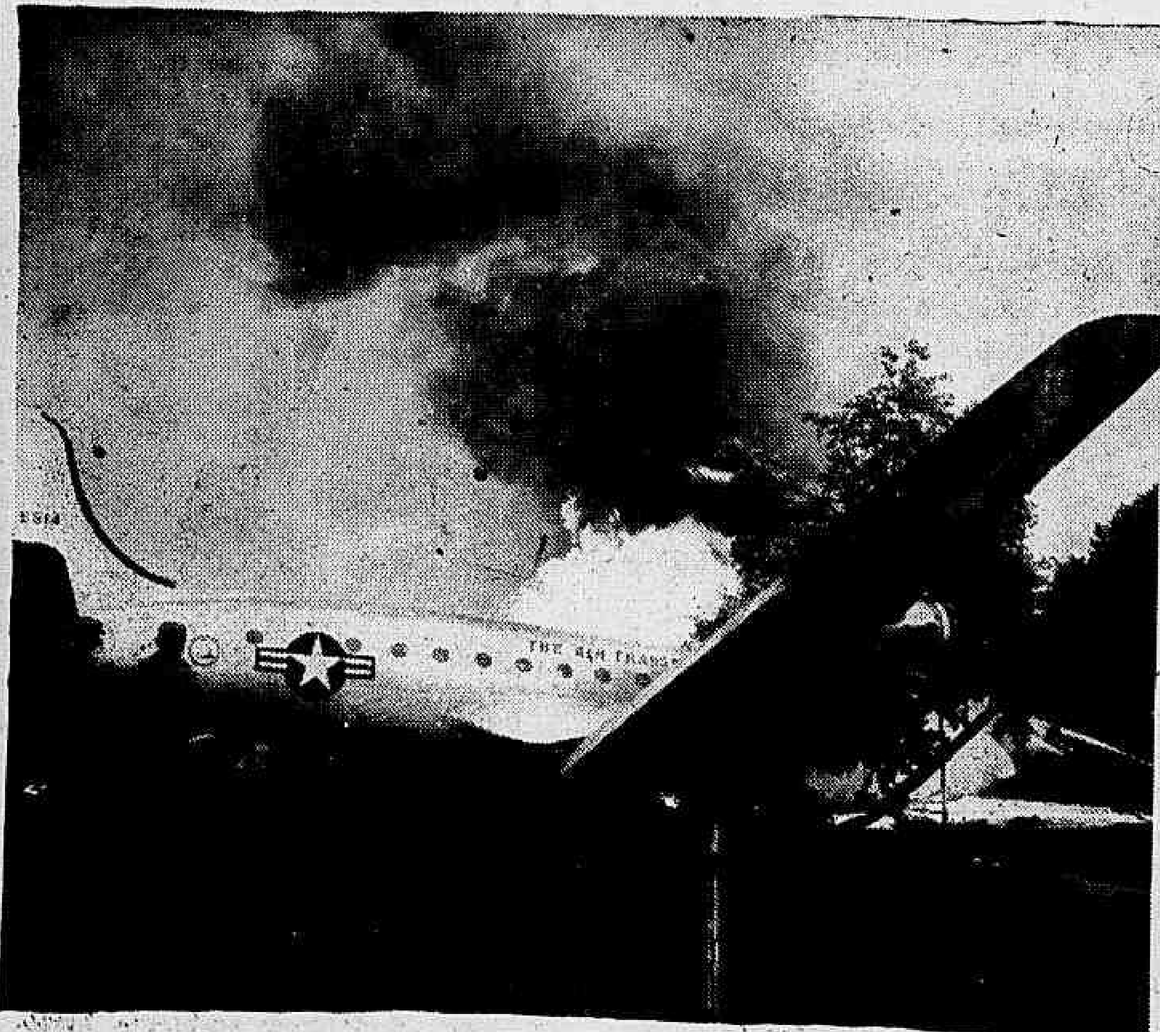
NÃO há dúvida que Forrestal estava cansado e, à proporção que a fadiga ia aumentando, diminuía-lhe a capacidade para as decisões, segundo dizem os que com êle lidavam. No dia 21 de janeiro o general Eisenhower voltou à atividade para ocupar o cargo do primeiro conselheiro militar de Forrestal. "Uma das razões", disse o general, "que justificam a necessidade de auxílio que Forrestal sentia, era a sua honestidade imperante e ao mesmo tempo a grande aspiração que tinha de bem servir à pátria. Dava a máxima atenção às propostas, mesmo quando tinha a certeza de que eram parciais ou, até mesmo, desfavoráveis. Tinha o dom de ver a verdade entre partes em questões importantes que por vêzes eram um redemoinho, dificultando uma decisão acertada".

Certamente que quando Forrestal em carta datada de 13 de janeiro, dirigida a um amigo, na qual dizia que ia ficar por "mais algum tempo", o assunto já tinha sido discutido com o Presidente e o tempo da prorrogação já estava estipulado. No dia 28, nova conferência com o Presidente, mas no diário nada consta a respeito, acreditando-se, entretanto, que Forrestal tenha conversado sôbre o caso e a data da sua sucessão. Louis Johnson dá detalhes sôbre o ocorrido: — "Nos últimos dias de janeiro, o Presidente mandou-me chamar e disse-me que Forrestal desejava conversar comigo e, tratando-se de um amigo, pediu-me para ouví-lo com a máxima consideração... Quando eu ia deixar a Casa Branca, saindo de um corredor e vendo-me, chamou-me... Pediu-me Forrestal para substituí-lo na pasta do Secretário da Defesa, acrescentando que o Presidente já havia concordado... Respondi-lhe que a imprensa já contara uma história dizendo que eu andava confabulando contra êle porque a sua pasta me interessava. Forrestal replicou que conhecia a história e que, pelas averiguações feitas, ficou satisfeito em saber que nem uma só palavra de tudo que se dissera era verdade".

RECUSA O CARGO DE EMBAIXADOR

SEGUNDO Johnson a exoneração estava marcada para o dia 1º de maio o que êle ficaria interinamente como substituto. Forrestal, segundo se supõe, estêve em visita ao gabinete de Johnson diversas vêzes e que do Departamento da Defesa, de quando em quando, enviavam-lhe material documentário. Ao que parece, para Forrestal a sucessão estava menos firme do que Johnson supunha. Em fevereiro, Forrestal já falava sôbre a possibilidade da indicação de um terceiro candidato para substituí-lo e mostrava-se reconhecido ao Presidente pela maneira leal com que sempre o distinguiu. Sabe-se que Forrestal rejeitou a proposta ou mesmo a oferta que lhe foi feita para uma das mais importantes embaixadas.

O desfecho foi rápido. No dia 1º de março, ao meio dia e trinta estava marcada uma audiência entre o Presidente e Forrestal, que nada anotou sôbre o assunto, mas, por intermédio de um amigo, soube-se mais tarde que nesse encontro o Presidente pediu a Forrestal para enviar a carta pedindo a exoneração, com urgência e que isso lhe causou uma "grande decepção", pois até aquêle momento nunca passou pela idéia de Forrestal que a sua exoneração tivesse que ser tratada com tanta pressa. Diante da situação, êle



GRANDE AVIAO militar de transporte norte-americano, C-54 cai e incendeia-se ao atingir o aeródromo de Tempelhof, capital da Alemanha, salvando-se a tripulação, a 16 de agôsto de 1948



TRUMAN DISCUTE com o General Gruenther Jr., Chefe do Estado Maior do General Eisenhower na Europa, e com o Secretário Forrestal, problemas de defesa, durante umas férias em Key West.



CORTEJO FÚNEBRE do Secretário da Defesa dos Estados Unidos, James V. Forrestal, chegando ao cemitério Nacional de Arlington, onde foi sepultado com tôdas as honras militares. Sua morte foi trágica, atirando-se êle do 16º andar da Casa de Saúde em que recebia tratamento, na noite de 21 para 22 de maio de 1949. A nação inteira chorou sua morte

começou a redigir a referida carta com a máxima atenção e cuidado, revendo-a diversas vêzes e alterando a data. Finalmente fixou a data em 31 de março e seu secretário perguntou-lhe se era aquela data que o Presidente queria. Forrestal respondeu dizendo que o Presidente desejava que êle ficasse até ao dia 1º de junho, mas que seu desejo era demitir-se o mais breve possível.

O PEDIDO DE EXONERAÇÃO

No dia 2 de março pela manhã, chegava à Casa Branca a tão esperada carta e no dia seguinte já se encontrava despachada juntamente com a nomeação de Johnson. A carta com o pedido de exoneração falava de "motivos pessoais imperiosos" e na carta que o Presidente enviou em resposta concedendo-lhe a exoneração diz que graças a sua insistência Forrestal demorou-se mais do que esperava servindo ao govêrno: A carta presidencial termina com os seguintes dizeres: — "Por tudo que V. Excia. fêz pelo bem estar da pátria e pelos serviços que continuará a prestar com a mesma competência e experiência, apresento a V. Excia. os protestos da minha alta estima e consideração".

Louis Johnson em breve cerimônia, realizada no Pentágono, assumiu a pasta da Secretaria da Defesa no dia 29 de março. Forrestal dirigiu-se diretamente para a Casa Branca a fim de cumprimentá-lo e ficou muito surprêso ao se defrontar com uma segunda cerimônia na qual o Presidente condecorou-o com a medalha do mérito pelos notáveis serviços prestados.

No dia seguinte Forrestal partiu de avião para Hobe Sound, na Floresta, a convite de Robert Lovett seu velho amigo e colega de tantas crises ocorridas quando fazendo parte do Secretariado. Infelizmente a saída de Forrestal não teve o resultado que se esperava. Logo que deixou a pasta Forrestal teve uma depressão tão forte que, um ou dois dias depois, tiveram que apelar para os serviços de um psiquiatra. No dia 2 de abril já estava de volta em Washington e foi imediatamente internado no Hospital Naval em Bethesda, no Estado de Maryland.

O FIM TRÁGICO DE UMA CARREIRA

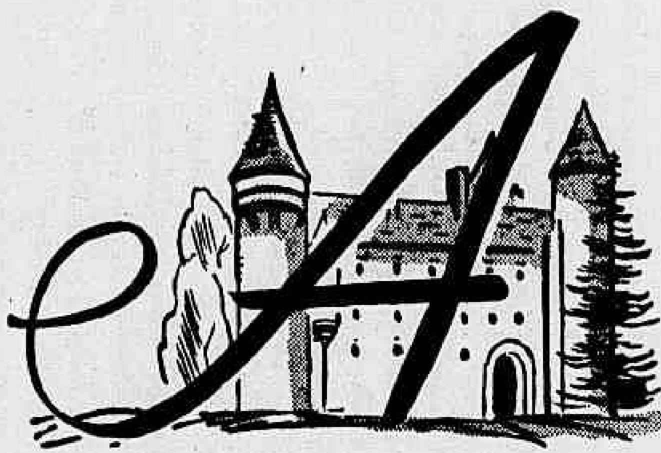
No fim de abril, Forrestal estava melhor com o tratamento e para os amigos que o visitaram, entre os quais o Presidente, êle parecia estar curado. Na segunda quinzena de maio seus médicos assistentes já pensavam em dar-lhe alta dentro de um mês ou mais e acharam conveniente moderar o tratamento rigoroso a que o vinham submetendo. Tal resolução foi um grande êrro. Na noite de 21 para 22 de maio, Forrestal estêve lendo até tarde no seu quarto no décimo sexto andar. O livro era a **"Antologia da Poesia Mundial"** de Mark Van Doren e estivera copiando o "Côro de Ajax" de Sofocles numa tradução de Winthrop Mackworth Praed:

Ó bela Salamina, o barulho das vagas
Ainda reboa em tôrno de ti,
E a marujada contempla as tuas plagas
Engastadas em pleno oceano.
Teu filho encontra-se em terra estranha
Onde Ida apascenta seus inúmeros rebanhos,
Longe das tuas amadas e saudosas rochas
Desgastadas pelo tempo
Desassossegado, anânimo e desesperado
Mas com a negra perspectiva do sepulcro
[que o espera...
Infeliz mãe no ocaso da vida,
Infeliz coração desolado e temporas gri-
[salhas
Quando lhe segredarem aos ouvidos
A triste história do filho amado!
"Infeliz, infeliz!", será a exclamação
Mas não como o suave e trêmulo lamento
Do pássaro solitário, do plangente rouxinol."

Aqui acaba a cópia; as fôlhas estavam guardadas dentro do livro marcado a página de onde as copiara. Eram três horas da manhã. Forrestal dirigiu-se para a cozinha, que era no mesmo andar, onde estava acostumado a ir por causa da sua dieta e atirou-se de uma janela sem grades que ali havia.

E foi desta maneira trágica que findou uma vida extraordinária e altruista. Na galeria da entrada principal do Pentágono há uma placa de bronze em sua memória, mas a realidade encontra-se no interior do edifício nas suas inúmeras salas ocupadas pela vasta organização da defesa que tanto deve a sua paciente administração. Do outro lado do rio, para onde a placa está voltada encontra-se a capital a que êle deu coragem, intuição e firmeza por meio dos seus conselhos e a grande nação a que serviu com a máxima capacidade e com inabalável integridade na sua deliberação.

Fim.



A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

DEPOIS das exibições acrobáticas dos cavalarianos, apareceu a artilharia, com seus pesados armamentos puxados por parelhas de cavalos. Leila, que já não havia gostado muito dos números anteriores, com quedas simuladas e saltos acrobáticos, diante daquele barulho e de tanto pó, sentia-se como que sufocada, com a respiração opressa. Olhava as manobras e não achava jeito de entusiasmar-se como a outros sucedia. Novamente fechou os olhos.

Mary Ballard, as faces em fogo, olhos brilhantes de alegria, volta-se para Porter:

— Não gosta disso? — Pergunta-lhe.

— E' de você que eu gosto, diz êle audazmente. E em seguida:

— Mary, você e eu não nascemos em momento favorável. Deveriamos ter nascido no tempo do rei Artur. Então eu poderia envergar uma armadura e ir tomar de assalto o seu castelo, sem preocupar-me da furiosa resistência que você pudesse apresentar-me do alto de sua tôrre. Eu saberia conquistá-la, forçando-a a descer e a vir ser-me apresentada na ponte levadiça. Então eu atravessaria o fôsso, fazendo-a minha prisioneira, e você ficaria tão impressionada com a minha bravura e minha fôrça que seria...

— Eu não seria coisa nenhuma! — Exclama ela com vigor.

— Espere, ao menos, que eu termine, — diz Porter friamente. Eu a encerraria na tôrre. Mas, tôdas as noites eu iria cantar à sua janela, e, por fim, você me jogaria uma rosa rubra!

Ambos se puseram a rir, quando, do outro lado de Porter, Delilah pergunta interessada e curiosa:

— Que acharam de tão engraçado?

— Não há nada de engraçado, respondeu Porter. Tudo é terrivelmente sério, para mim e também para Mary!

Nesse instante um dos cavalos cai por terra. Houve ligeiro murmúrio e, em seguida, silêncio. Como num movimento automático de engrenagem homogênea, tudo parou súbtamente. Muita gente indagou:

— Há feridos?

Barry olha para Leila e, em seguida, inclinando-se para o general:

— Eu vou levar esta criança para fora. Está branca como o linho. Ela não gosta nada disso. Voltaremos depois.

Leila recupera sua côr natural quando se vê ao ar livre, à luz do sol; mas insiste para que Barry volte ao quartel, onde estão os outros.

— Não vejo razão para que você perca o espetáculo, apenas porque eu não suporto aquilo. Posso ir sentar-me no carro de Porter e esperar que termine.

— Não tenho interesse nenhum nisso. E' coisa antiga para mim!

Então êles se puseram a andar em direção de Arlington, entrando na maravilhosa cidade onde repousam os restos mortais daqueles que deram a vida pela pátria do Norte, essa pátria que tinha sido antes o lar de hospitalidade para o Sul. A um recanto bem abrigado, êles se sentaram e Barry, sorrindo, se dirigiu à pequena e encantadora Leila:

— Então, está agora se sentindo bem, minha pequena?

— Sim. — Mas Leila não sorriu.

Barry se voltou para ela, inclinou-se e procurou fitá-la através do seu pequeno véu:

— Levante o véu. Quero ver os seus olhos.

Com a mão trêmula ela o ergue por um instante e deixa novamente tombar o vèuzinho prêso ao chapéu.

— Você chorou, Leila!

— Oh! Barry!

Esta exclamação mais parecia um grito, o grito de um pequeno passarinho ferido.

Barry deixa de sorrir.

— Minha queridinha, que é que se passa?

— Eu não posso dizer-lhe.

— Você precisa dizer-me.

— Não.

Uma magnólia de grandes ramos baixos os isolava do mundo. Barry põe sôbre as espáduas frágeis da jovem suas mãos dominadoras e a obriga a voltar para êle o rosto, seu delicado rosto em angústia.

— Você vai dizer-me é agora mesmo.

Ela respondeu com uma dignidade que nada tinha da puerilidade habitual.

— Barry, se um homem deseja que uma mulher lhe faça confidências, que confie nêle, é preciso, antes de tudo, que êle se mostre dígno disso.

— Bem...

E com ar de desafio:

— Que tenho eu feito?

— E não sabe?

— N... não.

— Pois então eu vou dizer-lhe. Sim. Eu lhe revelarei!

Em seguida, com súbita coragem:

— Estive hoje em casa de Delilah, esta manhã, e vi uma fotografia sua oferecida a ela, com palavras escritas por você.

Barry a fita fixamente com um sentimento de espontânea ternura. Era necessário explicar? E um sorriso baila em seus olhos:

— E então?

— Eu sei que você gosta de cortejar. Mas nunca pensei que chegasse a tanto!

— Mas Leila, eu lhe afirmo que não compreendo absolutamente nada! Desejo que você me esclareça, desde logo, o que você quer dizer com isso.

— Pois vou explicar.

Seus olhos já não estavam lânguidos, sim brilhantes de cólera. Ergueu-se, e, com as duas mãos metidas no "manchon", o véu a flutuar sôbre as faces coradas, começou a moça o ato de acusação:

— Você escreveu nas costas daquele seu retrato: "À única a quem adoro... Para sempre". E' isso o que você sente por Delilah, Barry?

— De certo que não. E' isso o que eu sinto por você, Leila. Não sei é como essa fotografia foi cair nas mãos de Delilah, pois eu a enviei a você.

— A mim?

— Justamente. Eu a levei há alguns dias, e a entreguei a uma das empregadas, uma novata. Procurei entrar e fazer a entrega a você, diretamente; mas a moça me disse que você estava com visitas e, assim, eu a deixei com ela para ser entregue a você.

— E eu estava pensando... Oh! Barry! Que queria você que eu pensasse?

Leila estava tão linda e deliciosa naquela terna contrição, que êle mandou ao diabo a discrição.

— Você não deve crer senão numa única coisa: é que eu a amo e não a nenhuma outra mais, diz êle apaixonadamente. Eu jamais me decidira a fazer-lhe esta confissão antes. Jamais ousei perguntar-lhe se queria casar comigo, porque nada possuo agora para oferecer-lhe. Mas eu pensava que você... bem já o supunha!

— Leila lhe estendeu sua pequenina mão:

— Oh! Barry! — murmura. — E' verdade tudo o que você está a dizer?

— Sim, é verdade. E diria ainda muito mais se eu tivesse tempo para dizer-lhe!

E a puxou para bem perto dêle, no banco.

— Querida! Nossas famílias jamais consentirão em nosso casamento! Leila, êles dirão que eu ainda sou uma criança. Mas você tem confiança em mim, não?

— Sempre, Barry!

— E você me ama?

— Oh! Você bem o sabe!

— Sim, bem o sei, diz êle com voz comovida, erguendo as mãos da jovem para beijá-las. Eu bem o sei, graças a Deus.

Depois do espetáculo militar, Porter os leva, a todos, para tomar chá em casa de Delilah. Quando os convidados se haviam retirado e a "beleza dos cabelos negros" veio ao seu quarto côr de rosa flamejante, a fim de vestir-se para o jantar, encontrou espetado numa almofada de alfinetes o seguinte recado: "Levei comigo a fotografia de Barry, porque ela foi destinada a mim. Só por engano foi parar em suas mãos. Êle a entregara à empregada novata, um dia em que você estava em casa, e a criada se enganou, entregando-a a você e não a mim. Ela confundiu os nossos nomes, como sucedia na escola. E sei que você não pretenderá continuar de posse do mesmo retrato, porque, para você, não passaria isso de ingenuo passatempo com Barry. Mas, para mim, isso é minha própria vida, como você disse certo dia no parque. E Barry me disse há pouco que sou para êle, também, a própria vida, tão grande é o seu amor por mim. E me sinto muito feliz. Mas é um segrêdo nosso. Peço-lhe que mantenha o nosso segrêdo até que já não haja mais razão para que os outros não o saibam".

Delilah leu aquelas palavras escritas quase em garatujá infantil, sorriu e moveu a cabeça. Em seguida foi ao telefone e ligou para Leila:

(RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA)

MARY BALLARD órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na «Câmara das Tôrres», sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão mais jovem que ela, Barry. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de GGraças», êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados, além das pessoas da família. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Uma das tias de Mary, Isabelle, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça, com Porter. Na noite do Natal novamente foi convidado Roger, mas êste não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Houve uma árvore de Natal e um mundo de presentes. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal, estava Roger sòzinho em seu apartamento com a gatinha Pittiwitz ao colo, enquanto lia um livro, quando Mary pediu licença e entrou. Roger ouviu dela, então, uma novidade sensacional: Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios. E fôra ouvir a opinião de Roger. Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava sèriamente preocupada com a ausência de Barry, e quando soube que um dos seus companheiros de farra era Jerry Tuckerman, ainda mais preocupada ficou. Roger se ofereceu para telefonar para o Country Club, procurando comunicar-se com o irmão de Mary. Esta aceitou; mas, quando Roger ia telefonar, chegou Barry, descendo Mary para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora sôbre certas atitudes de seu irmão. Roger a viu assim, lá em cima, e advinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary, Barry e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia.

— Minha querida gatinha, diz ela, eu dançarei no seu casamento. Peço-lhe apenas para que não o ame muito, pois êle não é homem que mereça isso!

Então, triunfante, do outro lado do fio, veio a voz da Fé-Perfeita.

— Oh! Barry o merece. — Conheço-o o suficiente, Lilah, e jamais duvidarei dêle.

Capítulo IX

Nas semanas que se seguiram àquela visita ao Fort Myer, Mary descobriu, na pessoa de seu irmão, uma transformação radical e estranha. Pela primeira vez em sua vida, parecia que êle estava tomando as coisas a sério. Ficava em casa, à noite, para estudar, deixou de andar na companhia de Jerry Tuckerman e de seus brilhantes "mosqueteiros". Mary ignorava a razão dessa mudança de costumes; mas muito se alegrou por isso, enchendo-se de esperanças em relação ao jovem Barry.

O rapaz ia ver, constantemente, a Leila; mas, até então ninguém sabia dos seus amores com ela, excetuada Delilah Jeliffe.

— Eu deveria dizer a papai, tinha timidamente lembrado Leila. Êle se sentiria muito feliz, pois sempre desejou isto, Barry!

— Primeiro eu devo mostrar que sou um homem, respondeu-lhe o rapaz. Até agora tenho sido um menino amimado, sem pensar no futuro; mas, de agora por diante, com você sendo a minha razão de trabalhar e de viver, vou tornar-me um homem forte! Vou lutar como um leão!

Êles estavam a sós na biblioteca do general.

— E' porque você acredita em mim, querida, — prosseguiu êle, — que eu me sinto forte.

Ela havia escorregado sua mão para a do apaixonado.

— Barry, parece um sonho o pensar que eu, um dia, venha a ser sua espôsa!

— E você o será. Está escrito desde o princípio.

— Crê, Barry?

Era o idílio, aquêle pequeno assunto de amor que, para ambos, se tornava em grande caso de amor, conforme a concepção de ambos. Tudo era ternura, tudo era doce dentro daquele segrêdo, quando ainda nenhuma palavra de dúvida ou de desconfiança havia sido pronunciada por pessoas mais velhas ou mais avisadas, e ambos estavam entregues à beleza da juventude, cheios de imensas esperanças.

E assim chegara a primavera, viera o verão e Barry passa triunfalmente em seus exames. Uma noite, ao entrar em casa, comunica êle a Mary que ia desposar Leila Dick. Enquanto falava, parecia que seus olhos imploravam à irmã a sua aquiescência; e Mary, coração cheio de amor e duvidosa da decisão, procura deter um pouco os seus temôres e disfarçar o embaraço que a domina; encosta-se ao ombro do irmão e não contém as lágrimas. Barry lhe acaricia o rosto e diz com certa superioridade:

— Eu bem sei que pensas que eu não sou dígno dela, Mary, mas é por ela que eu vou tornar-me um homem.

Ficando sòzinha, Mary pergunta a si mesma se tinha agido com acerto ao dar o seu consentimento. Mary estava certa de que o amor é um poder capaz de elevar um homem ao nível de ideal de uma mulher, e Leila era uma boa moça.

Mary já se habituara a transmitir certas ocorrências domésticas a Roger Poole, e lhe foi revelar a grande novidade. No decurso dos dias mais quentes, tinham ambos deslizado, quase inconscientemente, para a mais estreita intimidade. Roger lia para ela, depois do jantar, durante uma hora, quando a jovem não tinha outras ocupações, e, muitas vêzes, ambos se sentavam no velho jardim, ela com o seu caderno de notas sôbre o braço do banco de pedra, e êle, ao outro lado do banco, sob touceiras de rosas e ramos verdejantes. Por vêzes tia Isabelle figurava ao lado dêles com um trabalho de bordado; outras vêzes, ficavam os dois a sós. Mas, sempre que a hora se esgotava, Roger fechava o livro e subia para seu apartamento lá na Tôrre, temendo que fôssem surpreendidos por presenças inesperadas e pouco desejáveis. Foi assim que, por mais de uma tarde êle consegue evitar Porter Bigelow; foi assim que, por algumas noites, à luz do luar, êle ouviu vozes a murmurar, confundindo-se com o ruído da água na fonte decorativa. Outras noites êle viu grupos alegres a dansar ao som do piano do salão, onde Mary dominava, janelas abertas.

Entretanto êle agradecia aos deuses a felicidade de tê-lo feito assistente de Mary, autorizado a tomar parte em algo da vida dessa jovem. Êle vivia o dia inteiro para gozar essa hora única. Êle não ousava pensar no que seriam os seus dias futuros, caso viesse a faltar-lhe essa hora, êsses sessenta minutos tão preciosos.

De tempos em tempos, quando estava certo de que ninguém viria, êle se deixava ficar com ela sob o luar, na companhia daquele menino de bronze ao meio da fonte e que lhe parecia sorrir. Roger sentia no ar o perfume das rosas, e Mary Ballard, tôda de branco, ao seu lado no banco, a confiar-lhe palavras amigas em doces confidencias. Discutia os seus problemas de pobreza de elite, a deliciosa fraternidade e compreensão de Susan Jenks, o autoritarismo de tia Frances. Mary lhe dava, também, opinião, numa espécie de permuta de impressões, ainda não postas a prova e que entravam em luta contra os prejulgamentos de Roger.

E chegara o momento de Mary fazer-lhe certas perguntas, naquela noite, pedindo sua opinião.

— Pensa que o amor pode modificar a natureza de um homem? Quero dizer, de um homem fraco.

Roger depôs o livro a um canto.

— A senhorita me pergunta isso como se eu estivesse em condições de responder.

— Penso que o senhor o pode. Tem o senhor o ar de quem é capaz de colocar-se no lugar dos outros, e isso não lhe é difícil.

— Muito grato. Mas, no lugar de quem deverei meter-me agora?

— No lugar de uma jovem, respondeu ela prontamente.

Roger pensou uns instantes.

— Respondo que o homem deve ser pôsto à prova antes do casamento.

— Quer o senhor dizer então que ela deverá esperar, para estar segura de que êle sobrepujou suas fraquezas?

— Sim.

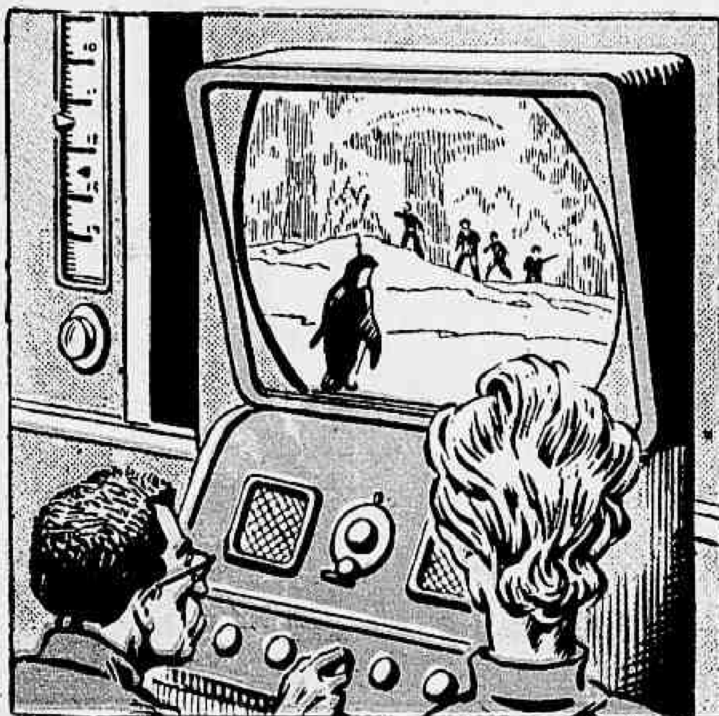
— Oh! Mas é êste o meu pensamento. Mas, que sucederia se a mulher acreditasse nele? Se ela não imagina, um instante sequer, que êle seja um fraco, realmente? Se ela crê nele de maneira absoluta, cegamente? Seria necessário que alguém lhe abrisse os olhos?

(Continua no próximo número)



Tradução de RENATO de ALENCAR
Ilustração de JERÔNYMO RIBEIRO

AVENTURAS DO CAPITÃO ROB







19 Yoto aciona o televisor. Algumas figuras indistintas surgem na tela. As imagens e o som vão-se tornando mais claros. Já agora êles vêem quatro pessoas. O professor ouve quando Rob diz: "Por Deus! O cidadão que conseguiu realizar tudo isso merece ser conservado vivo". Ao que respondeu o Dr. Ree: "E' o que vamos tentar fazer. Mas devemos estar prevenidos. O professor Lupardi é um sábio maníaco que está procurando mudar o eixo da Terra." Avança o exército de milhares de pinguins Aquelas aves polares mais parecem soldados numa parada envergando o uniforme de gala, com seus capacetes.







20 Rob os aponta. "Estão marchando sôbre nós!" — exclama alarmado. "Calma, amigo! Êsses pinguins não nos farão nenhum mal", responde o Dr. Ree. Mas a horda continuava a marchar como se estivessem todos impulsionados por uma fôrça estranha. Os quatro homens estão envolvidos. Súbito, o Dr. Ree arranca da cabeça de uma das aves o curioso aparelho que a mesma trazia. Não há luta alguma. Rob sugere que devem seguir os pinguins, sem imaginar que estava justamente caindo na armadilha. As aves, muito mansas, estavam servindo de "isca" contra os quatro intrusos daqueles ermos.







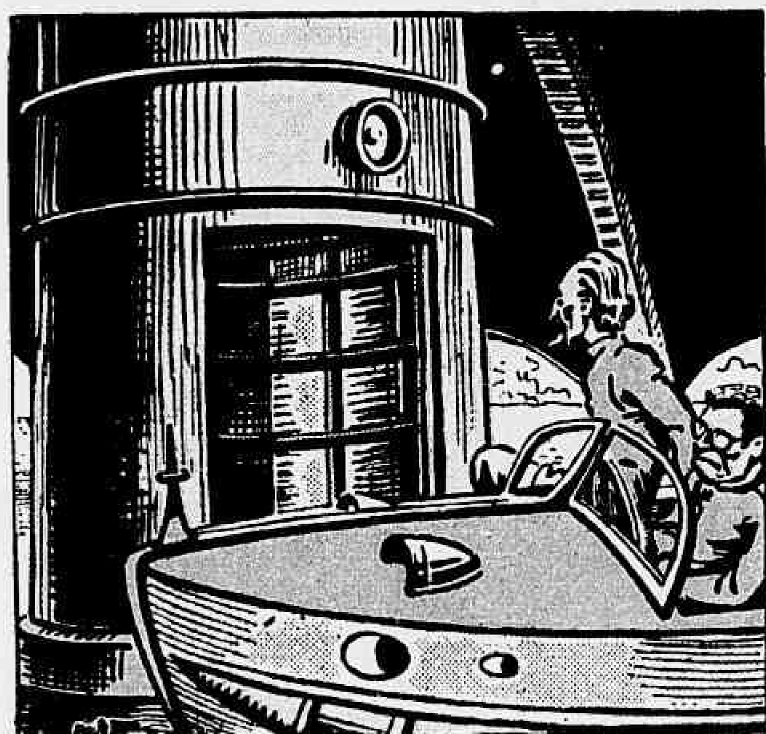
21 Os quatro homens seguem uma vereda na direção dos pinguins, onde parecia haver terreno plano. Mas, que sucede, então? Rob sente qualquer coisa a embaraçá-lo nos pés e cai. O mesmo sucede com um dos marujos. Vêem então uma espécie de cipó a sair da terra e a emaranhá-los estranhamente. E' a planta "tangle-thicket", cultivada pelo professor Lunardi, a qual era também tóxica. Lupardi, que a tudo via pela televisão, ordenou ao seu auxiliar Yoto: "Bem, agora vamos colher aquela safra..." O louco estava certo de que tudo corria bem e que os invasores estavam irremediàvelmente perdidos.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA: — Rob, tendo sido levado a regiões geladas e desconhecidas, descobre, perdido nos gelos, um veleiro. Encontra a bordo a tripulação morta e recolhe um "Diário de Bordo". Volta ao seu barco e é acolhido pelo submarino. O dr. Ree, no submarino, o convida para uma expedição a uma ilha onde vivia, desde muito, o prof. Lupardi, um sábio louco, cujas experiências estavam ameaçando a Terra. Rob vai com o dr. Ree e dois marujos. Encostam o "Liberty" a uma ribanceira e entram nos domínios de Lupardi. Uns pinguins munidos de antenas de rádio, são as sentinelas. Êles matam um e descobrem o segrêdo.






22 Numa lancha-automóvel de propulsão atômica, o professor Lunardi e seu assistente partem em direção de suas vítimas. Protegidos por máscaras contra gás, êle espalha uma substância química em redor, a fim de que possam aproximar-se sem nenhum perigo. "Vamos levar êsses intrusos conosco. Quero saber o que estão êles fazendo por aqui. Êles pagarão bem caro o abuso de invadir os meus domínios para ver o que eu estava fazendo." E ambos levaram os homens, um a um, colocando-os a bordo. Tanto Rob, como o Dr. Ree e os outros dois marujos nada mais viram. Estavam todos como mortos.






23 Com os quatro prisioneiros ainda em estado de inconsciência, o professor Lunardi retorna aos seus domínios e os leva ao "atomatório". "Que faremos com êsses homens, patrão?" — pergunta Yoto. "Em primeiro lugar mostrar-lhes o que realizamos por aqui" — diz êle, malicioso. "Traga quatro capacetes aéreos e os coloque na cabeça de cada um". Logo que retornaram do desmaio, Rob e os companheiros vêem que estão com aquêle aparelho na cabeça! Em vão procuram por todos os meios livrar-se dêles. Mas os tais capacetes estavam de tal maneira ajustados ao crânio, que foi impossível tirar.






24 A porta se abre e o professor Lunardi entra. Leva ao peito um aparelho diretor. Ordena aos prisioneiros que se levantem e o sigam. Contudo, não se podem equilibrar. Imaginam todos que estão sob as influências do sábio maníaco. De súbito o professor lá num outro botão e os prêsos o acompanham de qualquer forma, a cabriolar como se estivessem loucos. Lunardi ri alvarmente: "Vamos, senhores! Estamos iniciando uma interessante viagem. Há muito que não me divirto tanto. Ah! ah! ah! Não havia dúvida. Estavam nas garras do mais perigoso homem do mundo, louco e dominador.

ESTE MUNDO E O OUTRO

CREAÇÃO de DARCY

NO PAÍS DO "PRESENTE"

8 - BOAS EMTRADAS!





O «Deus das Môscas», bronze de Henry Clews Jr.

"LA NAPOULE"

MOSTRA DO GÊNIO AMERICANO NO MEDITERRÂNEO

De EMILIO SCHAUB KOCH

Tradução autorizada de EDUARDO TOURINHO para a REVISTA DA SEMANA



«A Devoradora de Serpentes», esquisito bronze de Clews.

O escultor norte-americano Henry Clews Jr., falecido em 1937, era altamente reputado na França. A pujança do seu espírito, a inteireza do seu caráter, a amplitude de sua cultura, seus dons de poeta e de escritor, sua conversação atraente e sua personalidade quase lendária contribuiram para o justo extraordinário êxito de sua obra artística.

Por tudo isso, figura no catálogo de vários museus franceses e no de Jeu de Paume — Luxemburgo — está representado por duas estátuas.

Afirma-se Clews como o gênio mais representativo da estatuária americana. Conhecido universalmente, jamais escondeu a determinação de conservar-se artista da América.

Dois anos depois de sua morte, uma exposição retrospectiva no *Métropolitam Museum*, de Nova-York, exaltou-lhe os méritos. Certo, Clews expuzera nos Estados Unidos e figurava nos museus do país, mas foi por ocasião dessa exposição retrospectiva que — pela primeira vez — puderam seus patrícios formar uma perfeita idéia de sua obra e avaliar sua importância, — grandeza, clareza e sentido profundo. Apresentada em conjunto, essa obra — considerável pela quantidade e qualidade — surpreendeu os norte-americanos e conquistou-lhes simpatia e admiração.

Atraído pela estatuária do Egito, da Grécia primitiva e da China — resultante da corrupção e decadência da arte grega do terceiro e do quarto século depois de Cristo — votou-se Clews ao culto de suas origens. Sentiu que a escultura americana não representa senão o ponto extremo da cultura plástica mediterrânea e considerou que devera ligar à América um promontório às margens do "Mare Nostrunyc".

Alí, descobriu êle à venda — entre Cannes e Mondelieu — o castelo de *La Napoule*, velha fortaleza templária do Xº século. Outrora, fôra o que na última guerra se convencionou chamar "uma cabeça de ponte". E' que do alto das tôrres de *La Napoule* os monges guerreiros observavam o mar e vigiavam o movimento das galeras e tartanas berberes, sempre ameaçadoras. No comêço do XIVº século, *La Napoule* — reforçada — teve, como ataláia do mundo ocidental, marcada importância histórica.

Ao ser adquirido por Clews, estava o castelo em indiscritível estado de ruina. Sob Luiz XV, um contratador de impostos — em meio dos jardins de acesso — fizera construir uma *vila* no mais pura gôsto rococó...

Animado por um frêmito de arquitectura monumental, empreendeu o artista a reconstrução do castelo. Trabalhando como se fôra um escravo romano, reergueu-o com invulgar imaginação e dentro de planos estritamente pessoais.

Sua espôsa — erudita e dispondo de clara compreensão dos valores arquitecturais — presidiu os trabalhos. O aspecto templário da primitiva construção foi respeitado, pois fôra isso que seduzira Clews. Cinzel numa mão e martelo noutra, revolveu pedras com o ânimo de um franco-maçon de Moissac ou Chartres. Começou abrindo duas portas monumentais para acesso ao famoso *Arco dos Insetos*, que não tem paralelo na História da Arte. Transformando *La Napoule* num conto de fadas, fês com que sêres fantásticos povoassem as sombras... Djinns — marinhando pelo teto das salas — contorsem-se nas colunas do Claustro. Para construir êsse claustro, gastou Clews muitos anos. Levantou-o sôbre uma série de colunas, entre si mesmas diferentes. Símios — lembrando, estranhamente, homens — brincam enroscados nas pilastras. Todo um reino de fadas abriu-se na pedra dos muros. Quando, enfim, concluiu-se a feérica ressurreição, gravou o artista sôbre a porta principal as três fatais palavras com que começam as histórias maravilhosas: — "Once upon time" — *Era uma vez*...

Henry Clews havia criado, definitivamente, o ambiente necessário à sua valiosa e variada arte. Nesse artístico domínio feudal implantado por um obstinado trabalhador, passeava êle pelo parque exterior da cinta fortificada entre relvados e floridos canteiros que pavões brancos, marabás e outras aves exóticas povoavam.

A Snra. Mary Clews — arqueóloga e paisagista — foi a criadora dêsses jardins. Planejou-os, selecionou estilos, dirigiu os trabalhos. E — numa realização sabiamente audaciosa — essa mulher excepcional desenvolveu conhecimentos de surpreendente ciência histórica.

Concluida *La Napoule*, formou-se uma lenda em tôrno de Clews. Ecoava por tôda a França a notícia de que um grande artista transformara certa fortaleza arruinada numa encantadora mansão repleta de obras-primas. E, assim, *La Napoule* atraiu prestigiosas personalidades em trânsito pela Riviera: o marechal Liautey, a duquesa de Vendôme, Winston Churchill a princesa de Polignac, o príncipe Poniatowski...

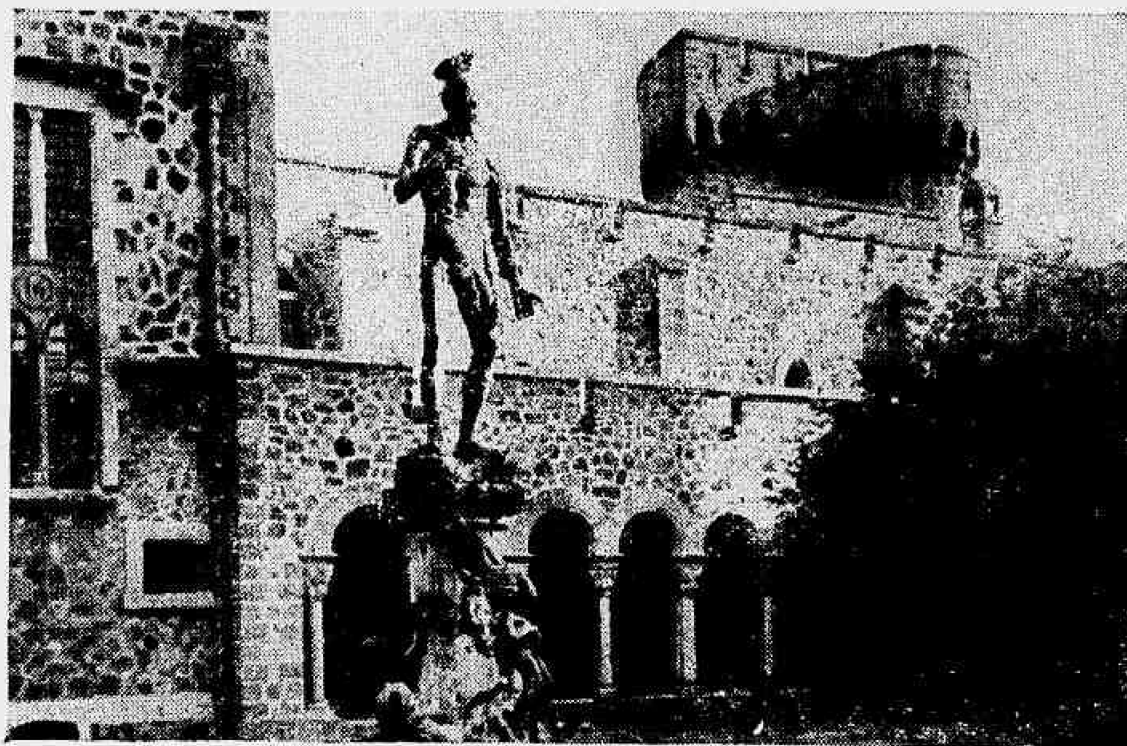
As visitas, entretanto, que maior alegria proporcionavam ao grande escultor eram as das delegações de universitários americanos e as de seu amigo Mathews — economista, humanista e poeta de mérito — que, mais tarde, devia florir a tumba de Clews com um comovente sonêto.

Afável e cortêsmente, recebia os visitantes. Fugia, porém, a tôda a espécie de mundanismo e essas reservas não ficavam mal a Clews, que se tornara célebre.

Em 1932, sua glória atingira o apogeu. Em 1937, era considerado como dos mais originais e líricos estatuários do Ocidente. Sua morte prematura — quando ainda não contava sessenta anos — interrompeu-lhe a maravilhosa carreira. De artistas de seu quilate, é razoável esperar-se sempre algo de novo. Mas é indiscutível haver deixado uma obra que preservará seu nome do olvido. E a prova está em que essa obra continua — a mais e mais — a excitar a curiosidade e a admiração do mundo culto.

Sob três aspectos pode ela ser encarada: A) a de um retratista admirável, de estilo único, que eliminava tudo que não contribuisse para a definição de seus modelos; B) de um realista da abstração, que a crítica superficial — à ignorância da arte demoníaca e dos trabalhos dos primitivos chineses e egípcios saíticos — qualificava como escultor humorista, embora a arte de Clews o elevasse a um plano único na estatuária contemporânea; C) a de um néo-romano que ligou a estatuária ao momento e que, tornando arquiteto erudito, reviveu um castelo medieval: *La Napoule*. À poesia da História e em honra da América — talvez mais do que a seu próprio gênio — edificou Henry Clews Jr., em *La Napoule*, um museu que — pelo número, qualidade e importância das peças expostas — rivaliza com o Museu Bourdelle e o Museu Rodin. Essa fundação — síntese dos derradeiros dias e trabalhos derradeiros de um grande artista cuja glória se confunde com a da própria pátria é, atualmente, velada com minucioso, piedoso e dedicado sentimento pela Snra. Mary Clews.

Surpreendente museu, é *La Napoule*, resplandecente farol da arte americana e da própria América sôbre o Mediterrâneo e velhos países do mundo ocidental.



«La Napoule», a admirável obra de Clews.

ESTA É A CIDADE-FANTASMA!



UM GUARDA dos Soviets, no setor ocidental, vela pelo monumento do Soldado Russo. Êsse é o homem mais fotografado de Berlim e muito popular entre os turistas que gostariam de conhecer a cidade para lá da "cortina". A o fundo, o Reichstag mostrando o que ficou dos incêndios durante a guerra.

SOB AS RUÍNAS DE BERLIM

COMO SE VIVE (E SOFRE) NA CAPITAL GERMÂNICA DE APÓS-GUERRA ★ PAGANDO CARO AS LOUCURAS DE HITLER ★ CASAS RESTAURADAS NO PAVIMENTO TÉRREO E ESCOMBROS NA PARTE SUPERIOR ★ APARENTEMENTE, UMA CAPITAL COM FOROS DE CIVILIZAÇÃO E CONFÔRTO ★ QUEM TEM DINHEIRO PODE AINDA COMER E DIVERTIR-SE ★ UMA GERAÇÃO QUE NÃO CONHECEU VIDA MELHOR, PREDESTINADA A ENFRENTAR OS HORRORES DE OUTRA GUERRA

Texto de J. DIMAS

Fotos exclusivos de CARTIER BRESSON



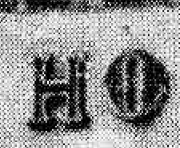
O CABELO cortado rente é o estilo preferido pelos alemães. Sua companheira usa-o comprido e ondulado, como dita a moda. Mas os escombros estão em volta.

QUEM visita Berlim, e a conheceu antes da guerra, costuma dizer, e com razão, que a capital germânica vive, hoje, em semi-estado de loucura. Sem nunca ter sido violenta (mesmo nos dias em que o nazismo andava em plena ascendência, Berlim era, politicamente, uma cidade morna), está sofrendo de uma certa modalidade de esquisofrenia ocidental-oriental. Resultado de muita mistura, com certeza. As duas metades dessa infeliz metrópole, que já foi das maiores do mundo e hoje se despersonalizou, perderam o seu conflito ativo. Seu estado é agora de calma e apatia. Suas ocasionais explosões são mansas e sossegadas e a vida vai seguindo seu curso como Deus manda, dentro de uma aparente normalidade que pode mal disfarçar um espírito subterrâneo de revolta como pode ser também uma conformação que se estenderá até quando o país, algum dia, puder reagir, se é que êsse dia chegará.

Existem duas espécies de grupos médicos que fazem prescrições ansiosas para o paciente (Berlim), mas o fato de um dêles recomendar sedativos enquanto o outro lhe administra um poderoso estimulante, nem sempre contribui para melhorar êsse grande demente. A despeito disso, entretanto, Berlim aprendeu a viver com ambas as personalidades e sem nenhuma dela mesmo. E com uma aparência exterior de sanidade.

Muitos berlinenses têm seu campo de ação dentro dêsses limites. Instalados no meio de suas ruínas, fazem filosòficamente, pequenos negócios com a outra metade, dentro das fórmulas tradicionais e das leis da oferta e da procura. Essas pequenas transações é que logram conservar o povo berlinense em ação. E tais negócios não são, de modo algum, inteiramente ilegais: algumas compras aqui, um ponto de trocas por sôbre a linha divisória, alguns marcos casuais ganhos no jôgo com o câmbio





O GRANDE "MAGAZIN" de Potsdamer Platz anuncia um comício de paz. Mas os cidadãos apressados não ligam ao cartaz. Existem dezenas de barracas vendendo mercadorias americanas. Quem se preocupa com política quando o maior problema é o de ter dinheiro no bôlso?



ESTA é a famosa Kurfuerstendamm. Como tantas outras ruas de Berlim, os pavimentos mais baixos foram remodelados, mas em cima há ruinas. E' uma cidade

oficial e assim se vai vivendo ou enganando a vida.

Todo mundo faz isso, desde as donas de casa até às autoridades. E' preciso comer, vestir, mesmo andrajosamente, fingir que nos divertimos... Sim, é preciso mentir.

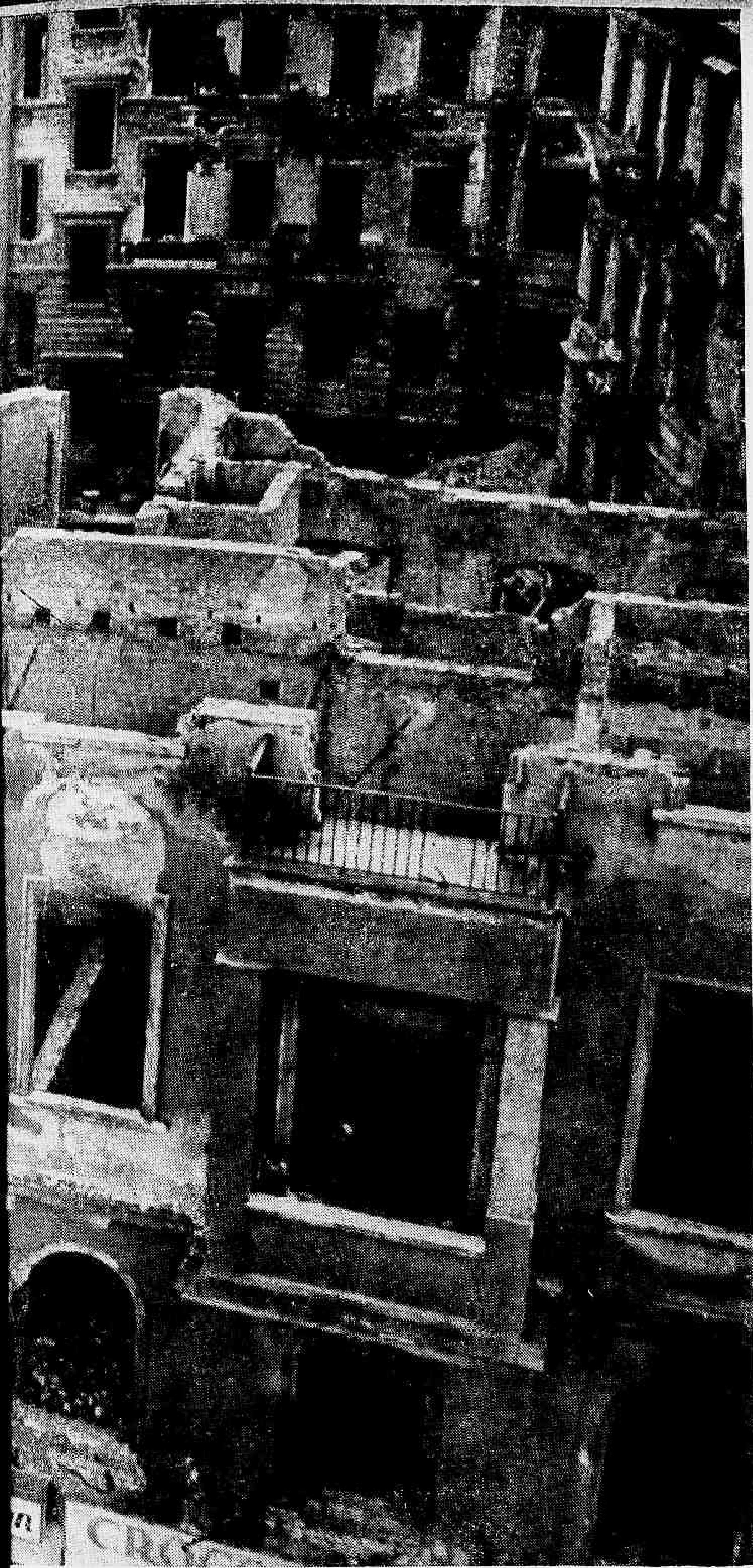
Ainda que superficialmente, o setor ocidental tem certa aparência de confôrto e bem-estar. Existem lojas luxuosas, bem providas de mercadorias importadas do oeste, restaurantes onde a comida é boa e farta para quem pode pagar uma refeição (às vêzes ainda se consegue sair do estabelecimento com alguns niqueis de sobra) e ainda por cima há "night clubs", onde os cidadãos mais endinheirados podem dançar até às primeiras horas da manhã, flertar com pequenas que estão ansiosas por encontrar quem pague a ceia, possivelmente em companhia do irmão ou da mamãe, que não jantou, e beber um "drink". Berlim foi por muito tempo conhecida por sua alegre vida noturna e dizer que ela continua prevalecendo é faltar à verdade. Mas também se finge que há divertimento.

Tudo isso é apenas superficial. Lancem os olhos para as fachadas reconstruidas: as paredes estão em ruinas como na hora exata em que sôbre elas explodiram os impactos da guerra. Ali adiante, as frentes das casas permanecem partidas, os encanamentos desnudos ficaram expostos, as escadas não conduzem a lugar nenhum. Tôdas as brechas e arestas rendilhadas da devastação estão à vista do turista.

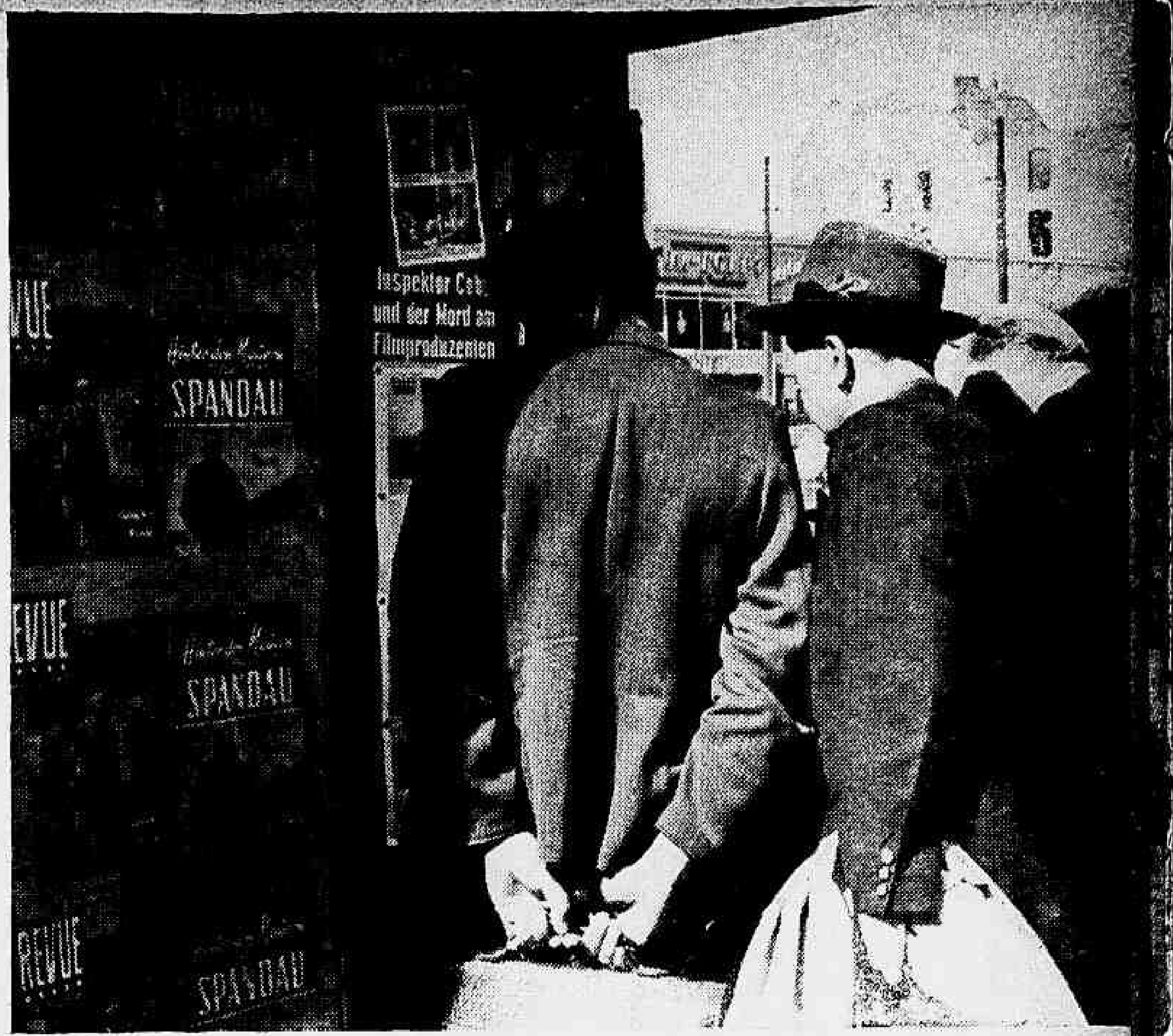
Demorará no minimo cinqüenta anos antes que os andares superiores dêsses edificios berlinenses se apresentem com a elegância restaurada



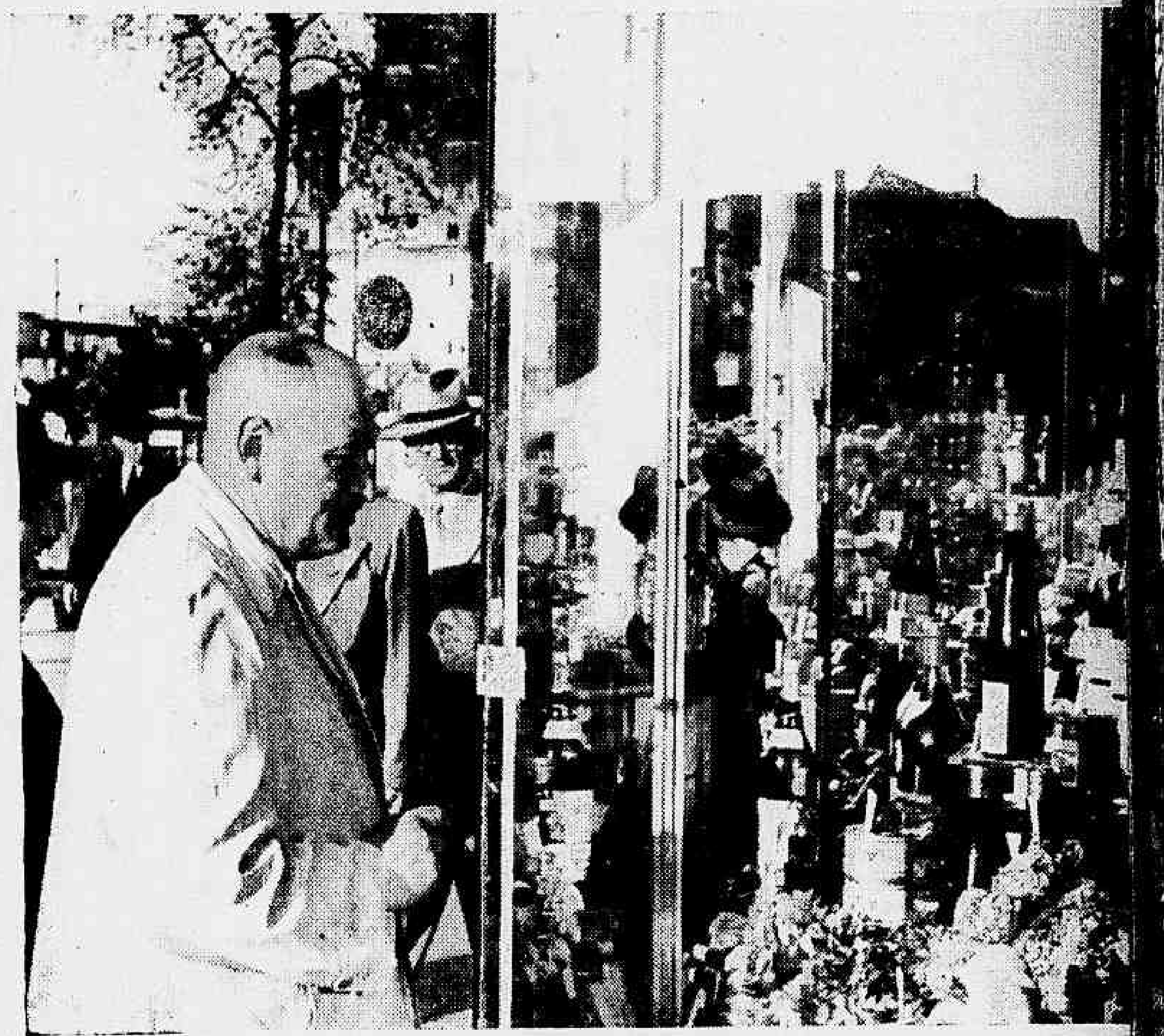
QUEM POSSUI dinheiro pode comer bem. Êsse próspero senhor e sua companheira reservam para si a mais saudável culinária germânica. Quem não tem...



provisória, certa animação artificial. Um esbôço de grande metrópole com edifícios estropiados, falsa economia e um povo de coração insensível pela guerra fria.



ÊSSES cartazes mostram retratos de prisioneiros de guerra de Spandau. São fotos batidas secretamente com teleobjetiva, razão do interêsse entre os berlinenses.



AS VITRINAS das lojas no setor ocidental estão cheias de mercadorias. Quem ganha dinheiro pode adquirir o que quiser. Quem não tem, contenta-se em olhar!

dos pavimentos inferiores. E, ainda assim, é preciso que não venha outra guerra, que não surjam outros impactos acabando por destruir o que permanece mais ou menos a salvo.

E o povo de Berlim? Que faz êle da sua cidade despedaçada e do redemoinho político que zune em seus ouvidos? Êsse povo simplesmente vegeta, ignorando à medida do possível tôdas as complicações internacionais. Há longo tempo exausto, por um estado de forte tensão — e com tôdas as paixões extintas ou pelo menos sopitadas temporàriamente — os berlinenses agora se contentam com uma aceitação passiva. E o tempo passa despreocupadamente nessa cidade digna de melhor sorte. Não há muito o que fazer. Por que lutar e se irritar alguém nos punhos dos titãs? Êles podem mais, êles dominam, o povo tem de tapar os olhos, os ouvidos e a bôca.

E um dos titãs, algum dia, enfim, poderá, numa emergência, vir em seu socorro.

— Os americanos cuidam de nós — dizem repousadamente alguns berlinenses.

Por isso vagueiam pelo Kurfuerstendamm, bebem um pouco de café, fazm um pequeno negócio mais ou menos ilícito, travam uma rápida conversa com os amigos, vão dormir, acordam, perambulam pelas ruas, espiam as vitrinas, entram num cinema, procuram interessar-se pelo resto do mundo, o que na realidade em nada e fundamentalmente os preocupa.

— Que mais se pode fazer? — per-

(Cont. na pág. 54)



HOJE, a família põe em leilão as roupas dos bons tempos. Amanhã as porcelanas e pratarias também estarão sob o martelo do leiloeiro. Porque é preciso comer!



A FAMILIA da classe média alemã, mostra transformações em relação ao padrão de ante-guerra. É gente mais magra, de roupas surradas e fisionomias tristes. Só não mudou o hábito dos homens usarem colarinhos abotoados, mas sem gravata. Os shorts economizam pano!



GERAÇÃO de após-guerra. Êsses jovens não conheceram vida melhor que a de hoje — e o sangue e as bombas de algum tempo atrás. Mas parecem felizes...



TAMBÉM os cães estão em moda, mas nem todos podem economizar comida e dinheiro para mantê-los. A raça preferida é a dos "bassets" iguais a êsse.



O CONTRASTE dêsse cavalheiro, mantendo a linha dos bons tempos, com as ruinas do prédio ao fundo, diz que o velho transeunte não reside em Berlim.



RUINAS da terra — ruinas humanas. O ex-combatente, de perna mecânica, amparado pela espôsa, olha os escombros da grande capital européia...

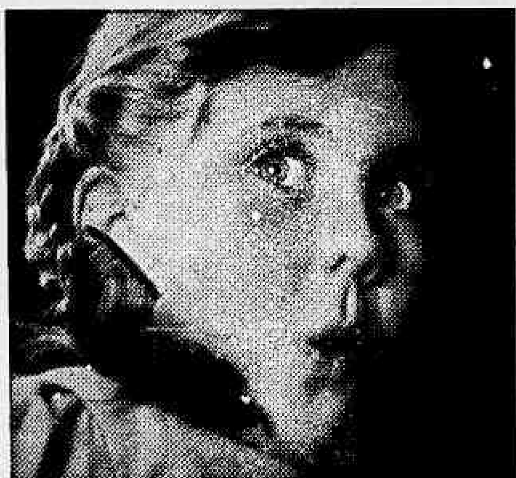


MAS OS excêntricos continuam! Essa bailarina é homem disfarçado de mulher. Só isso não mudou na célebre Berlim da variedade de conceitos morais!

"Como é bom ser Kolynos-ista!"



Na fórmula científica de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais, causadores das cáries. Provas científicas, realizadas por Universidades norte-americanas e europeias, provaram que Kolynos destroi até 92% das bacterias que formam os ácidos. A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a boca, purificando o hálito. Proteja os dentes, escovando-os com KOLYNOS depois de cada refeição.



1. *Você sabe que em sua boca existem milhões de bacterias produzindo ácidos que atacam os dentes?... Esses ácidos causam cáries dolorosas!*



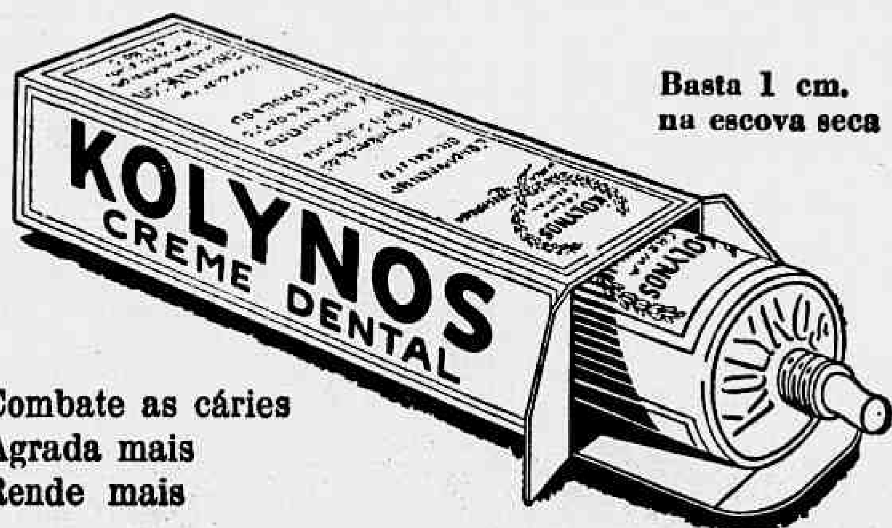
2. *Como acabar com essas bacterias?... Elas são difíceis de destruir... Mas felizmente, todos nós temos um grande amigo que protege os nossos dentes... e a nossa saúde.*



3. *Sim, senhorita!... Kolynos! O Creme Dental Kolynos - de sabor tão gostoso - destroi essas bacterias que produzem os ácidos causadores das cáries.*



4. *E, o que é mais, Kolynos clareia e faz os dentes brilhar como pérolas, embeleza o sorriso, refresca o hálito e torna todas as meninas mais bonitas!*



Basta 1 cm. na escova seca

Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais

McCann

Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria.

K-409-P

SAÚDE DO BEBÊ

CACHUMBA

Dr. SABOIA RIBEIRO

A cachumba (mais conhecida em outras regiões do país com o nome de *papeira,* e ainda entre o povo com o nome de *trasorelho*) é uma infecção produzida por vírus, que ataca a criança mais para a idade escolar e na adolescência, sendo rara abaixo dos dois primeiros anos.

Sua transmissão se faz de pessoa a pessoa, parecendo pequena a vitalidade do vírus fora do organismo, para ensejar a infecção de outra forma — como, por exemplo, por intermédio de objetos contaminados. Às vêzes, parece que a pessoa não pegou a doença de ninguém. Efetivamente, ela não se recorda que houvesse estado com quem quer que seja acometido de papeira. E, entretanto, foi vitimada.

A explicação é, todavia, simples, uma vez que se sabe que a cachumba se transmite quando a doença ainda se acha em pleno período de incubação, de modo que o próprio indivíduo infectante não está sequer apresentando quaisquer sinais ou sintomas e, como tal, passa como são em tais eventualidades.

E tanto isso é exato que, muitas vêzes, também, a pessoa adoece de cachumba e sabe, posteriormente, que alguém, com o qual estivera em conta'o, caira, alguns dias mais tarde, com o mesmo mal — reconhecendo, assim, a fonte do contágio naquela ocasião.

O vírus da cachumba tem na bôca o seu "habitat" e é daí que ganha outros órgãos.

As glândulas parótidas são os primeiros órgãos atacados, tumefazendo-se, e tornando-se dolorosas, em grau aliás variável, sob êsses dois aspectos.

Habitualmente, a moléstia faz aí a sede principal de seu processo.

Os testículos são também por vêzes atacados, não como uma complicação como alguns pensam, mas como uma localização aí, também, do vírus. Tanto não existe uma dependência de complicação, que a orquite pode preceder à tumefação das parótidas, ou até existir sem esta última.

São as gotículas de saliva que transmitem de pessoa a pessoa o vírus da cachumba.

As parótidas (às quais vêm ter os vírus, uma vez alcançada a bôca e aí desenvolvidos) são duas glândulas situadas por trás das orelhas, próximo do ângulo do maxilar inferior. Cada uma reveste a forma de um cacho, envôlta de uma cutícula de um tecido especial (aponevrose).

Um canal secretor põe cada glândula em comunicação com a cavidade bucal (canal de Stenon); e é por êsse canal que os vírus penetram a glândula respectiva, fazendo a tumefação da glândula. Umas vêzes de forma leve. Outras mais intensamente. Surgem, assim, fisionomias diversas de caso para caso. Quando, enfim, as duas glândulas atingem um grau máximo de tumefação, avolumando de cada lado do pescoço, o indivíduo adquire o chamado *pescoço proconsular,* pois que se assemelha aos que se vêem nessas figuras.

A tumefação aumenta progressivamente em três a quatro dias, durando outro tanto, e depois entra em regressão durante alguns dias.

Até o início das reações para o lado das parótidas, com as quais coincidem os fenômenos mais incômodos, tudo se resume em certo mal-estar, algum arrepio de febre, quebrantamento e dolência das articulações e músculos, os quais persistem três a quatro dias, parecendo uma gripe frustra.

Mas, sobrevindo aquelas, o indivíduo experimenta uma sensação de dor que atinge a tôda a região, dor que aumenta pela mastigação, pela fala, pelo bocejo e qualquer esfôrço em abrir a bôca. As dores irradiam até ao pescoço e às regiões escapulares, em casos mais graves.

Como se vê, as manifestações mórbidas abrangem um período total de uns doze dias, dos quais os três primeiros, correspondendo ao período de invasão; os nove últimos, correspondendo ao chamado *período de estado.*

De modo geral, é a cachumba uma moléstia essencialmente benigna; só excepcionalmente surgem complicações, e entre estas a supuração da glândula ou dos gânglios do pescoço; a amigdalite, as adenopatias satélites, manifestações reumáticas, meningite.

O tratamento da cachumba visa, de um lado, os fenômenos dolorosos, e de outro, a infecção em si e possíveis complicações.

Para aquêles fenômenos dolorosos empregam-se os medicamentos tópicos, como a seguinte pomada:

Pomada de davila rugosa	15 gramas
" mercurial simples	15 "

Internamente a seguinte poção:

Salicilato de sódio	5 gramas
Sal de Vichy	5 "
Xarope de hortelã pimenta	50 "
Agua distilada	120 "

Às colheres de chá, ou sopa, rasa.

SONHOS DE MOÇA





























PARA O ANO NOVO

ESTES modelos de Ramon não servem apenas para o grande "reveillon" de 31 do corrente, mas também para os bailes de formatura e outras solenidades que se estendem pelo mês de janeiro. Esta é a época ideal do ano para senhoras e senhoritas confeccionarem seus vestidos de baile, e aqui estão oito sugestivos figurinos, dentro do corte mais em voga. Tudo muito simples, com uma linha de elegância impecável e de fácil confecção.





O LUTO DE IRIS

Conto de MOYSÉS DUEK ★ Ilustração de GIL

IRIS e eu somos uma espécie de primos. Nunca cheguei a entender bem o parentesco, embora mamãe se tenha empenhado muitas vêzes em me esclarecer o grau. Parece, porém, que o velho Lindolfo, pai de Iris, era primo de mamãe. E só por isso eu conheço os detalhes da história de Iris, da prima Iris do Alto da Boa Vista — como lhe chamamos.

Iris vinha envelhecendo, acho, desde a adolescência. Foi quando a mãe morreu, a mãe que zelava tanto pelo seu Lindolfo. Iris a substituiu na enfermagem. Foi uma enfermeira irrepreensível para o velho paralítico. Empurrar a cadeira de rodas deu-lhe braços musculosos; noites mal dormidas deram-lhe olheiras fundas, tenebrosas; a preocupação e a diligência com todos os afazeres da casa fizeram a pobre Iris pálida e quase engelhada. Não tinha amigos, não tinha amigas. Não tinha tempo para ler um livro, para folhear uma revista. Não ia a um cinema, a um teatro. Estava alheia de tudo naquele ermo. O jornal que o carteiro trazia pela manhã era uma ponte que os ligava à cidade e ao mundo — mas nem mesmo êsse Iris tinha tempo de ler. Lá uma vez ou outra demorava-se por alguns minutos com os cotovelos pousados no peitoril de sua janela. E alongava o olhar lá para baixo. Via o mosaico da cidade formado do branco das paredes, de vermelho dos telhados, de verde das árvores. E às vêzes reparava que havia um novo arranha-céu. Outras vêzes, no jardim, notava muitas flores e só assim dava conta que estavamos na primavera. Só uma visita assídua tinham êles: a do médico. Dizem que foram, o velho Lindolfo e o esculápio, colegas de ginásio. Acho que isso é um dos romances que teciam em tôrno das figuras fantásticas daquele pai e daquela filha.

Só uma tristeza guardava o senhor Lindolfo: era a de ver Iris se acabando por sua causa:

— Olha, minha filha, vou tratar uma enfermeira. E embarcarás para São Paulo, para a casa de meu irmão, está bem?

A moça ria. Que enquanto ela vivesse ela mesma zelaria pelo pai. Levantava-se à noite para ver se o pai estava descoberto. Se êle tossia, lá ia levar-lhe uma colher de xarope e se resfriava lhe preparava um escalda-pés. Não tinha hora. Sua grande missão era prolongar a vida do velho pai — embora, para isso, desfazendo-se da sua própria.

Nada o entristecia tanto quanto um exame em Iris. Reparava como era magra, pálida, lívida. Os cabelos escorridos sem um penteado que não coque na nuca. Vestia-se sem elegância; apenas se cobria. Os vestidos eram uma espécie de camisolões de mangas compridas, que no inverno iam até aos pulsos e no verão eram enrolados nos cotovelos.

Lá uma vez ou outra o velho Lindolfo dizia:

— Iris, não posso mais ver você sacrificada por mim. Iris, eu estou aqui por pouco; você ainda deve viver muito. Não é por êsse pouco que devo sacrificar o seu muito.

— Que conversa, papai!

— Não, minha filha, o meu maior desejo é ver você bem casada.

— Está bem, papai — e tentava sorrir.

O velho segurava as mãos finas e magras da filha:

— Não, Iris, eu digo isso sèriamente!

E a moça com o rosto triste:

— Agora é tarde. Para mim isso já passou. — E depois de um pouco: — Estou bem assim.

★

Foi mesmo do coração que o velho Lindolfo morreu. Foi o médico o amigo que telefonou para os parentes do morto, porque Iris ficou imóvel como uma perfeita estátua. Fui dos primeiros a chegar. Encontre-a sentada, muito quietinha, no vestido branco sem gola, sem laço, sem nada, as mangas arregaçadas nos cotovelos (era verão), os cabelos presos, as mãos esquecidas sôbre as coxas, o olhar derramado no chão. Não parecia haver nenhum pensamento em Iris. Parecia petrificada. Esmeralda, sobrinha do velho Lindolfo, estava empenhada em voltar o ânimo à Iris. Sentou-se a seu lado, segurou-lhe as mãos, procurando imprimir-lhe calor:

— Iris, olha para mim, Iris — e segurava a ponta do queixo da prima. — Você precisa reagir! Titio já era idoso, e você já devia esperar isso.

Foi inútil o esfôrço de Esmeralda, bem como de tantos parentes quantos chegaram. Olivia levou-lhe um vestido prêto com gola de renda branca. Vestiu Iris com êle. Penteou-lhe os cabelos, arranjou-a. À hora do entêrro, Iris chorou. As faces tornaram-se, rosadas, os olhos avermelharam-se, as narinas se dilataram. O prêto do vestido fêz sobressair o tom rosado da pele. Olivia levantou-lhe os cabelos até o alto da cabeça — e isso mostrou a nuca de Iris que é realmente bonita, penugenta e, quem o diria? com alguns fios alourados.

E se perguntaram: mas não diziam que Iris é feia? Passaram a achá-la interessante, assim, um tanto retrato de Manet.

— E' uma figura interessante! — dizia um.

— Tem a sua graça — dizia outro.

— Parece uma delícia, pintura antiga — descobria alguém mais.

Iris trazia esquecido em seus lábios um sorriso que a muitos despertou estranheza. Parecia um pouco o sorriso da Gioconda. Em volta de sua cabeça, parecia surgir uma auréola de luz consagrando a suave beleza que desabrocha da dor. A Iris diferente da que conheciam, de quem ouviram falar. Havia, em suas maneiras, dignidade e recato, uma finura que transparecia nas mãos brancas reclinadas na sêda prêta da saia e se sublimava nos olhos verdes, ressaltados pelo brilho das lágrimas. Não falava, também, a Iris enlutada, como se a não ser com o velho pai paralítico a pobre moça não soubesse falar. Parece que de seus lábios só poderiam escapar essas frases:

— O senhor quer água, papai?

Ou:

— Trago a sopa agora?

Ou:

— Trate de dormir, papai. Olhe, vou fechar a cortina.

Sim, Iris parecia ter nascido com a missão única, exclusiva, restrita de cuidar do velho Lindolfo. Morto o velho Lindolfo, Iris estaria deslocada neste mundo, inútil como a tampa de um pote quebrado.

As mulheres se comoviam com a beleza patética da Iris enlutada. Passavam o braço em volta dos seus ombros, passavam as mãos docemente pelos cabelos sem ondas, beijavam-lhe as faces, de leve, mal tocando os lábios na pele clara, como se beija a imagem ou mesmo o andor em dia de procissão. E lhe diziam:

— Iris, coitadinha, precisa reagir, meu bem!

E muitas choravam, com ela.

E os homens! Ah, dava gôsto de os ver! Envolviam-na em ternura, repetiam-lhe coisas que aprenderam como sendo as que se diz em velórios — mas diziam tudo aquilo com sinceridade. E se afligiam porque não sabiam outras frases que melhor exprimissem os sentimentos.

E Iris sempre com o sorriso.

★

A notícia da morte do velho paralítico não deu mais que falar do que a revelação de Iris. Sim, porque muitos sabiam de Iris — mas eram poucas as visitas que recebiam, não só por ser distante a casa dêles, como também porque presumia-se que a visita fôsse uma coisa muito chocha. E por tão fortes razões, ninguém subia ao Alto da Boa Vista para visitar o velho Lindolfo e a filha.

Muita gente chegou a dizer:

— Uma jovem como Iris ainda solteira! E como é bonita!

(Continua na pág. 48)



O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

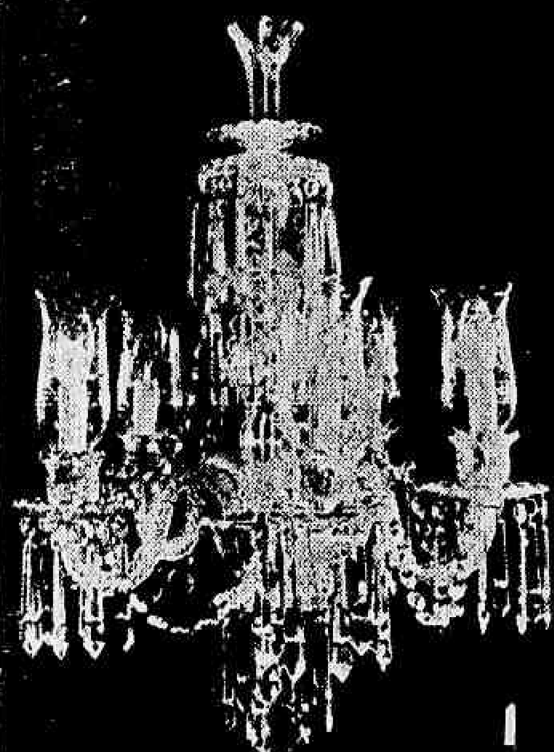
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

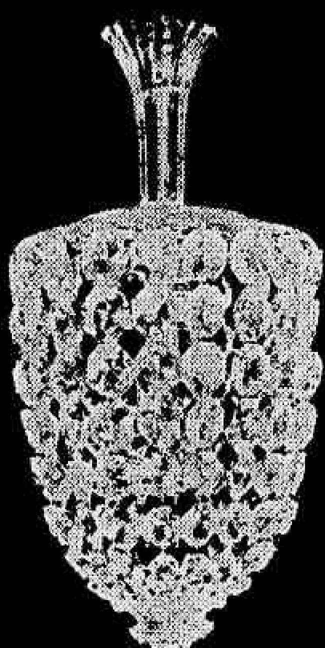
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

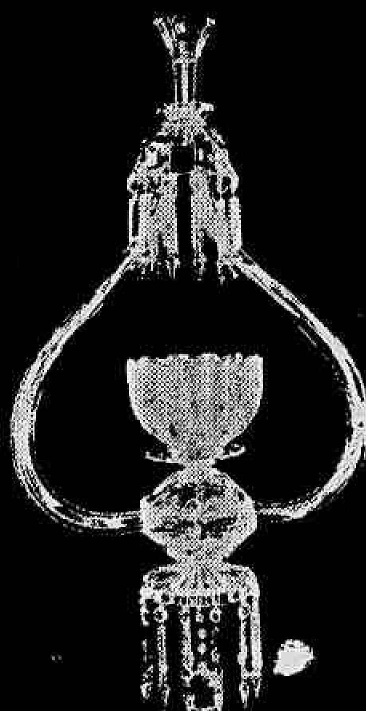
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

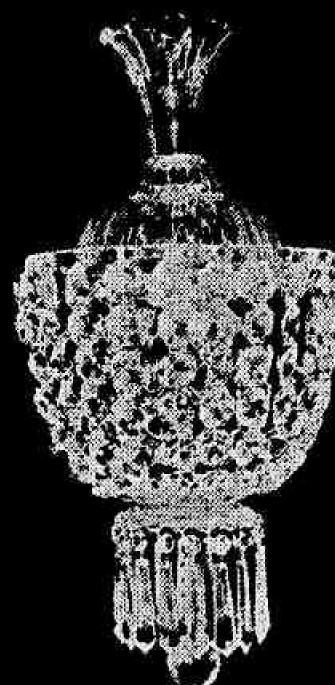
GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

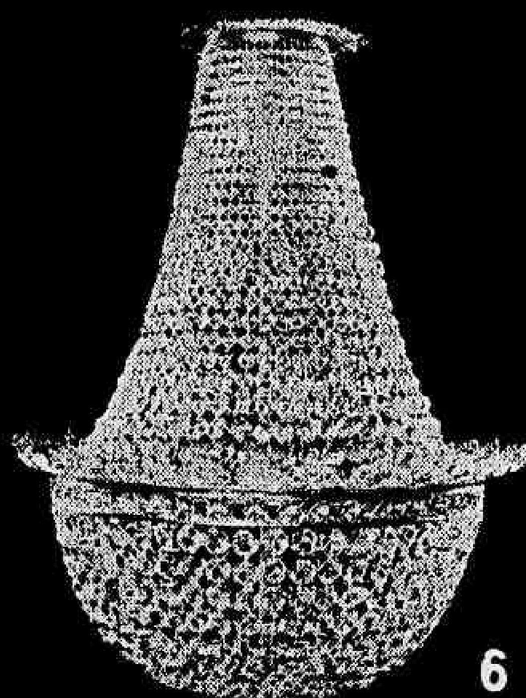

1


2

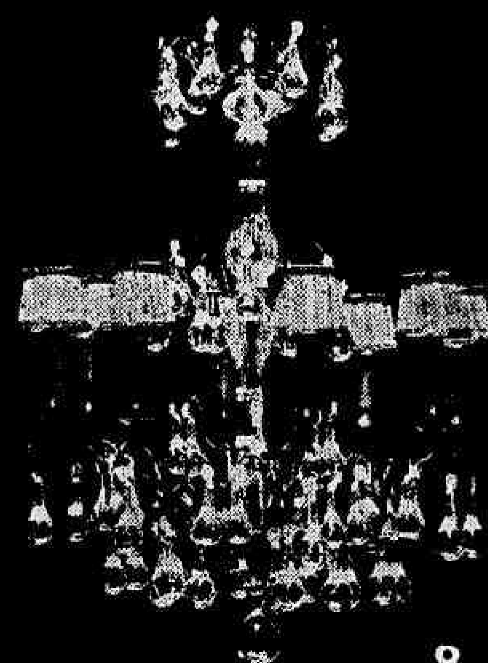

3

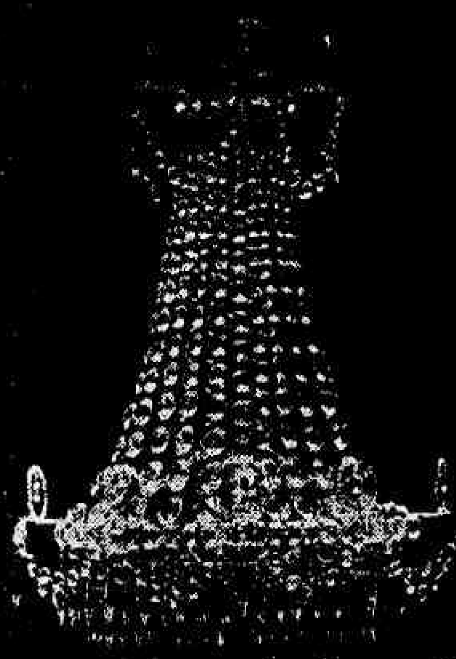

4

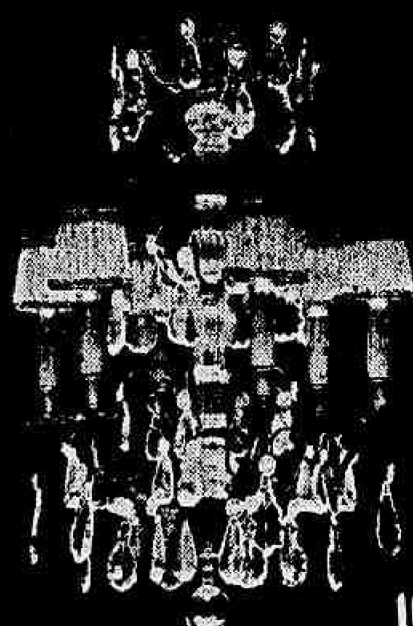

5

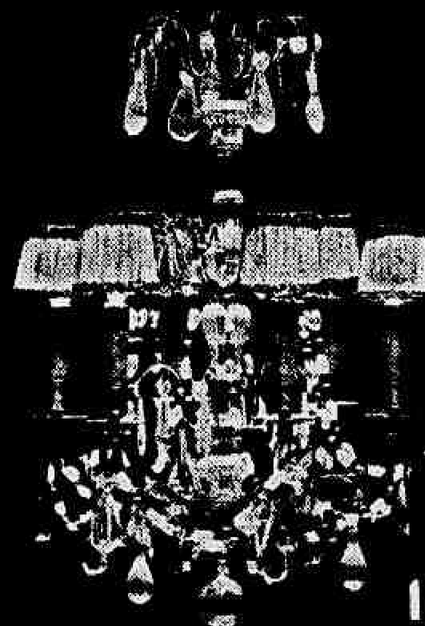

6

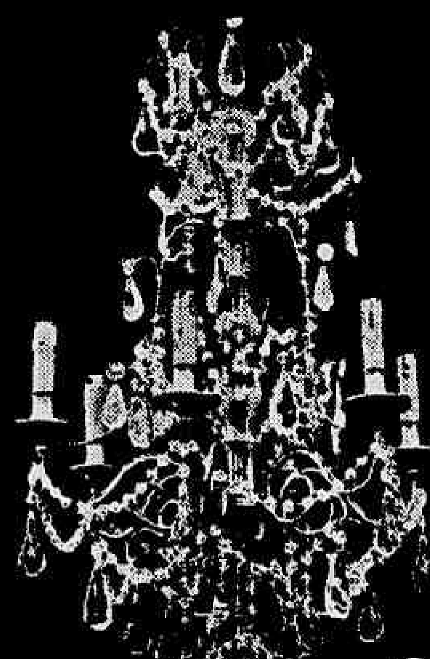

7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFICIOS, HOTÉIS ETC

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

MODAS





AQUI estão, para as nossas leitoras, algumas variadas e interessantes sugestões. À esquerda, um gracioso conjunto "duas-peças" composto de blusa de lã preta e saia de casimira quadriculada, um largo cinto de verniz, completa o con-





junto. A seguir, em cima, dois interessantes modelos para passeio; em baixo, duas outras criações, também para passeio, e, finalmente, para a sua elegância em casa, um sugestivo robe em tafetá azul-marinho, com aplicação de fitas de lamé dourado.





SUGESTÕES VARIADAS

Herodíade

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

Vociferações estrugiram diante de um pórtico, onde os soldados haviam suspendido os seus escudos. Desfeitos os xairéis, via-se sôbre os **umbo** a figura de César. Para os judeus era uma idolatria. Antipas arengou aos judeus, enquanto Vitellius, na colunata, num ponto **elevado, se espantava com** o seu furor. Tibério tivera razão de exilar 400 dêles na Sardenha. Mas, na sua pátria, eram fortes; e Vitellius mandou que se retirassem os escudos.

Então cercaram o procônsul, implorando reparações de injustiça, privilégios, esmolas. As suas vestes estavam rôtas; os homens se comprimiam e se esmagavam; e, para abrir caminho, os escravos munidos de bastões golpeavam à direita e à esquerda. Os mais vizinhos à porta desceram para o atalho, outros subiram; refluíam; duas correntes se cruzavam nessa massa de homens que oscilava, comprimida pelo **cinturão das muralhas.**

Vitellius perguntou por que tanta gente. Antipas lhe disse a causa: o festim do seu aniversário; e lhe mostrou muitos dos seus homens que, inclinados nas ameias, içavam cestos imensos de carne, de frutas, de legumes, antílopes e cegonhas, grandes peixes de côr azulada, passas, melancias, romãs arrumadas em pirâmide. Aulus não se conteve. Precipitou-se para as cozinhas, levado por essa glutoneria que devia surpreender o Universo.

Passando perto de uma cave, percebeu marmitas parecidas a couraças. Vitellius veio olhá-las; e exigiu que lhe abrissem as câmaras subterrâneas **da fortaleza.**

Estavam talhadas na rocha, em altas abóbadas, com pilares de distância em distância. A primeira continha velhas armaduras; mas a segunda regorgitava de espadas, que alongavam tôdas as suas pontas, emergindo de um chumaço de plumas. A terceira parecia tapetada de caniços, tanto as pequenas flechas estavam perpendicularmente umas ao lado das outras. Lâminas de alfanjes cobriam as paredes da quarta. Em meio à quinta, filas de capacetes, semelhavam, com as suas cristas, um batalhão de serpentes vermelhas. Na sexta, havia apenas aljavas; na sétima, cnêmides; na oitava, braçais; nas seguintes, forcados, arpéus, escadas, cordames, até mastros para catapultas, até guizos para o peitoral dos dromedários. E, como a montanha se alargava na base, esburacada no interior como uma colmeia de abelhas, acima dêstes alojamentos havia outros ainda mais numerosos e mais **profundos.**

Vitellius, Finéias o intérprete de Sisena, o chefe dos publicanos, as percorriam à luz das tochas trazidas por **três eunucos.**

Distinguiam-se, nas sombras, coisas monstruosas inventadas pelos bárbaros — clavas guarnecidas de orifícios, azagaias envenenadas, tenazes que lembravam os maxilares de um crocodilo. Enfim, o tetrarca possuía, em Machareus, munições de guerra para 40.000 homens.

Tinha-as reunido na previsão de uma aliança dos seus inimigos. Mas, o procônsul podia acreditar, ou dizer, que eram para combater os romanos — e êle procurava explicações.

Não eram suas; muitas serviam para se defender dos salteadores; aliás, precisava delas contra os árabes; ou melhor, tudo isso pertencia a seu pai. E, em vez de seguir atrás do procônsul, ia à frente, em passos rápidos. Depois se colocou ao longo da parede, que escondia com a toga, os cotovelos afastados; mas a parte superior de uma porta ultrapassava-lhe a cabeça. Vitellius o notou e quis saber o que continha.

Sòmente o Babilônio podia abrí-la

— **Chamem o Babilônio!**

Esperam-no.

O pai viera das margens do Eufrates oferecer-se ao grande Herodes, com 500 cavaleiros, para defender as fronteiras orientais. Depois da partilha do reino, Iacim ficara com Felipe e agora **servia a Antipas.**

Êle se apresentou, um arco no ombro, chicote na mão. Cordões multicores apertavam-lhe estreitamente as pernas ágeis. Os seus vigorosos braços saíam de uma túnica sem mangas e um boné de peles sombreava-lhe o rosto, de barba frisada em anéis.

A princípio fêz cara de quem não compreendia o intérprete. Mas Vitellius lançou um olhar a Antipas, que repetiu imediatamente a sua ordem. Então Iacim aplicou as duas mãos sôbre a porta, que deslizou na parede.

Um sôpro de ar quente se exalou das trevas. Uma aléia descia em voltas; tomaram-na e chegaram à entrada de uma grota, mais extensa do que os outros subterrâneos.

Uma arcada se abria no fundo, sôbre o precipício, que dêsse lado defendia a cidadela. Uma madressilva, agarrando-se à abóbada, deixava cair as suas flores em plena luz. À altura do solo, um filete d'água murmurava.

Cavalos brancos — uma centena talvez — comiam cevada numa prancha ao nível da sua bôca. Tinham as crinas pintadas de azul, os cascos metidos em mitenes de esparto e os pêlos de entre as orelhas se lhes eriçavam sôbre a fronte, como uma peruca. Com a longa cauda, batiam suavemente nos jarrêtes. O procônsul ficou mudo de **admiração.**

Eram animais maravilhosos, flexíveis como serpentes, leves como pássaros. Partiam com a flecha do cavaleiro, derrubavam os homens mordendo-os no ventre, venciam por si mesmos os obstáculos dos rochedos, saltavam por cima dos abismos e durante todo um dia continuavam o seu galope frenético; uma palavra os detinha. Logo que Iacim entrou, os animais vieram-lhe ao encontro, como carneiros quando o pastor aparece; e, avançando os pescoços, olhavam-no inquietos, com os seus olhos infantis. Por hábito, Iacim retirou da garganta um som rouco que os pôs em alegria; e os animais cabriolavam com fome de espaço, pedindo para correr.

Antipas, com receio de que Vitellius os levasse, os tinha aprisionado neste local, especial para animais, em caso de sítio.

— A estrebaria é ruim — disse o procônsul — e te arriscas a perdê-los! Faze o **inventário, Sisenna!**

O publicano retirou uma tábua da cintura, contou os cavalos e os inscreveu.

Os agentes das companhias fiscais corrompiam os governadores, para pilhar as províncias. Êste farejava por tôda parte, com os seus maxilares de fuinha e as suas pálpebras inquietas.

Enfim, todos subiram para o pátio.

Círculos de bronze em meio às lajes, aqui e ali, cobriam as cisternas. Vitellius observou uma, maior do que as outras, que não tinha a mesma sonoridade sob os seus tacões. Bateu em tôdas, alternativamente, depois urrou, **sapateando:**

— Encontrei-o! Encontrei-o! Está aqui o tesouro de Herodes!

A busca dos seus tesouros era uma loucura dos romanos. Não existiam, jurava o tetrarca. Entretanto, que havia lá em baixo?

— Nada! Um homem, um prisioneiro.

— Mostra-o! — disse Vitellius.

O tetrarca não obedeceu; os judeus teriam conhecido o seu segrêdo. A sua repugnância de suspender a tampa de bronze impacientava Vitellius.

— Arromba-a! — gritou para os litores.

Mannaei adivinhara. Pensou, ao ver um machado, que se ia decapitar Iaokanann; e êle deteve o litor ao primeiro golpe sôbre a placa, intrometeu entre esta e as lajes uma espécie de alavanca, depois, retesando os longos braços magros, levantou-a suavemente até se abater do outro lado; todos admiraram a fôrça do velho. Sob a tampa dupla de madeira, se estendia um alçapão das mesmas dimensões. Com uma pancada, o alçapão se abriu em dois; viu-se então um buraco, uma fossa enorme contornada por um escada sem corrimão; e os que se inclinaram na borda perceberam, no fundo, qualquer coisa de vago e terrível.

Um ser humano estava deitado por terra, com os longos cabelos se confundindo com as peles de animais que lhe protegiam as costas. Êle se levantou. A sua fronte chegava até a uma grade horizontal; e, de vez em quando, desaparecia nas profundezas do seu antro.

O sol fazia brilhar a ponta das tiaras e os arremates dos gládios e esquentava as lajes; e pombos, abrindo vôo dos frisos, volteavam acima do pátio. Era a hora em que Mannaei, ordinàriamente, lhes dava de comer. Êle se mantinha de cócoras diante do tetrarca, que estava perto de Vitellius. Os galileus, os sacerdotes, os soldados formavam um círculo atrás; todos se calavam, na angústia do que iria acontecer.

Ouviu-se primeiro um grande suspiro, vindo de uma garganta cavernosa.

Herodíade o ouviu no outro extremo do palácio. Vencida por uma fascinação, abriu caminho por entre a turba; e escutava com uma das mãos no ombro de Mannaei, o corpo inclinado.

A voz se elevou:

— Maldição sôbre vós, fariseus e saduceus, raça de víboras, odres inchados, címbalos retumbantes!

Tinham reconhecido Iaokanann. O seu nome circulava. Outros acorreram.

— Maldição sôbre ti, ó povo! e sôbre os traidores de Judá, os bêbedos de Efraim, os que habitam o vale e cambaleiam com os vapores do vinho! Que se dissipe a água que corre, como a lesma que se funde ao deslizar, como o abôrto de uma mulher que não vê a luz do sol. Ser-te-á necessário, Moab, buscar refúgio nos ciprestes como os pardais, nas cavernas como os roedores As portas das fortalezas serão quebradas mais ràpidamente do que cascas de noz, as muralhas ruirão, as vilas serão prêsa das chamas; e o flagelo do Eterno não se deterá. Misturará os vossos membros no vosso sangue; como a lã na cuba de um tintureiro. Retalhar-vos-á como um arado novo: espalhará sôbre as montanhas todos os pedaços da vossa carne!

De que conquistador falava? De Vitellius? Sòmente os romanos podiam produzir êsse extermínio. Lamentos se **faziam ouvir:**



— Basta! Basta! Que isto acabe!

Êle continuou mais alto:

— Junto do cadáver das suas mães, as crianças se arrastarão sôbre as cinzas. À noite, buscar-se-á o pão através dos escombros, ao acaso. Os chacais arrastarão ossos sôbre as praças públicas, onde à noite os velhos palestravam. As tuas virgens, engolindo os seus lamentos, tocarão cítara nos festins do estrangeiro e os teus filhos mais bravos dobrarão o tronco esmagados por fardos pesados de mais!

O povo revia os dias do seu exílio, tôdas as catástrofes da sua história. Eram as palavras dos antigos profetas. Iackanann as enviava, como vigorosos golpes, uma depois de outra.

Mas a voz se fêz doce, harmoniosa, cantante. Anunciava uma libertação, esplendores do céu, o recém-nascido com um braço na caverna do dragão, ouro em vez de argila, o deserto a desabrochar como uma rosa:

— O que agora vale sessenta "kiccars" não custará um óbolo. Fontes de leite rebentarão dos rochedos e os homens dormirão no lagar, de barriga cheia! Quando virás, ó tu que eu espero? De antemão, todos os povos se ajoelham e o teu domínio será eterno, Filho de David!

O tetrarca se atirou para trás, pois a existência de um filho de David o ultrajara como uma ameaça.

Iackanann o invectivou pela sua realeza. — "Não há outro rei além do Eterno!" — e pelos seus jardins, pelas suas estátuas, pelos seus móveis de marfim, como o ímpio Achab!

Antipas quebrou a correntinha que trazia ao peito e atirou-a na fossa, mandando-lhe que se calasse.

A voz respondeu:

— Gritarei como um urso, como um asno selvagem, como uma mulher que dá à luz! O castigo já está no seu incesto. Deus te aflige com a esterilidade do jumento!

E risos se elevaram, parecidos ao fragor das ondas.

Vitellius se obstinava em ficar. O intérprete, em tom impassível, repetia, na língua dos romanos, tôdas as injúrias que Iackanann rugia na sua língua. O tetrarca e Herodíade eram forçados a suportá-las duas vêzes. Êle ofegava, enquanto ela observava, pasmada, o fundo do poço.

O homem espantoso voltou a cabeça; e, segurando as barras da grade, nelas colou o seu rosto, que parecia um pequeno bosque onde faiscavam dois carvões:

— Ah, és tu, Iezabel! Conquistaste o seu coração com o ruído das tuas sandálias. Nitrias como uma égua. Preparaste a tua cama sôbre os montes, para realizar os teus sacrifícios! O senhor arrancará as tuas argolas, os teus vestidos de púrpura, os teus véus de linho, as pulseiras dos teus braços, as pedras preciosas que te ornam os pés, os pequenos crescentes de ouro que tremem sôbre a tua fronte, os teus espelhos de prata, os teus leques de penas de avestruz, os chapins de nácar que realçam o teu porte, o orgulho dos teus diamantes, os perfumes dos teus cabelos, a pintura das tuas unhas, todos os artifícios da tua ociosidade; e faltarão calhaus para lapidar a adúltera!

Ela procurou uma defesa, com o olhar, em tôrno de si. Os fariseus baixavam hipòcritamente os olhos. Os saduceus voltavam a cabeça, temendo ofender o procônsul. Antipas dava a impressão de morrer.

A voz engrossava, se desenvolvia, troava como uma tempestade, e, com o eco a repetí-las nas montanhas, fulminava Machaerus com relâmpagos multiplicados.

— Espoja-te na poeira, filha de Babilônia! Faze moer a farinha! Tira o teu cinto, livra-te dos calçados, enfeita-te, atravessa os rios! A tua vergonha será descoberta, o teu opróbrio será visto! Os teus soluços te quebrarão os dentes—! O Eterno abomina a podridão dos crimes! Maldita! Maldita! Morre como uma cadela!

O alçapão se fechou, a tampa caíu. Mannaei queria estrangular Iackanann.

Herodíade desapareceu. Os fariseus estavam escandalizados. Antipas, no meio dêles, se justificava.

— Sem dúvida, — disse Eleazar — deve-se desposar a mulher do irmão, mas Herodíade não era viúva e, além disso, tinha uma filha, o que constituía uma abominação.

— Êrro! Êrro! — objetou o saduceu Jônatas — A lei condena êsses casamentos, sem os proscrever absolutamente.

— Não importa! A injustiça comigo é muito grande, — dizia Antipas — porque, afinal, Absalão dormiu com as mulheres do pai, Judá com a sua nora, Ammon com a sua irmã, Lot com as as suas filhas.

Aulus, que acabava de acordar, apareceu nesse momento. Inteirado do assunto apoiou o tetrarca. Ninguém devia incomodar-se com tolices semelhantes; e ria muito da condenação dos sacerdotes e do furor de Iackanann.

Herodíade, no meio da escada, voltou-se para êle:

— Estás errado, senhor! Êle ordena ao povo que se recuse a pagar impôsto!

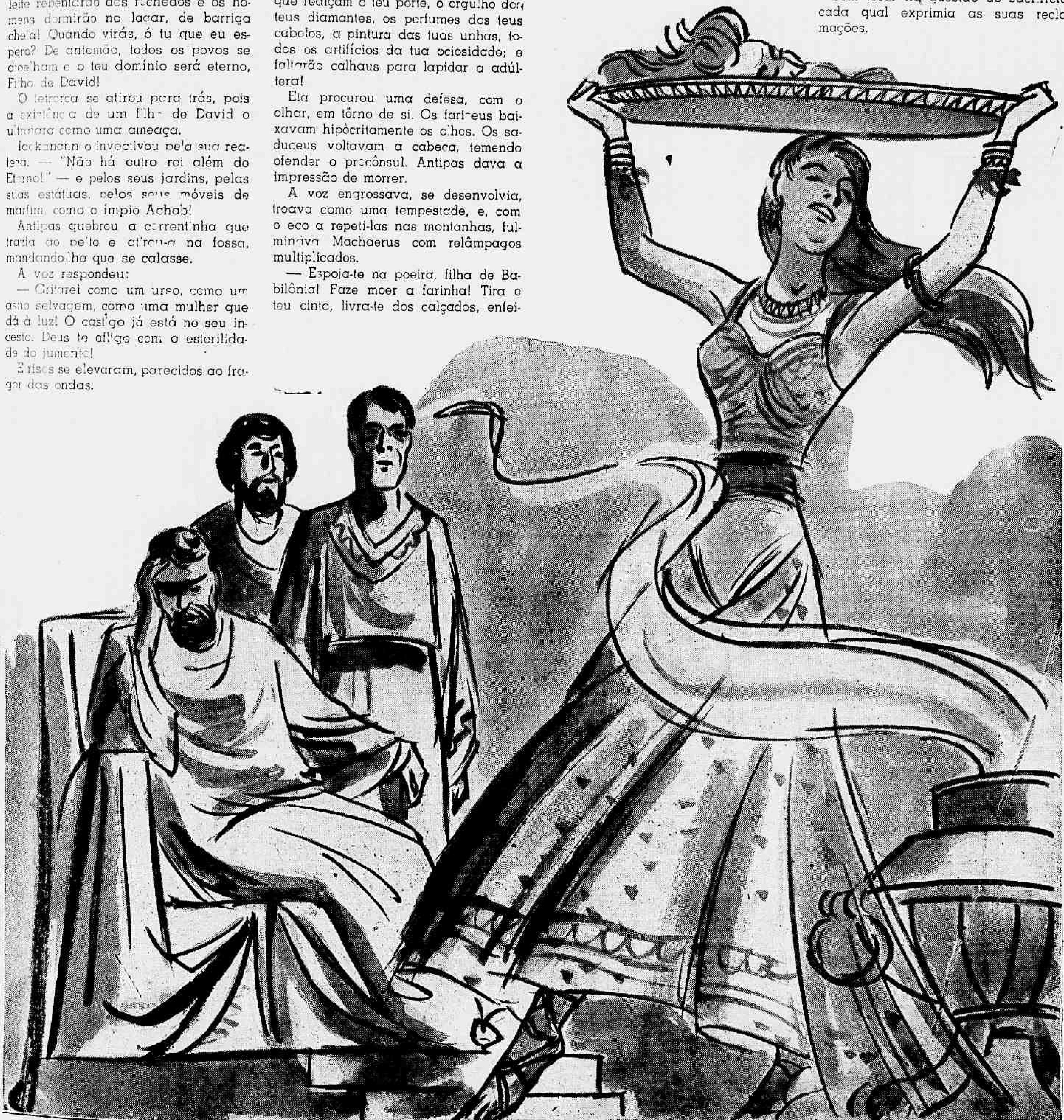
— E' verdade? — perguntou imediatamente o publicano.

As respostas foram em geral afirmativas. O tetrarca as reforçava.

Vitellius supôs que o prisioneiro pudesse fugir; e, como a conduta de Antipas lhe parecia duvidosa, postou sentinelas nas portas, ao longo das muralhas e no pátio.

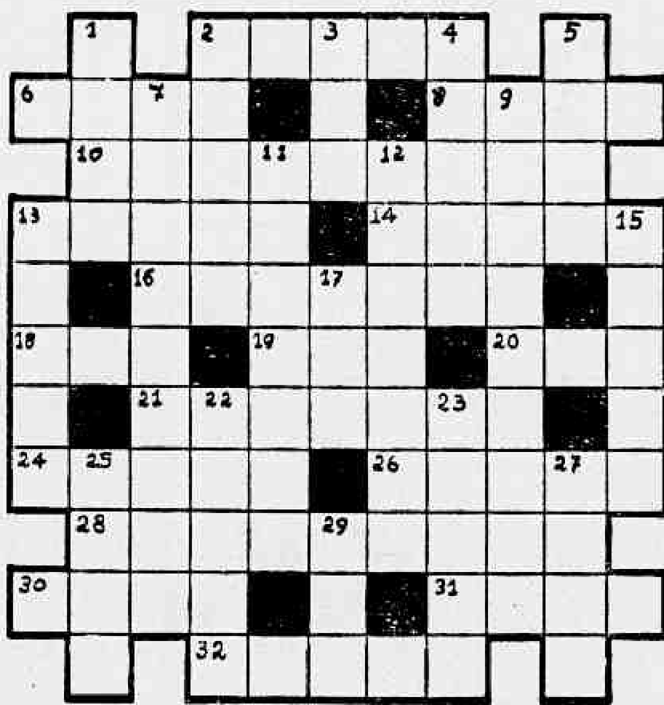
Em seguida, dirigiu-se para o seu apartamento. As delegações dos sacerdotes o acompanharam.

Sem tocar na questão do sacrifício, cada qual exprimia as suas reclamações.



PALAVRAS CRUZADAS

Problema N: 84 para Veteranos

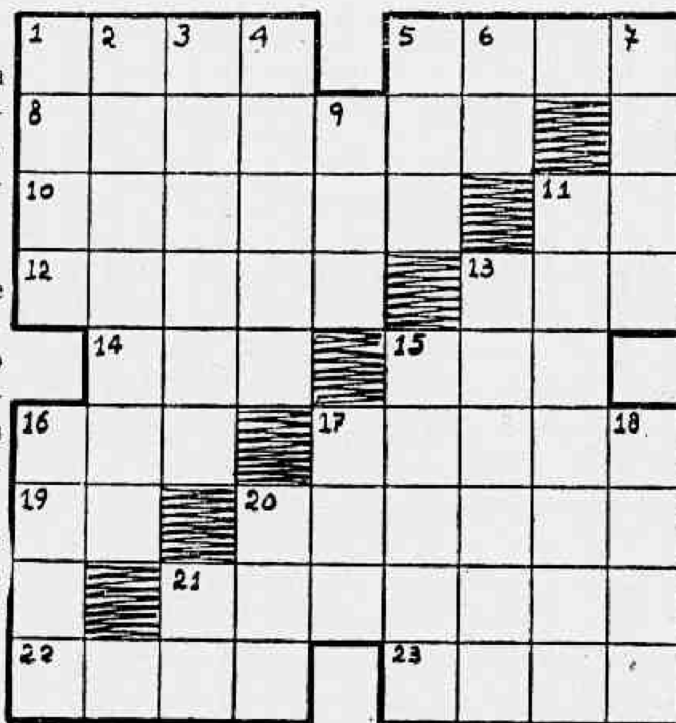


HORIZONTAIS: — 2. Disfarçam — 6. Tira disfarçadamente — 8. Entusiasmo — 10. Fazer pouco caso — 13. Eliminar — 14. Tramóias — 16. Confusão de cheiros — 18. Espécie de águia — 19. Patriarca hebreu — 20. Continua — 21. Aproveite — 24. Cicatriz branca da córnea — 26. Segunda cava nas vinhas — 28. Filamento que, nos fungos, faz as vêzes de raiz — 30. Divisão administrativa do Marrocos francês — 31. Nome de mulher — 32. Indivíduo esperto (pl.)

VERTICAIS: — 1. Bicha — 2. Juizes entre os muçulmanos — 3. Ilha da Iugoslávia, no Adriático — 4. Afluente direito do Jamundá, no Amazonas — 5. Em país estranho — 7. Que funciona por meio de cordas — 9. Antiga moeda gótica — 11. Contraste fortúito que parece um escárneo (pl.) — 12. Propugnador de grandes idéias — 13. Parte dianteira do navio — 15. Recurso — 17. Estrêla — 22. Cachaça — 23. Pessoa sem valor (pl.) — 25. Cidade e oasis do Saara — 27. Prece — 29. Medida de extensão de Tonquim, igual a 100 fôs.

Problema N: 84 para Novatos

HORIZONTAIS: — 1. Fiasco — 5. 1ª letra do alfabeto grego — 8. Falsificava — 10. Vermelho de rosto — 11. Sufixo designativo de agente — 12. Rezara — 13. Rio que separa o Brasil do Paraguai — 14. Ovário de peixe — 15. Unidade das medidas agrárias — 16. Membro de ave — 17. Gostara — 19. Pedra de moinho — 20. Fios flexíveis de metal — 21. Do verbo abaratar — 22. Faz girar — 23. Lavras.



VERTICAIS: — 1. Opulento — 2. Carinhoso — 3. Puxava — 4. Ligara — 5. O pai do pai ou da mãe — 6. Ali — 7. Ancoradouro — 9. Nome de mulher — 11. Forma leve de teatro musicado — 13. Gradear com arame — 15. Amarga — 16. Afeição profunda — 17. Pedra do altar — 18. Ligeireza — 20. Rebordo de chapéu — 21. Outra coisa.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 83 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Meada — Catar — Evo — Pra — Ité — Só — Atobá — Ac — Odo — Eito — Tupã — Cabeleira — Capa — Laré — Pua — Ir — Hidra — Bi — Rua — Noa — Iod — Asilo — Musgo.
VERTICAIS: — Messe — Evo — Ao — Apto — Cabo — Ti — Ata — Rechã — Rodilhudo — Etapa — Rural — Ica — Oba — Til — Par — Cuira — Exido — Pino — Aram — Rus — Bog — Ai — Is.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Machado — Cego — Céus! — It — Nua — Vá — Construir — Ué! — Ia — Acariciar — Vi — Vai — Rã — Aatá — Amas — Miraram.

VERTICAIS: — Meto — Ag — Conservar — Acariciar — De — Ouvi — Civiava — Sararás — Ut — Nua — Uai! — Ciam — Ia — Aram — Ti — Má.

Colaboração e correspondência para «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS

Todos o obsedavam. Êle os despediu.

Jônatas o deixava quando êle percebeu, numa das ameias, Antipas a conversar com um homem de longos cabelos, de vestes brancas, um essênio; e lamentou tê-lo apoiado.

Uma reflexão havia consolado o tetrarca. Iackanann não dependia mais dêle; os romanos se haviam incumbido da sua sorte. Que alívio! Phanuel passeava então sôbre o caminho da ronda.

Êle o chamou e disse, apontando os soldados:

— Êles são mais fortes! Não posso libertá-lo! A culpa não é minha!

O pátio estava deserto. Os escravos repousavam. Sôbre a vermelhidão do céu, que incendiava o horizonte, os menores objetos perpendiculares se destacavam em prêto. Antipas distinguiu as salinas no outro extremo do Mar Morto, mas já não via as tendas dos árabes. Teriam partido, sem dúvida? A lua se levantava; a paz descia sôbre o seu coração.

Phanuel, abatido, mantinha o queixo contra o peito. Afinal, revelou o que tinha a dizer.

Desde o comêço do mês, estudava o céu antes da alvorada, com a constelação de Perseu no zênite. Agalah, mal se mostrava, Algol, brilhava menos, Maira Coeti desaparecera; pelo que augurava a morte de um homem importante, nessa mesma noite, em Machaerus.

Qual? Vitellius estava bem cercado. Não seria executado Iaokanann. "Serei eu então!" pensou o tetrarca.

Talvez os árabes fôssem voltar? O procônsul descobriria as suas relações com os partas! Sicários de Jerusalém escoltavam os sacerdotes; tinham punhais sob as vestes; e o tetrarca não duvidava da ciência de Phanuel.

Teve a idéia de recorrer a Herodíade. Odiava-a, entretanto. Mas lhe daria coragem; e nem todos os laços do enfeitiçamento que sofrera outrora estavam rotos.

Quando entrou no seu quarto, queimava o cinamomo num vaso de pórfiro; e pós, unguentos, estofos parecidos a nuvens, bordados mais leves do que plumas, estavam dispersos.

Não disse a predição de Phanuel, nem o seu receio dos judeus e dos árabes; ela o teria acusado de covardia. Falou sòmente dos romanos; Vitellius nada lhe dissera dos seus projetos militares. Supunha-se amigo de Caio, que freqüentava Agripa; e seria mandado para o exílio ou talvez assassinado.

Herodíade, com uma indulgência desdenhosa, tentou tranqüilizá-lo. Afinal tirou de uma caixinha uma medalha ornada com o perfil de Tibério. Isto bastava para fazer empalidecer os litores e destruir as acusações.

Antipas, emocionado com o reconhecimento, lhe perguntou como a conseguira.

— Alguém me deu.

Sob uma porta defronte, um braço nu avançou, um braço jovem, encantador, como que talhado no marfim por Policleto. De maneira um tanto esquerda, e entretanto graciosa, balouçava-se no ar, para apanhar uma túnica esquecida sôbre um escabêlo perto da parede. Uma velha a entregou, afastando suavemente a cortina.

O tetrarca teve uma recordação que não pôde precisar.

— Essa escrava é tua?

— Que te importa? — respondeu Herodíade.

III

Os convivas enchiam a sala do festim.

A sala tinha três naves, como uma basílica, separadas por colunas em madeira de algumim, com capitéis de bronze esculpido. Duas galerias abertas se apoiavam acima; e uma terceira, em filigrana de ouro, curvava-se no fundo, diante de uma arcada enorme, que se abria no outro extremo.

Candelabros, acesos sôbre as mesas alinhadas em todo o comprimento da sala, crepitavam como fogos, entre as taças de barro pintado e os pratos de cobre, os cubos de neve, os montículos de passas; mas êsses clarões vermelhos se perdiam progressivamente, por causa da altura do teto, e pontos luminosos brilhavam, como estrêlas, à noite, através dos ramos. Pela abertura da parede, percebiam-se fla-

Senhora! Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

fitas sôbre os terraços das casas; porque Antipas festejava os seus amigos, o seu povo e todos os que se haviam apresentado.

Escravos, alertas como cães, os pés metidos em sandálias de feltro, circulavam, conduzindo pratos.

A mesa do procônsul ocupava, sob a tribuna dourada, um estrado de pranchas de sicômoro. Tapêtes de Babilônia fechavam-na em uma espécie de pavilhão.

Três leitos de marfim, um de face e dois sôbre os flancos, continham Vitelius, seu filho o Antipas, — o procônsul perto da porta, à esquerda, Aulus à direita, o tetrarca no meio.

Trazia um pesado manto negro, cuja trama desaparecia sob aplicações, de côr, da testa até às maçãs do rosto, a barba em leque, polvilho azul nos cabelos, presos por um diadema de pedrarias. Vitellius conservava o seu talabarde de púrpura, que lhe descia em diagonal sôbre a toga de linho. Aulus fizera ligar, às costas, as mangas da sua veste de sêda violeta, laminada de prata. Os rolos da sua cabeleira formavam andares e um colar de safiras brilhavam-lhe no peito, gordo e branco como o de uma mulher. Junto dêle, numa almofada, de pernas cruzadas, se encontrava uma criança muito bonita, que sorria sempre. Vira-o nas cozinhas, não podia afastar-se mais dêle e, tendo dificuldade em reter o seu nome caldeu, chamava-o simplesmente de Asiático. De vez em quando estendia-se no triclínio. Então, os seus pés nus dominavam a assembléia.

Dêsse lado havia os sacerdotes e os oficiais de Antipas, habitantes de Jerusalém, os principais das vilas gregas e, sob o procônsul: Marcellus com os publicanos, amigos do tetrarca, personagens de Kana, Ptolemaid, Jericó; depois, em confusão, montanheses do Líbano e os velhos soldados de Herodes: doze trácios, um gaulês, dois germanos, caçadores de gazelas, pegureiros da Induméia, o sultão de Palmira, marinheiros de Eziongaber. Cada qual tinha diante do si um bôlo de pasta mole, para enxugar os dedos; e os braços, alongando-se como pescoços de abutres, agarravam azeitonas, pistachas, amêndoas. Todos os rostos estavam alegres, sob coroas de flores.

Os fariseus as tinham repelido como indecência romana.. Tiveram arrepios ao serem aspergidos com galbano e incenso, composição reservada às cerimônias do Templo.

Aulus a esfregara sôbre o seu prato; e Antipas lhe prometeu todo um carregamento, com três cestos do verdeiro bálsamo que fêz com que Cleopatra cubiçasse a Palestina.

Um capitão da sua guarnição de Tiberíade, chegado havia pouco, se colocara atrás dêle, para contar-lhe acontecimentos extraordinários. Mas a sua atenção estava dividida entre o procônsul e o que se dizia nas mesas vizinhas.

Falava-se de Iaokonann e dos indivíduos de sua espécie; Simão de Gittoi lavava os pecados com fogo. Certo Jesus...

— O pior de todos! — exclamou Eleazar — Que infame charlatão!

Atrás do tetrarca um homem se levantou, pálido como o debrum da sua clâmide. Desceu o estrado e, interpelando os fariseus:

— Mentira! Jesus faz milagres!

Antipas desejo vê-los.

— Devias tê-lo trazido! Conta!

Então narrou que êle, Jacob, tendo uma filha doente, seguira para Capharnaum, a fim de suplicar ao Mestre que a curasse. O Mestre respondera: "Volta à tua casa, ela está curada!" E a encontrara à soleira, saída da cama quando o gnomo do palácio marcava a terceira hora, exatamente o momento em que falara com Jesus.

Certamente, objetaram os fariseus, havia práticas, ervas poderosas. Aqui mesmo, em Machareus, por vêzes se encontrava o "baaras" que torna invulnerável; mas curar sem ver nem tocar era coisa impossível, a menos que Jesus empregasse demônios.

E os amigos de Antipas, os principais da Galiléia, repetiram, balançando a cabeça:

—Os demônios, evidentemente.

Jacob de pé entre a sua mesa e a dos sacerdotes, se calava de maneira altiva e doce.

(Cont'nua no próxim número)

QUER SER ESCRITORà

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILISTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

AOS CALVOS E AOS QUE COMEÇAM A PERDER CABELOS

"AMARALINA"

(Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia)

Acabamos de receber uma grande remessa dêste providencial remédio. Com base de um vegetal raro, da certeza absoluta de que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a comprovação em milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos eliminando totalmente a caspa e com a continuação, obedecido o que a bula determina, fará voltar os cabelos perdidos.

O PRODUTO É ENCONTRADO EM QUALQUER FARMÁCIA, DROGARIA OU FERFUMARIA.

ACEITAMOS PEDIDOS PELO REEMBÔLSO POSTAL A Cr$ 45,00 O VIDRO, LIVRE DE PORTE. DIRIJA-SE A:

M. M. BURLE & CIA. LTDA.

(Distribuidores)

AVENIDA RIO BRANCO, 137 — 6.º — S 616 — RIO — FONES: — 32 9415 e 32-9309.

O prêço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura media	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUAL É O NOME DO DESCOBRIDOR DOS RAIOS X:

— Guilherme Conrado Roentgen?
— Conrado Roentgen?
— Sérgio Watt Roentgen?

2 — UM TRONCO DE ÁRVORE CARBONIZADO DÁ:

— Carvão mineral?
— Carvão vegetal?
— Carbureto?

3 — QUAL O POETA INGLÊS CHAMADO «O BARDO DE AVON»:

— Shakespeare?
— Byron?
— Milton?

4 — COMO SE CHAMAVA O «PAI DO FUTEBOL AMERICANO»:

— John Smith?
— Walter Camp?
— William Grace?

5 — STRAVINSKY SE TORNOU FAMOSO NO MUNDO INTEIRO POR TER SIDO:

— Grande pintor?
— Valoroso general?
— Célebre compositor musical?

6 — PLATÃO ERA:

— Ateu?
— Deista?
— Politeista?

7 — QUAL DÊSTES MUSICISTAS FOI AMANTE DA ESCRITORA GEORGE SAND:

— Beethoven?
— Liszt?
— Chopin?

8 — QUAL A FONTE PRINCIPAL DE ONDE SE EXTRAI A MATÉRIA PRIMA PARA FABRICAÇÃO DO PAPEL:

— O pinho?
— A cinza?
— Fôlhas de árvore?

9 — QUAL O PAÍS EUROPEU QUE FICA NA EXTREMIDADE DA PENINSULA BALCANICA:

— Rumânia?
— Bulgária?
— Grécia?

10 — A QUEM SE DEVE A CONSTRUÇÃO DO PRIMEIRO TELESCÓPIO:

— Edson?
— Galileu?
— Halley?

11 — QUE SIGNIFICA «HALITOSE»:

— Mau hálito?
— Dor de cabeça?
— Dificuldade de respirar?

12 — QUAL O ESCRITOR QUE ESCREVEU «DAVID COPPERFIELD»:

— Voltaire?
— Blasco Ibanez?
— Charles Dickens?

13 — DE QUE PINTOR É O FAMOSO QUADRO «LA GIOCONDA»:

— Velasquez?
— Leonardo da Vinci?
— Rafael?

14 — QUANTO RECEBE A INGLATERRA POR TONELADA DE MERCADORIA OU POR PESSOA QUE PASSA PELO CANAL DE SUEZ:

— Uma libra esterlina?
— Dez xelins?
— Oito xelins?

15 — QUAL DENTRE ÊSTES PAISES O QUE POSSUI MAIOR NÚMERO DE JORNAIS DIARIOS:

— Brasil?
— França?
— Inglaterra?

(Respostas na pág. 48)

CINE NOVELA

PERDIDA

AUTÊNTICA praça de touros, com seu colorido berrante e uma multidão tonta de emoção, onde um homem de coragem enfrenta uma fera que ruge na arena, enlouquecida pelas agudas farpas que os bandeirilhas lhe espetaram no lombo. Na arquibancada, Marta também vibra. E' uma belissima jovem. Mais à sua frente está o picadeiro. Marta chama um dos "segundos" e pede-lhe que entregue ao "espada", o famoso toureiro mexicano Velasquez, um pedacinho de papel onde se lê: *"Espera-me esta noite no "Cabaret Pigall"*... O toureiro localiza a mulher e acha linda a desconhecida que lhe remete convite tão misterioso.

À noite lá está êle, à luz fraca do clube noturno, à espera de Marta, que tarda. De repente, a orquestra arrebenta com uma "overture" e, lentamente, colossais cortinas se abrem. Ao fundo surge uma belissima estrêla dançando com requinte. E' Marta. Ao terminar o número, Marta vem à mesa e depois de um "drink", diz ao seu interlocutor que deseja falar-lhe, mas não ali e sim em seu apartamento.

Acostumado às aventuras fáceis, Velasquez, ao chegar ao apartamento, procura enlaçar a jovem nos braços. Repelido, zanga-se. Mas Marta lhe diz que o chamado fôra para outra coisa. Em seguida ela se dirige à mesa apanha uma maçã, dá uma dentada e passa ao rapaz para que êle repita seu gesto. Estranhamente, êle realiza a mesma coisa com naturalidade. Marta pergunta-lhe então: — Isto não te lembra nada? Velasquez reconhece na jovem artista a sua primeira namorada — cujo verdadeiro nome é Rosário. Marta passa então a narrar-lhe sua história. História estranha mas verdadeira, cheia de lances emocionantes e pontilhada de ciladas tremendas, armadas pelo destino.

Rosário, nascida no campo, teve uma infância alegre e feliz, tendo as campinas como "menage", os pássaros livres como devaneio e as flores como jóias. Pobre, mas feliz, tinha um namorado: Antônio Velasquez, seu vizinho, que fôra seu amor desde criança. Amara-o mesmo antes de conhecer o amor. Mas os anos passam e Rosário torna-se uma "guapa múchacha". Continuam os dois pelos campos a brincar inocentemente. Mas a tempestade, representada pelo terrivel padrasto de Marta, os surpreende justamente quando ambos



(PERDIDA)

ELENCO:

Rosário	**Ninon Sevilla**
Augusto Lara	**Augustin**
Antônio Velasquez — (Toureiro)	**Antônio Velasquez**
Don Paschoal (Atuação especial)	**Domingos Soler**
Mano'o dos Santos — (Toureiro português)	**Manoel dos Santos**

ANJOS DO INFERNO» — «LOS PANCHOS» — PEDRO VARGAS.

Músicas: «PERDIDA» — «MISÉRIA» — «LA MUCURA»

Em atuação especial Florêncio Castelló — Cesar del Campo.

Direção de Fernando A. Rivero

Uma apresentação de Produciones Calseron, distribuição da Pelmex.



mordiam uma maçã, como tinham por costume. Marta é corrida para casa e, sob ameaças de pancada, o velho padrasto apossa-se da moça, violentando-lhe a honra.

Envergonhada, desiludida, Rosário foge pelas estradas, sem destino. No caminho, um jovem motorista a recolhe e, sob promessa de colocá-la em casa de uma sua tia, leva-a a um bordel.

Nessa mesma noite tem uma desilusão pois, descobrindo que a casa não é decente, procura fugir. A turca surpreende-a e obriga-a a ficar, sob ameaça de mandá-la prender por um roubo que não cometera. Marta, vencida, transforma-se em mulher de mercado, aprende a beber, fumar, dançar e abordar os homens. Um dos "batitués" da casa, o milionário D. Pascoal, apaixona-se por Marta e tira-a dali. Dá-lhe um apartamento, mas um dia surge embriagado, trazendo consigo algumas mulheres de vida fácil. Marta, sentindo-se humilhada, revolta-se e esbofeteia seu protetor, que a atira à rua. Começa então, nova peregrinação de uma mulher sem apoio, sem dinheiro.

A fome lhe assalta. Pretende vender o corpo para comer. Pára, então, em uma esquina escusa, mas o primeiro homem que aparece repugna-lhe ao resto de brio. Ela foge apavorada. Ao passar por uma tenda de quitandas rouba uma torta, mas a polícia sai em seu encalço e prende-a. Na delegacia estão um músico e um escritor, que procuram motivos e assunto para suas criações. Ao chegar a jovem, o músico olha-a com espanto e pede ao comissário que a deixe sob custódia. Leva-a para casa, um luxuoso e quieto palácio. Entrega-lhe a casa sem condições, pedindo-lhe que faça uso de tudo. O músico, Agustin, procura educá-la e fazê-la uma senhora, na acepção da palavra.

Entretanto, aquêle homem estranho não lhe falava de amor, nada lhe pedia e lhe dava tudo. Marta ainda não estava feliz, porque um mistério devia estar atrás do procedimento daquele homem. Realmente, tôdas as noites êle ia a um dos quartos da casa, acendia a luz e tinha um diálogo com alguém, findo o qual apagava a luz, fechava a porta e ia dormir.

Marta resolve descobrir o segrêdo, inquire D. Agustin e exige a revelação. D. Agustin declara que ela é a única pessoa no mundo que tem êsse direito. Leva-a ao misterioso salão e lhe mostra um retrato. Era o retrato de sua espôsa, falecida há mais de vinte anos. Era tão parcida com Marta como o são duas gôtas d'água.

D. Agustin confessa, então, que viveu muitos anos prêso àmemória de sua mulher, mas agora está libertado. Confessa, então, que começa a amar a jovem Marta. Ela lhe confessa que não se pode casar com êle porque não o ama. Ama a um rapaz, com quem se encontra sempre na igreja. E' jovem e a faz feliz. D. Agustin zanga-se e pede-lhe que se retire, justamente na hora em que seu prometido ia levá-la para apresentar a seus pais. Marta chega à casa de seu noivo, cheia de fé, de alegria, pensa que agora terá um lar, marido e filhos. Mas a fatalidade espreita-a no alto da escada, de onde deve surgir o pai de seu noivo. Momentos depois, um homem desce calmo os degraus. Marta olha-o e solta um grito de terror. O homem que ela espera, o pai de seu noivo, é o mesmo D. Pascoal, que fôra seu amante.

Marta, mais uma vez, está perdida e sem rumo. Começa a trabalhar

(Cont. na pág. 54)



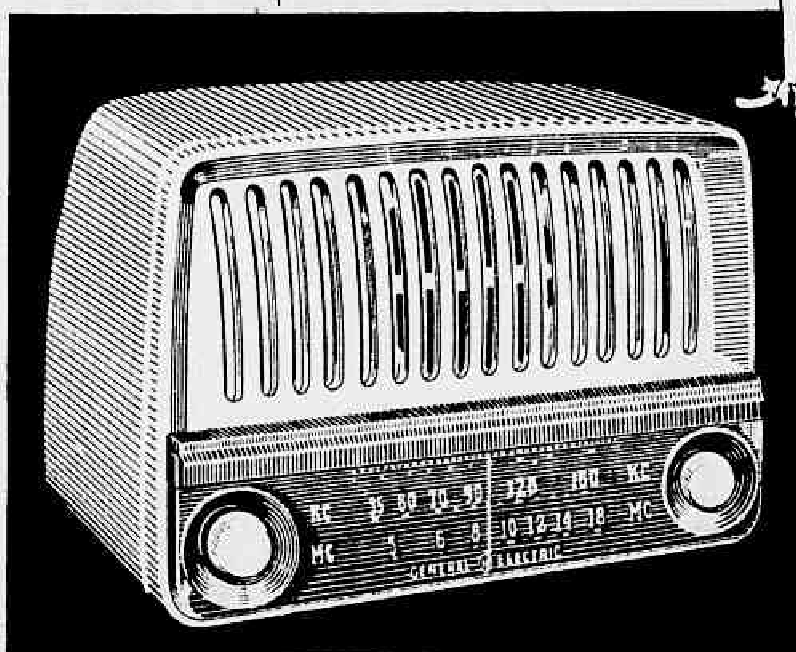




TODA A FAMÍLIA VAI APLAUDIR...

O "PEQUENO PRODIGIO" DA G.E.

...IRRADIA MÚSICA E ALEGRIA O DIA INTEIRO



- 5 válvulas
- 2 faixas de onda
- moderna caixa de matéria plástica
- nas côres marfim ou marron
- antena interna
- transformador "Universal"

Chegou o "Pequeno Prodígio" da G-E! Um rádio para qualquer hora... um gracioso ornamento em qualquer peça da casa! O "Pequeno Prodígio" é um prodígio de som, combinando linhas modernas a uma recepção impecavel. E seu preço é outro prodígio de economia: pergunte por ele nos revendedores.

V. PODE CONFIAR NA

GENERAL ELECTRIC

SOCIEDADE ANÔNIMA

ESCOLHA O MELHOR... ESCOLHA UM RÁDIO



8.577

RIO DE JANERO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR — CURITIBA — P. ALEGRE

O LUTO DE IRIS

(Cont. da pág. 38)

Nada! Iris já não era jovem nem nada! Já passara dos trinta há muito tempo. E, se fôssem procurar bem, encontrariam cabelos brancos mesclados a cabeleira lisa. O busto, até mesmo, já estava um pouco caido, e as costas formavam uma inclinação. E' laro, Iris não tinha idade para essas deformações, mas não era pouca a sua canseira. Para mim, o que envelhecia Iris era a falta de amor, era o adormecimento de sua feminilidade. Sua faceirice fanava como certos órgãos que se atrofiam por falta de função. Eu, cá por mim, tenho certeza que Iris até se esqueceu de que era mulher e era solteira e que as mulheres solteiras devem procurar se casar. Ou melhor, Iris não se esqueceu: acho que nunca pensou nisso.

Chegou, afinal, o dia da missa do sétimo dia. A igreja estava cheia. Não se falava em Lindolfo. Iris ainda era o assunto em foco. Os que não puderam ir ao entêrro não quiseram deixar de ver Iris na missa; e os que foram ao velório desejaram revê-la.

A coitada continuava abaladíssima, com aquêle jeito de sonâmbula, os olhos em gaza, chorando, chorando. Foi a prima Beatriz que fêz questão de vestí-la. Pôs-lhe um vestido de Ana, que lhe aumentava o busto, e um bonito chapéu, enfeitado com margaridas pretas.

Depois da missa, muitos quiseram levá-la para as suas casas. Nada de Alto da Boa Vista. Precisava mudar de ares, de ambiente. Afonsina quis levá-la para a Urca; Beatriz achava que a sua casa no Leblon seria o ideal para Iris. Eu ofereci minha casa, também. Foi Ana quem venceu, carregando a moça para Botafogo. Na verdade, Iris nem decidiu nada. Éramos nós, os parentes, quem discutimos — e afinal levaram-na, como se ela tivesse apenas cinco anos de idade.

Ana seutou-se no fundo do carro, a seu lado. Na frente ia o Guilherme, marido de Ana, e, guiando, o Oscar.

Oscar era o solteirão mais empedernido da família, incluindo o ramo paulista (que é grande) e a meia dúzia de Veigas que mora no Rio Grande do Sul. E' verdade que Altino Veiga, em São Paulo, já está bem maduro, mas o coitado não ganha nem para si. Por isso ninguém o aconselha o casamento — até mesmo nem tocam no assunto com êle. Mas Oscar era diferente. Oscar é industrial, tem várias emprêsas, é homem que gira com altas cifras. Acho que se esqueceu de casar, tão ocupado estêve, ajuntando o dinheiro que multiplicava em vários setores da indústria e do comércio.

E foi sua irmã Ana que o empurrou à missa do velho Lindolfo:

— Tens de ver Iris! Faço ouestão! E se gostares dela levaremos a moça para casa.

Na igreja, Ana perguntou baixinho ao irmão:

— Oscar, que tal Iris?

— Qual é?

— A de chapéu prêto, de chapéu grande.

— Bonita...

Êle ainda falou alguma coisa como quem diz: «Mas não para mim que não penso em me casar», porém Ana não ouviu mais nada e decidiu carregá-la para a sua casa. Tinha uma missão: casar Iris com Oscar.

★

Bem, contar como foi o período de namôro e de noivado de Oscar, já quarentão, com Iris, uma beleza que surgia tardiamente, só serviria para alongar a história.

Tudo que sei é que foi o casamento mais discutido entre os parentes e os amigos. Iris manteve a beleza triste, calma e descansada das madonas dos quadros medievais. Ana fêz tudo para acondicioná-la à época. Escolhia-lhe as roupas, os chapéus, ensinou-lhe a se preparar. E o amor fêz o resto. Não digo que Iris parecia ter recuado aos vinte porque hoje ela é muito mais bonita que ao tempo da juventude. Engordou um pouco, os olhos se iluminaram, as olheiras desapareceram.

E amou Oscar. Amou-o depressa, como se tivesse transferido todo o seu grande, o seu imenso afeto pelo pai ao espôso. E isso não me admira: é que Iris nasceu para amar intensamente.

Outro dia, conversávamos. Então eu lhe perguntei essa tolice:

— Você é mesmo feliz, Iris?

Fêz que «sim» com a cabeça e me disse:

— Só lamento é que papai não esteja aqui para ver minha felicidade.

Eu fiquei pensando no paradoxo que Iris falou. Então ela não percebeu que a sua felicidade nasceu da morte do pai?

Respostas ao teste

1—Guilherme Conrado Roentgen
2—Carvão vegetal
3—Shakespeare
4—Walter Camp
5—Célebre compositor musical
6—Deista
7—Chopin
8—O pinho
9—Grécia
10—Galileu
11—Mau hálito
12—Charles Dickens
13—Leonardo da Vinci
14—Oito xelins (cêrca de 22 cruzeiros)
15—Brasil (com 220. A França tem 164 e a Inglaterra 121).

ENTRE SANTOS

(*Continuação do número anterior*)

Só um milagre podia salvá-la; determinou vir aqui. Mora perto, e veio correndo. Quando entrou trazia o olhar brilhante e esperançado; podia ser a luz da fé, mas era outra coisa muito particular, que vou dizer. Aqui peço-vos que redobrei de atenção.

Vi os bustos inclinarem-se ainda mais; eu próprio não pude esquivar-me ao movimento e dei um passo para diante. A narração do santo foi tão longa e miúda, a análise tão complicada, que não as ponho aqui integralmente, mas em substância.

— Quando pensou em vir pedir-me que intercedesse pela vida da espôsa, Sales teve uma idéia especifica de usurário, a de prometer-me uma perna de cêra. Não foi o crente, que simboliza desta maneira a lembrança do benefício; foi o usurário que pensou em forçar a graça divina pela expectação do lucro. E não foi só a usura que falou, mas também a avareza; porque em verdade, dispondo-se à promessa, mostrava êle querer deveras a vida da mulher — intuição de avaro; — despender é documentar: só se quer de coração aquilo que se paga a dinheiro, disse-lh'o a consciência pela mesma bôca escura. Sabeis que pensamentos tais não se formulam como outros, nascem das entranhas do caráter e ficam na penumbra da consciência. Mas eu li tudo nêle logo que aqui entrou alvoroçado, com o olhar fulgido de esperança; li tudo e esperei que acabasse de benzer-se e rezar.

— Ao menos, tem alguma religião, ponderou S. José.

— Alguma tem, mas vaga e econômica. Não entrou nunca em irmandades e ordens terceiras, porque nelas se rouba o que pertence ao Senhor; é o que êle diz para conciliar a devoção com a algibeira. Mas não se pode ter tudo; é certo que êle teme a Deus e crê na doutrina.

— Bem, ajoelhou-se e rezou.

— Rezou. Enquanto rezava, via eu a pobre alma, que padecia deveras, conquanto a esperança começasse a trocar-se em certeza intuitiva. Deus tinha de salvar a doente, por fôrça, graças à minha intervenção, e eu ia interceder; é o que êle pensava, enquanto os lábios repetiam as palavras da oração. Acabando a oração ficou Sales algum tempo olhando, com as mãos postas; afinal falou a bôca do homem, falou para confessar a dor, para jurar que nenhuma outra mão, além da do Senhor, podia atalhar o golpe. A mulher ia morrer... ia morrer... ia morrer... E repetia a palavra, sem sair dela. A mulher ia morrer. Não passava adiante. Prestes a formular o

(*Continua na pág. 54*)

WEEK-END NA COZINHA



SANDUICHES DE SARDINHA

Amassa-se as sardinhas de uma lata, juntam-se manteiga, salsa picadinha, cebola ralada, pimenta do reino e ôvo cozido, também amassado. Passa-se esta mistura sôbre duas fatias de pão próprio para sanduiche. Pode-se fazer também aberto, isto é, passa-se a mistura sôbre uma fatia de pão e neste caso enfeita-se com môlho de maionese, ou com azeitonas, ou pedacinhos de tomate, dependendo o gôsto de cada um.

CROQUETES DE SALMÃO

Abra 1 lata de salmão, tire espinhas e peles, amasse bem sem escorrer e leve ao fogo com 1 colher de manteiga, o caldo de 1 lata de champignons, 2 xícaras de leite, sal, e engrosse com farinha de trigo até desprender bem na panela. Incorpore então os champignons picados, 2 gemas e faça croquetes pequeninas. Passe em pó de pão, em ovos, novamente em pó de pão e frite em banha quente.

BACALHAU A MARGOT

Escalde ½ quilo de bacalhau sem espinhas, tire as peles, corte em pequenos quadrados, cubra com água fria e leve a cozinhar. Desfie e guarde. Cozinhe ½ quilo de batatas sem cascas, em água com sal, escorra, deixe secar, passe no espremedor, junte o bacalhau, 1 colher de manteiga, 3 gemas e 1 pitada de noz moscada. Misture tudo, despeje num prato, polvilhe com queijo e pó de pão, regue com manteiga derretida e leve a tostar no forno.

FRITADAS DE CAMARÕES COM XUXUS

Faça 1 quilo de camarões ensopados, juntando xuxus partidos do tamanho dos camarões e em igual porção. Molhe com ½ xícara de água e leve a cozinhar. Deve ficar quase sem môlho. Mistura-se com ovos e em seguida leva-se a uma frigideira com banha ou azeite.

ARENQUES A RUSSE

Leite, 2 colheres de manteiga, 1 cebola pequena bem picadinha, salsa pimenta do reino em pó, farinha de rosca, 10 gramas de arenques ou mais.

Modo de preparar: Limpam-se os arenques cortam-se os filés, pondo-os de molho no leite durante uma hora mais ou menos: depois de escorrerem. Mistura-se a manteiga com a cebola picadinha, a salsa, também picadinha, e a pimenta. Estende-se essa mistura no fundo de uma travessa que possa ir ao forno arruma-se em cima os filés escorridos, polvilham-se com farinha de rosca, cobrem-se com manteiga derretida e leva-se a travessa ao forno quente. Serve-se sôbre fôlhas de alface.

POULETE DE CLOITRE

Tome um frango, parta todo aos pedaços e leve a dourar em uma boa colher de manteiga. Junte uma colher de cebola picadinha, sal, uma pitada de pimenta do reino e outra de Spices. Tampe bem a caçarola e deixe cozinhar em fogo durante uma hora, até ficar macio. Adicione umas vinte gramas de creme de leiteria e vinte gramas de champignons cortados aos pedaços e fritos ligeiramente em manteiga (se não tiver frescos, empregue os de lata). Deixe ainda no fogo por uns vinte minutos, revolvendo de vez em quando. Tome umas seis fatias grandes de presunto e leve ao fogo com uma colher de manteiga e duas de vinho Madeira, deixe ferver um pouco, retire o presunto e deite o resto do môlho no frango. Coloque as fatias de presunto ao redor do prato e no centro deite os pedaços do frango, sem o môlho, deixando descobertas apenas as pontas do presunto. Leve a caçarola ao fogo, ligue o môlho com duas gemas, sem ferver, e despeje sôbre o frango. Sirva logo.

PUDIM DE TÂMARAS COM CÔCO

Rala-se dois côcos, separa-se a terça parte, da qual se espreme o leite. Faz-se uma calda em ponto de pasta com meio quilo de açúcar e mistura-se o côco ralado e o leite que se tirou da parte separada, levando-se a mistura ao fogo por mais uns cinco minutos. Tira-se então do fogo, deixa-se amornar e adiciona-se, uma por uma, 12 gemas, mexendo-se sempre. Toma-se uma fôrma untada com açúcar queimado e arruma-se primeiro uma camada desse doce de côco, cobre-se com um pouco de tâmaras partidas, outra camada do doce de côco, outra de tâmaras partidas e assim até que terminem os ingredientes, sendo a última camada de doce de côco. Leva-se a fôrma ao forno em banho-maria. Pronto o pudim, deixa-se esfriar, vira-se num prato e cobre-se com tâmaras, sem caroços, cozidas numa calda não muito grossa.

BOLO INGLÊS

250 gramas de manteiga, 250 gramas de açúcar, 250 gramas de sultanas, 2 colherinhas de fermento em pó, 4 a 5 ovos. Depois que a manteiga estiver bem batida, adiciona-se pouco a pouco as gemas e o açúcar. Junta-se as sultanas meio tostadas na manteiga e frias. Põe-se por último farinha penerada com o fermento e, devagar, as claras batidas em neve. Leva-se ao fôrno regular em fôrma untada e polvilhada com farinha de pão.

SORVETE DE MANGA

Tome algumas mangas bem maduras e perfeitas, corte fatias e deite com os caroços numa vasilha, cubra com açúcar e guarde por 1 hora. Junte um pouquinho de água, esmigalhe, apertando bem com as mãos e côe com um panno. Para cada xícara do caldo obtido junte 2 de água. Novamente a êste caldo junte os caroços e o bagaço, para aproveitar ainda alguma polpa que ficou, esprema e côe outra vez. Adoce a vontade e leve a congelar.

MÔLHO DOURADO

Tosta-se ao fogo brando uma colher bem cheia de manteiga com uma de farinha de trigo. Tomando uma côr dourada junta-se um copo de leite, misturando-se bem. Juntam-se ainda 1 colher de maisena e uma ou duas gemas, mexendo-se sempre; tempera-se tudo com sal e por fim junta-se um pouco de queijo ralado e um bom môlho; para se servir com couve-flor, espargos, beringelas, peixe frio e carnes.

SOPA DE CASTANHA PORTUGUÊSA

Cozinhe castanhas, descasque e passe no passador de batatas. Faça um refogado com todos os temperos: cebola, alho, tomate e cheiro. Junte a castanha passada no passador e vá colocando leite até dar a consistência de sopa. Passe novamente pelo coador para reter os temperos. Servir em xícaras ou tijelas de sopa.

BIFES ENROLADOS COM RECHEIO

Corte 12 bifes em quadrilateros de 12 centimetros de comprimento por 6 centimetros de largura. Tome as aparas da carne, junte cebola, salsa e cebolinha e passe tudo na máquina. Junte, em igual porção, ás aparas, carne de salsichas, presunto ou lombo salgado, 2 colheres de pão embebido em leite, e uns 2 ovos. Estenda um pouco deste recheio sôbre os bifes, enrole e amarre com linha grossa e leve ao fogo, retirando as linhas antes de servir.

PUDIM DE VITELA OU CARNE DE VACA

Tome ½ quilo de vitela ou de carne de vaca, sem nervos, e passe na máquina; junte 100 gramas de pão molhado numa xícara de caldo e outra de leite, 1 colher de manteiga, sal, salsa bem picadinha, 4 gemas e claras em neve. Misture tudo bem e despeje numa fôrma untada de manteiga, povilhe com pó de pão torrado e leve a assar no forno. Desenforme, enfeite com ovos duros e sirva com o molho à parte.

COELHO GUIZADO

Depois de limpo o coelho, corta-se em pedaços, pôe-se êstes numa panela ao fogo, juntando-se um pouco de água, vinho tinto, sal, 1 cebola inteira, noz moscada ralada, salsa e alface. Assim que estiverem moles, retira-se os pedaços e leva-se a refogar em outra panela com uma colher de azeite bom, uma de manteiga, e outra de gordura. Refoga-se tudo muito bem, tampa-se a panela para que sue um pouco, junta-se uma colher de vinagre, deixa-se mais um pouco no fogo e serve-se quente com um pirão de farinha de mandióca.

STOLLE DE NATAL

1½ kg de farinha de trigo, 500 g de manteiga, ¾ de litro de leite, 100 g de açúcar, 200 g de corintos, 200 g de sultana, 10 g de cidra cristalizada, 100 g de amêndoas cortadas em pontas, 5 ovos, 80 a 100 g de fermento fresco e uma pitada de sal.

Esquenta-se a farinha, põe-se em um alguidar, faz-se uma cova, no centro da qual se coloca o fermento dissolvido em um pouco de leite morno, o sal, e com o resto do leite trabalha-se a massa, juntando-se a manteiga aos pouquinhos até que apareçam bôlhas. Junta-se-lhe então o açúcar, as amêndoas, as passas e a cidra. Deixa-se crescer a massa, depois amassa-se mais uma vez e forma-se dois Stollen. Deixa-se crescer e leva-se ao forno médio por espaço de 50 a 60 minutos. Ainda quente, pincela-se com monteiga derretida e polvilha-se com açúcar.

A PANAIR

EM ROMA E PARIS

PROPAGANDA EXPONTÂNEA E PERMANENTE DAS COISAS BRASILEIRAS ★ ONDE SE PODE SABOREAR O MELHOR CAFÉ E ONDE SE LÊEM JORNAIS DO BRASIL QUASE EM CIMA DA HORA.

QUEM vive em Paris, Roma — ou em outra qualquer capital onde existir uma agência da Panair — fatalmente há de procurar essa agência para saber as últimas do Brasil. Não é preciso ser brasileiro, basta ter interêsse pelo que se passa em nossa terra. E' mais fácil encontrar uma informação sôbre o Rio ou São Paulo num dêsses escritórios daquela companhia de navegação aérea, do que em outro qualquer local. E' que os jornais são ali recebidos com atraso de apenas vinte e quatro horas sôbre o Brasil, e imediatamente devorados pelos visitantes das referidas agências.

Mas não só para conhecer as últimas notícias do nosso país são procurados êsses aprasíveis locais: também para saborear um legítimo café à brasileira, como tantas vêzes não se consegue encontrar mesmo em nossa terra, por que ali a rubiácea é da melhor e feita pelos processos mais tìpicamente nacionais. O ponto obrigatório para encontro do brasileiro na capital italiana ou francesa, é a agência da Panair. Frequentemente se diz:

— Pois então amanhã às 4 da tarde, no lugar de sempre. Toma-se um café, lêem-se os jornais cariocas da véspera — e resolve-se o programa para a noite. Combinado?

E o interlocutor já sabe que o lugar de sempre é a agência da Panair.

Quando o brasileiro está em dificuldades para encontrar ingressos do teatro cuja pe-

ESTA É A moderna agência da Panair em Roma, vista de dia. Ali se encontram os mais recentes jornais brasileiros e quando um cidadão do nosso país visita a capital da Itália, faz dêsse local ponto obrigatório para seus encontros.

A MESMA agência em flagrante noturno, realçando ainda mais a sua irrepreensível instalação. Mesmo à noite, há sempre funcionários prontos a dar qualquer informação ao visitante. Êsse é um permanente mostruário de propaganda brasileira.



INTERIOR da agência da Panair em Roma, prevalecendo na decoração, motivos brasileiros que os visitantes de outros países apreciam com vivo interêsse.



É UM PEDAÇO do Brasil, do mais autêntico, o que se oferece aos olhos dos turistas nesse recanto da Panair. Observem a decoração de um cafezal paulista.



DETALHE da agência da Panair em Paris; ao fundo, decoração com vista panorâmica do Rio.



OS ESCRITÓRIOS da Panair em Paris são pràtica mente uma sucursal do consulado brasileiro, onde se toma um saboroso cafèzinho (que os parisienses acham agradável e com razão), e onde se faz propaganda coletiva do nosso país.

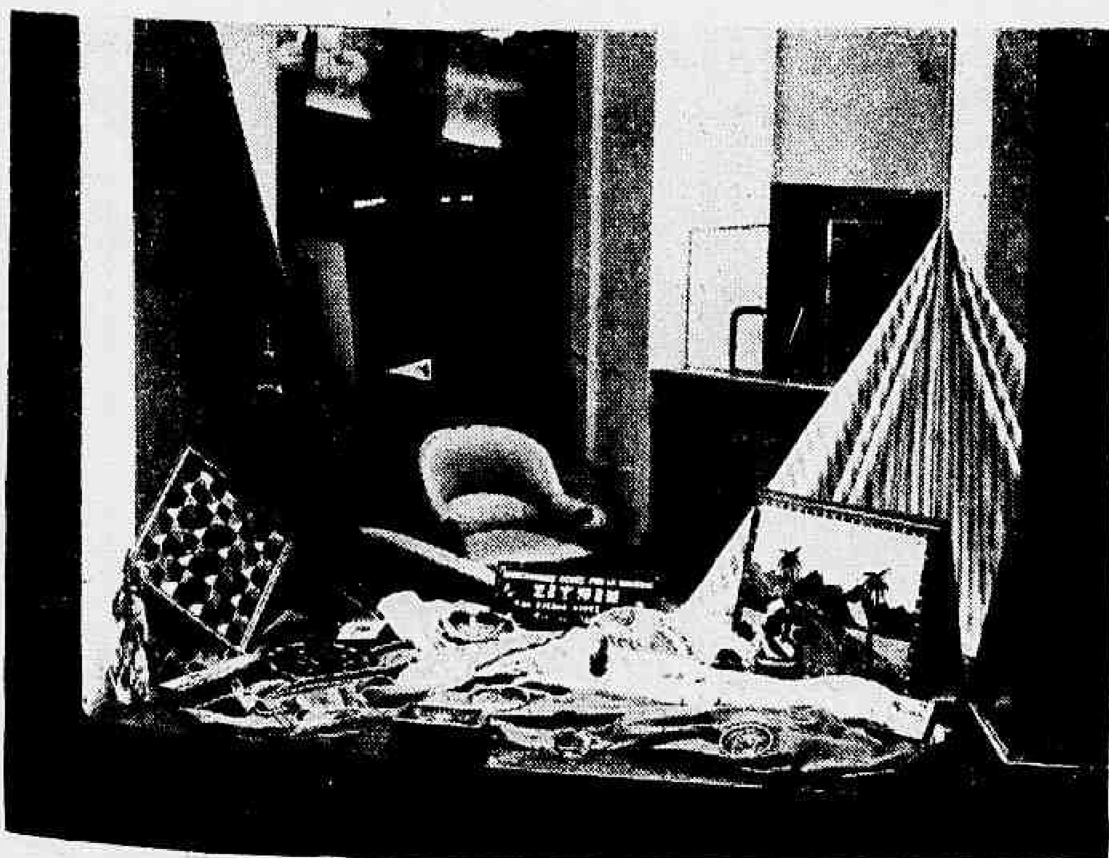
ça programa êle deseja assistir, dirige-se a uma das prestativas funcionárias dessa agência. E meia hora depois, os "tickets" foram adquiridos sem nenhum aumento de preço.

Exposições permanentes de artigos brasileiros e de fotografias dos lugares mais famosos do Rio e dos Estados fazem-se nas vitrines modernissimas dessas agências. E suas instalações, às quais preside um requintado bom gôsto, são ainda outro pretexto para fazer propaganda brasileira, porque os motivos de decoração focalizam sempre paisagens da nossa terra — o clássico cafèzal bandeirante, a baia da Guanabara, a Avenida São João, as igrejas da Bahia, as coxilhas dos Pampas ou os tipos de beleza feminina de qualquer recanto brasileiro.

Essas observações, feitas por quem já teve ocasião de utilizar os bons préstimos das agências romana e parisiense da Panair, podem ser constatadas pelo leitor quando por ali transitar. E oxalá seja breve...



O MESMO aspecto (agência da Panair em Paris), vista à noite, marcando um ponto luminoso característico da tradicional metrópole européia. Tudo quanto diz respeito ao Brasil é ali encontrado: café, jornais, e tôdas as informações úteis.



VITRINE com assuntos brasileiros, instalada na agência parisiense da Panair. Serve de propaganda permanente para artigos em geral do nosso país.



SUGESTIVA EXPOSIÇAO de fotografias do Rio é feita nessa e em outras vitrines parisienses da Panair. E muitos franceses resolvem então visitar-nos.



AS RECENTES ELEIÇÕES na Inglaterra proporcionaram ao povo britânico dias de intensa emoção. A campanha eleitoral foi das mais intensas, cada um dos dois grandes partidos — o Trabalhista e o Conservador — a desenvolver a maior atividade na conquista de votos. Mas o povo inglês não se limitou a fazer comícios e a ler promessas. Organizou cortejos alegóricos e se apresentou nas ruas em indumentos «históricos» para impressionar às massas. E' o que aqui vemos: uma anciã desfilando pelas ruas de Londres, fantasiada de «Inglaterra» e pedindo votos para os conservadores.



AS COISAS EM NÁPOLES não estão como aqui no Rio: sem energia elétrica. Se estivessem, não seria possível que os napolitanos pudessem realizar êste belo espetáculo, isto é, construir uma fachada de igreja e iluminá-la com sessenta mil lâmpadas que, à noite, dão êste deslumbrante aspecto de luz a fartar. Tudo isso para homenagear o santo padroeiro de um dos bairros da cidade do Vesúvio. Como os cariocas «lambem os beiços» diante dessa orgia de luz! Com certeza Ribeirão das Lajes se contorceria de inveja se pudesse ver êste milagre dos santos protetores de Nápoles.

TUDO ISTO

Imigração e miséria



UM caso dos mais curiosos acaba de registrar-se nesta capital. Trata-se de um casal de húngaros que veio para o Brasil como imigrantes. Além dos filhos, os retirantes europeus traziam empregados. Viajaram pelo "Conte Grande", ocupando um camarote de primeira classe. Logo que chegaram ao Rio foram para a Ilha das Flores, como é do regulamento da imigração. Mas, logo em seguida os húngaros se hospedaram no Hotel Serrador, em cujo estabelecimento já haviam mandado reservar aposentos. O fato não pôde deixar de despertar reparos e muita gente achou esquisito que imigrantes viessem hospedar-se em hotéis de luxo aqui no Rio. Mas o assunto não encerra nada de extraordinário. O que há é uma associação de idéias entre *imigrantes* e *estado econômico-financeiro*. Para o povo, quem sai de sua pátria em busca de terras estranhas e distantes é porque não pode hospedar-se em hotéis de luxo nem viajar de primeira classe em transatlânticos. Tem mesmo que ir sòzinho ou com a família para as hospedarias. Ora, Gyorgy Gyozo Somogyi não ficou na Ilha das Flores nem apresentou miséria. Era um cidadão bem vestido, a mulher elegante, os filhos bem apresentados e a empregada muito elegante. Foi hospedar-se, à sua custa, no Hotel Serrador e viajou de primeira classe, tudo pago por êle mesmo; entretanto, não há nisso nenhum fenômeno. O húngaro é um técnico em galvanoplastia, profissão de que há muita necessidade no Brasil. Selecionado pela I.R.O. (International Refugee Organization), os encarregados brasileiros dêsses emigrantes achou que êle devia vir para o nosso país. Como emigrante, sim; mas não como indigente. E isso é muito bom para êles e para nós.

O cinto da castidade



JÁ houve uma época em que maridos ciumentos obrigavam suas espôsas a usar um aparelho denominado "cinto da castidade", para evitar que elas os atraiçoassem. Há na mitologia greco-romana um caso dêsses. Daí os homens imitarem os próprios deuses e tornar o cinto da castidade um elemento de fidelidade conjugal. Mas isso foi há milhares de anos. Com a evolução da sociedade humana, a confiança recíproca, as leis e direitos que resguardam os cônjuges, o cinto da castidade foi ficando apenas como elemento literário, figura de retórica, ou reminiscência histórica. Mas a humanidade é incorrigível, e, agora mesmo, um cidadão piemontês, lá na Itália, encheu-se de ciúmes e obrigou sua cara-metade a usar um dêsses cintos medievais. E' que o homem leu histórias de mouros ciumentos, de mulheres infiéis, de amôres ilícitos, e se encheu de suspeitas contra sua mulher. Por mais que esta protestasse contra a afronta aos seus brios de matrona de respeito, mãe de oito filhos, o Ofelo italiano não se convenceu e lhe impôs o afrontoso instrumento. Para evitar escândalos, murmurações que só iriam comprometer sua honra e o nome da família, criando para os filhos uma situação de vexames, a boa senhora se submeteu. E lá se foi ela com o cinto da castidade. Durante mais de um ano a pobre mulher teve que agüentar aquela geringonça, com cadeados e tudo. Mas neste mundo tudo se sabe, mais hoje, mais amanhã. E a esquisita história chegou aos ouvidos das autoridades e o Tribunal de Milão mandou chamar o marido. Interpelado, confirmou. Resultado: a justiça mandou que a senhora fôsse libertada de tão ignominioso instrumento e mandou o algoz para um asilo de alienados por dois anos!

Os sabatistas



A guarda dos domingos foi decretada no século IV pelo imperador Constantino, segundo dizem os historiadores. Antes o dia de descanso era o sábado, que corresponde ao sétimo dia da semana, aquêle em que o Criador descansou. O dia de sábado é, histórica e biblicamente falando, o verdadeiro dia do Senhor. Domingo é o primeiro dia da semana, coisa que muita gente ignora, julgando que seja a segunda-feira. Ora, há entre os cristãos uma seita ou igreja que continua a seguir o Gênesis e não trabalha aos sábados. São os sabatistas. Acham êles que, se o Criador do Mundo e de tôdas as coisas, respeitou o sábado, não é justo que nós, os mortais e pecadores, desrespeitemos essa lição celestial e trabalhemos no sábado descansando aos domingos. Mas, como os países cristãos estão sob o regime católico, e Roma instituiu e manteve o sistema de feriar o domingo os protestantes, que não trabalham aos sábados, ficaram numa situação difícil: pela tradição religiosa católica, folgam aos domingos, e pela de suas crenças, também não trabalharão aos sábados. Dois dias sem fazer nada durante a semana. Mas, como nem todos os sabatistas são independentes, é claro que têm de seguir a norma da maioria e respeitar os horários de seus empregadores, que estão satisfeitos com o descanso aos domingos. Verifica-se, pois, um conflito: o empregado não trabalha no sábado para não ofender a sua fé; mas o empregador não está disposto a isso porque o nosso regime é outro. Muitos perdem o emprego. Um caso dêsses acaba de chegar à resolução do Presidente da República. Um funcionário da Rêde de Viação Cearense lhe entregou a bota para descalçar. O tipo do alucaxi...

ACONTECEU

Vende-se um castelo



O Sr. L. Flamand-Dugniolle que, pelo nome e sobrenome parece gente de estirpe, com dez séculos de respeito e consideração, anuncia lá da Bélgica estar desejoso de vender um castelo. Diz o anúncio que o enorme casarão data do século XII, isto é, do ano de 1100, quando a vida de um barão feudal era qualquer coisa de sublime: terras, pagens, cavalaria, servos da gleba, armaduras, fé e bons vinhos. O castelo que está para vender-se é "magnifico castelo feudal histórico", está em perfeito estado de conservação, tem todo o confôrto e tôdas as comodidades. Está situado em centro de enorme terreno, onde há granjas, prados e bosques. O anúncio não fala em outras coisas, porque tornaria a publicação muito cara e, pelo que parece, o vendedor espera que os candidatos dêem um pulinho ali à Belgica, a fim de ver com os próprios olhos a maravilhosa construção de quando o Brasil nem sonhava ainda de nascer. Dizem que há muita gente interessada em obter um lugar ao sol; pois nada mais agradável do que aproveitar uma oportunidade destas. E' verdade que, na atualidade, já ninguém está pensando em morar em castelos medievais, com tôrres, seteiras, corredores, alçapões, pontes levadiças, fossos de proteção, salas de armas e memórias dos antepassados dos outros. O mais prático é ficar-se mesmo num apartamento de três peças, onde não se faz necessária a criadagem e despesas medonhas com a conservação dos soalhos e a limpeza geral. Ora, um castelo do século XII deve ter, no minimo, uns sessenta aposentos, umas vinte salas, quinze corredores, dez subterrâneos e calabouços, etc., além de uma dúzia de fantasmas, que não deixam ninguém dormir...

Revolta cinematográfica



DIZEM telegramas de Belém do Pará, que os espectadores de um dos cinemas daquela capital se revoltaram e quebraram cadeiras, rasgaram a tela de projeção, pintaram o diabo. Quando a polícia chegou já era tarde. A depredação foi enorme. Não foi possivel identificar os autores dêsse atentado à propriedade alheia. O cinema fechou para reparos, devendo reabrir com a maior urgência. Por que os paraenses fizeram isso? Dizem as noticias divulgadas em nossa imprensa, que a coisa começou com protestos de especadores, em face da falta de higiene, de confôrto, de ventilação. O Pará, em verdade, merece boas casas de diversões. Os cinemas, que ali são de baixa categoria, não oferecem confôrto aos que pagam para se divertir durante umas duas horas. A vida está uma dureza e não é justo que alguém vá sentar-se em poltronas de madeira para ver, quase sempre, filmes de última espécie. Mas os paraenses devem resignar-se e verificar que, excetuados alguns cinemas lançadores aqui do Rio, o resto é uma lástima. E vamos esclarecer mais uma singularidade: há cinemas lançadores, dos chamados de primeira linha, que têm suas platéias com poltronas de madeira! Outra curiosidade: há cinemas de luxo que foram construídos para receber espectadores de duas classes: primeira, na platéia, ao rés-do-chão; e segunda, nos balcões. Sucede que, com o andar dos tempos, os ingressos foram uniformizados, e tanto faz ficar na primeira, com cadeiras estofadas e cômodas, como ir "lá para cima", e sentar-se em cadeiras de pau. Antigamente era segunda classe e custava muito menos. Hoje tudo é primeira, embora uma dessas seções seja segunda... ordinarissima!

Deputados criteriosos



NÃO há razão para que se critique a atuação dos nossos legisladores federais. Êles muito trabalham e o trabalho intelectual é o mais exaustivo de todos. Um deputado não tem um momento de descanso. Quando não está na Câmara, estudando os altos problemas estatais, está sendo procurado por amigos, recomendados, pessoas da familia, parentes muito longe que desejam ficar muito perto, além de uma centena de coisinhas que só êles e Deus sabem como são. Quanto aos seus honorários, a que dão o nome de subsidio, não é isso lá grande coisa. Um deputado federal tem que vestir bem, estar em dia com a ciência, as artes, as letras, a literatura, a politica nacional e internacional; precisa ler muito. Ler e meditar, passar horas examinando noticias de jornais, dar balanço nas correntes politicas, enfim, entregar-se de corpo e alma aos problemas do povo. Se não puder fazer isso, não será jamais um deputado, um legislador. Mas há muita gente que critica os licurgos e acha que êles vivem no manso, gozando a vida. E quando surge a idéia de aumento de vencimentos e de ajudas de custo, o mundo vem abaixo. Criticam os legisladores porque querem aumento de salário em face do aumento do custo da vida, fenômeno êsse que não atinge apenas o operário, o caixeiro, o funcionário público, o professor, o jornalista, o homem de letras, o militar. Também o deputado sôfre essas mesmas conseqüências. Por isso não havia nada de mal nem de escandaloso quando foi apresentado um projeto de aumento de subsidio e ajuda de custo. Mas não passou, porque a Comissão de Finanças da Câmara deu parecer contrário, para "manter moral elevada no dispêndio dos dinheiros públicos". Isso foi a 1º de dezembro de 1911.



EM DIJON, FRANÇA, êste cidadão, que se chama Michel Marechal, mas que, adotou o nome «faquírico» de Yama Kevadi, acaba de bater o recorde mundial de «sepultamento vivo», isto é, conseguiu passar enterrado num caixão, durante uma hora e quarenta minutos, a um metro e meio de profundidade. Até agora ninguém, nem mesmo um fakir de verdade, conseguira tamanha proeza. Nas duas fotos vemos duas fases da prova: Yama Kevadi preparando-se para entrar no esquife e descer como um cadáver ao seio da terra, e, na outra, ao deitar-se faquiristicamente no caixão negro e fúnebre.



Uma cousa ...



exige outra:





Polvilho
Antisséptico
GRANADO

DESODORANTE
CICATRIZANTE

ENTRE SANTOS

(Continuação da pág. 48)

pedido e a promessa não achava palavras idôneas, nem aproximativas, nem sequer dúbias, não achava nada, tão longo era o descostume de dar alguma coisa. Afinal saiu o pedido; a mulher ia morrer, êle rogava-me que a salvasse, que pedisse por ela ao Senhor. A promessa, porém, é que não acabava de sair. No momento em que a bôca ia articular a primeira palavra, a garra da avareza mordia-me as entranhas e não deixava sair nada. Que a salvasse... que intercedesse por ela...

No ar, diante dos olhos, recortava-se-lhe a perna de cêra, e logo a moeda que ela havia de custar, redonda, luzidia, amarela, ouro puro, completamente ouro, melhor que o dos castiçais do meu altar, apenas dourados. Para onde quer que virasse os olhos, via a moeda, girando, girando, girando. E os olhos a apalpavam, de longe, e transmitiam-lhe a sensação fria do metal e até a do relêvo do cunho. Era ela mesma, velha amiga de longos anos, companheira do dia e da noite, era ela que ali estava no ar, girando, as tontas; era ela que descia do teto, ou subia do chão, ou rolava no altar, indo da Epístola ao Evangelho, ou tilintava nos pingentes do lustre.

Agora a súplica dos olhos e a melancolia dêles eram mais intensas e puramente voluntárias. Vi-os alongarem-se para mim, cheios de contrição, de humilhação, de desamparo; e a bôca ia dizendo algumas coisas sôltas, — Deus, — os anjos do Senhor — as bentas chagas, — palavras lacrimosas e trêmulas, como para pintar por elas a sinceridade da fé e a imensidade da dor. Só a promessa da perna é que não saía. Às vêzes, a alma, como pessoa que recolhe as fôrcas, a fim de saltar um vale, fitava longamente a morte da mulher e rebolcava-se no desespêro que ela lhe havia de trazer; mas, à beira do valo, quando ia a dar o salto recuava. A moeda emergia dêle e a promessa ficava no coração do homem.

O tempo ia passando. A alucinação crescia, porque a moeda, acelerando e multiplicando os saltos, multiplicava-se a si mesma e parecia uma infinidade delas; e o conflito era cada vez mais trágico. De repente, o receio de que a mulher podia estar expirando, gelou o sangue ao pobre homem e êle quis precipitar-se. Podia estar expirando... Pedia-me que intercedesse por ela, que a salvasse...

Aqui o demônio da avareza sugeria-lhe uma transação nova, uma troca de espécie, dizendo-lhe que o valor da oração era superfino e muito mais excelso que o das obras terrenas. E o Sales, curvo, contrito, com as mãos postas, o olhar submisso, desamparado, resignado, pedia-me que lhe salvasse a mulher. Que lhe salvasse a mulher, e prometia-me trezentos, — não menos, — trezentos padre-nossos e trezentas ave-marias. E repetia enfático trezentos, trezentas, trezentos... Foi subindo, chegou a quinhentos, a mil padre-nossos e mil ave-marias. Não via esta soma escrita por letras do alfabeto, mas em algarismos, como se ficasse assim mais viva, mais exata, e a obrigação maior , e maior também a sedução. Mil padre-nossos, mil ave-marias. E voltaram as palavras lacrimosas e trêmulas, as bentas chagas, os anjos do Senhor... 1,000—1,000—1,000. Os quatro algarismos foram crescendo tanto, que encheram a igreja de alto a baixo, e com êles, crescia o esfôrço do homem, e a confiança também; a palavra saía-lhe mais rápida, impetuosa, já falada, mil, mil, mil... Vamos lá, podeis rir à vontade, concluiu S. Francisco de Sales.

E outros santos riram efetivamente, não daquele grande riso descomposto dos deuses de Homero, quando viram o coxo Vulcano servir à mesa, mas de um riso modesto, tranqüilo, beato e católico.

Depois, não pude ouvir mais nada. Quando dei por mim era dia claro... Corri a abrir tôdas as portas e janelas da igreja e da sacristia, para deixar entrar o sol, inimigo dos maus sonhos.

SOB AS MINAS...

(Cont. da pág. 31)

guntam os berlinenses. Alguma coisa há de acontecer ou então desaparecermos nós. Outros virão, o mundo continuará girando...

★

Se houver um renascimento do nazismo ou de uma forma de neonazismo, como alguns admitem embora não seja muito provável, Berlim não será o seu centro. Êste povo está cansado de tumultos e chegou à uma conclusão filosófica:

— Vive-se melhor sòzinho — costumam dizer os habitantes da cidade. Pena que tão tarde tivessem chegado a essa compreensão.

As grandes lojas comerciais de Potsdamer Platz anunciam artigos americanos e os preços não são exagerados. Há pela cidade dezenas de barracas que vendem objetos de necessidade e outros de luxo. Pode-se adquirir muita coisa escolhendo criteriosamente. Por isso ninguém volta os olhos para as grandes tabuletas convidando o povo para comícios de caráter político, venham de onde vierem.

— Estamos cansados, temos direito a algum repouso de corpo e de espirito — dizem também.

Mas, para o berlinense que pode pagar, não há limites para as diversões oferecidas. Entre elas incluem-se os disfarces de mulher. Por muitos anos, Berlim foi célebre pela variedade e originalidade de seus conceitos morais: a primeira grande cidade onde surgiram "cabarets" com homens em travesti, foi esta. E continua existindo. A guerra não acabou com os excêntricos, os viciados, os originais. E a moral é elástica.

★

A melhor definição para Berlim é a de ser hoje uma cidade provisória. Não se sabe até quando o será. Uma certa animação artificial se faz sentir pelas suas ruas e praças. Tudo vive num ensaio de grande metrópole, com os edifícios estropiados, uma falsa economia e um povo de coração insensível pela guerra fria da qual êsse povo e esta cidade são o ponto de convergência. Sabe-se apenas que se "a coisa" voltar, começará por aqui. A divisão das zonas é uma ameaça constante: de cada lado, homens que têm interêsses distintos, soldados de uniformes diferentes, se defrontam. Muitas vêzes trocam palavras amistosas, aparentemente não há nada entre êles. Mas sabe-se que tudo isto é artificial, sem bases.

Em pleno setor ocidental existe o monumento ao Soldado Russo, como preito da guerra. Lá permanece um guarda dos Soviets, e como os turistas não podem — ou não querem — atravessar o que se denominou para o mundo "cortina de ferro", êles se aproximam dêsse homem estranho, de uniforme cinzento, olhos frios, penetrantes, de fuzil apontado para o solo. Quem pode conversar com êle no idioma russo, indaga alguma coisa mas não deve obter muitos esclarecimentos. Quem não conhece o idioma do soldado estranho, limita-se a rodeá-lo e bate chapas na sua máquina de turista. O guarda soviético liga pouco a tudo isso. Êle sabe que é o homem mais fotografado de Berlim e o mais popular entre o povo. Talvez seja um bom rapaz, mas seu lugar é aquêle, sua atitude é determinada pelas autoridades superiores...

★

E assim é Berlim — ou um pedaço de Berlim — agora, depois da guerra. Muito mais há o que dizer, o que mostrar, principalmente a quem não pensa algum dia pisar estas calçadas e conhecer de perto esta vida sem vida, esta metrópole de aparência normal, mas cheia de cicatrizes que não desaparecerão tão cedo. Ou talvez nunca... Só o destino poderá dizer.

PERDIDA

(Cont. da pág. 47)

como dançarina do "Cabaret Pigall", onde marcou o encontro com o toureiro.

Sua vida está revelada. Velasquez escutou-a. Ela lhe pede perdão e diz que, em tôdas as suas alegrias e desgraças, nunca o esqueceu Velasquez diz não ter nada a perdoar, porque o sofrimento não é pecado. Marta espera reconstruir sua vida com o seu primeiro amor. Enquanto isto, D. Agustin procura-a por tôda parte.

Velasquez leva a jovem para uma casa e promete-lhe o casamento que tanto espera. Há uma corrida onde Velasquez triunfa, mas é ligeiramente ferido. Marta escutara os lances de emoção pelo rádio. Vai ao hospital ver o seu amado mas, ao chegar, tem a maior de tôdas as decepções de sua vida: Velasquez está com sua espôsa e filhos. Êle era casado e enganara-a miseràvelmente. Marta vai procurar alivio na bebida e, no auge da intoxicação alcoólica, toma um veneno. Cai, sob o espanto das pessoas desconhecidas, mas D. Agustin ali está. Marta morre nos seus braços: "Deus quis que estivesses na última página de minha vida."

Correio da Revista

HILTO FARIA — Rio — Seu conto «A estátua» foi aprovado.

ARNALDO B. MARCHETTI — Rio — «Acima do orgulho está o amor» já está com os nossos ilustradores.

MARIA ALBA — Rio — Está aprovado o seu «Lição de Amor». Quanto ao poema que nos mandou, confessamo-nos muito gratos pela gentileza, deixando de publicá-lo porque não mantemos nas páginas da «Revista da Semana» nenhuma seção de poesia. Agora uma informação. Os desquitados não podem casar no estrangeiro, pois as leis brasileiras não reconhecem êsse ato. Quem se desquita no Brasil e vai casar no Uruguai ou no México, não volta casado perante as leis brasileiras, pois desquite não é divórcio. Trata-se de mistificação ou de burla.

VARA MILWARD DE CARVALHO — Caxambu, Minas Gerais — Foi aprovado o seu conto «O olhar da virgem».

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL • HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

HA UM TEATRO EM SANTA TERESA



O PEQUENO TEATRO Duse está situado em Santa Teresa, na residência de Pascoal Carlos Magno. Há diante da casa o mirante do Curvelo. Num dos intervalos dos ensaios os estudantes foram tomar ar e atravessaram a rua, vestidos de tôdas as épocas, sob o sorriso dos garotos da vizinhança. O panorama é belo e o contraste dessas figuras, singular.

O TEATRO DO ESTUDANTE

VAI CORRER O BRASIL

SÓFOCLES, SHAKESPEARE, EURÍPEDES, GIL VICENTE, MARTINS PENA E IBSEN REPRESENTADOS POR JOVENS UNIVERSITÁRIOS ★ ESPETÁCULOS INFANTIS SÔBRE CAMINHÕES, PELOS ESTADOS ★ O PEQUENO "TEATRO DUSE" EM SANTA TERESA ★ O PRESIDENTE VARGAS CEDEU UM AVIÃO DA "FAB" PARA TRANSPORTAR ARTISTAS E MATERIAL

Texto de ALMIR AZEVEDO

JÁ houve quem dissesse, com muito acêrto, que a história do Teatro no Brasil pode ser dividida em duas fases perfeitamente distintas: antes e depois de Paschoal Carlos Magno.

Antes era um marasmo, motivado sobretudo pela falta total de renovação de valores, coisa elementar no teatro e que o preconceito ambiente impedia, pois a tão digna e laboriosa classe não era vista com bons olhos.

Trabalhava-se sem muito entusiasmo, o idealísmo tinha horizontes limitados e bem poucos tentavam procurar, inùtilmente, uma solução para os seus destinos de grandeza ilimitada. Mas surgiu Paschoal Carlos Magno, escritor, diplomata, poeta, homem de sociedade, campeão desde jovem de muitas obras, cavaleiro andante de tôdas as causas relacionadas à elevação da nossa mocidade, e com sua cultura, idealísmo, dinamísmo sem precedentes, entregou-se de corpo e alma à arrojada tarefa de alevantamento do nível artístico e cultural do nosso povo. Dêsse conjunto de qualidades para um só indivíduo nasceu essa organização admirável sob todos os pontos de vista que viria ser em curto espaço de tempo um dos mais sérios movimentos em pról da cultura e da renovação de valores que é o Teatro do Estudante do Brasil.

VISITA À CASA DE SANTA TERESA

Em busca de detalhes sôbre as atividades atuais do Teatro do Estudante subimos a Santa Teresa domingo último. Numa curva da rua Hermenegildo de Barros, a cavaleiro de uma soberba paisagem, ergue-se a vivenda acolhedora de Paschoal Carlos Magno. "A casa não é minha: é dêsses moços todos" ia um vaivem danado pelos salões e pelo jardim. Gente que passava com trajes de tôdas as épocas, vindo ou indo para os ensaios que se realizam no pequeno teatro Duse, que Paschoal instalou no ré-de-chão, com cem poltronas. Dentro destas paredes cobertas de livros, quadros, esculturas, tapêtes de valor inestimável, por entre êsses móveis antigos e muita raridade artística surge-nos de improviso um mundo dife

O TEATRO DO ESTUDANTE



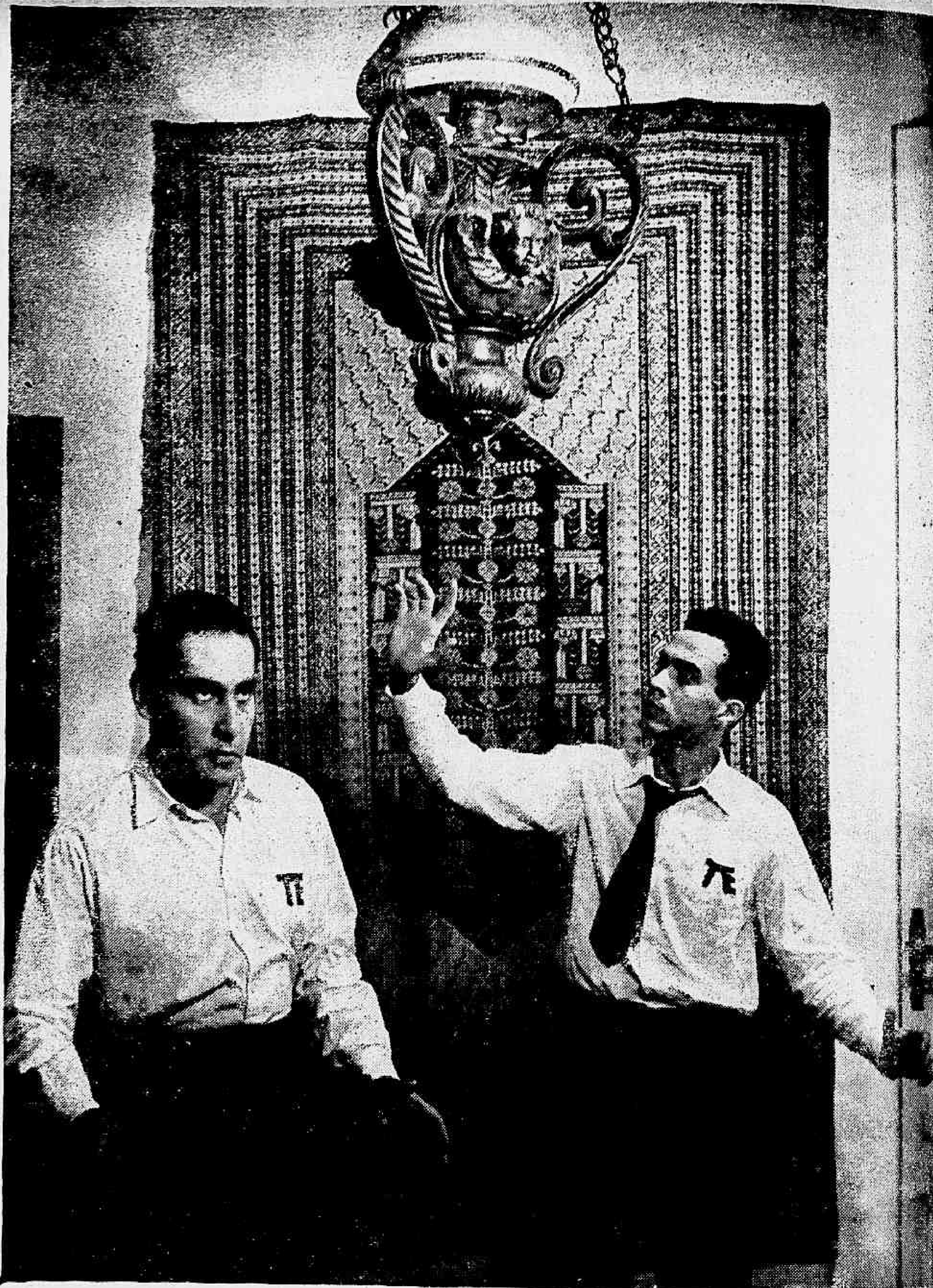
A CANTORA FRANCESA mme. Luciene Dugarde, recém-chegada de Paris, canta canções de Montmartre em homenagem ao TBC.

rente. Não um mundo doente e revoltado contra si mesmo, como lá fora. Mas um mundo de resurreição, exuberante de mocidade e de entusiasmo pela vida, onde dezenas de rapazes e jovens se exercitam na difícil e sedutora arte de representar.

No momento ensaiam o seguinte repertório sob a orientação de d. Ester Leão, dr. Jorge Kossoosky, famoso diretor polonês, e Silva Ferreira antigo elemento do Teatro do Estudante que vem de chegar de Paris onde durante dois anos estudou com mestres Barrault e Manceau: "Hecuba", de Eurípedes; "Antigona" e "Edipo Rei", de Sófocles; "Romeu e Julieta", de Shakespeare; "Três Autos", de Gil Vicente; "Espectros", de Ibsen e "O Noviço" do nosso grande Martins Pena. Vão realizar uma excursão-relâmpago através do Brasil. O avião especial da FAB que lhes foi colocado à disposição pelo Presidente Getúlio Vargas os conduzirá de uma cidade a outra. Tôdas essas peças serão, porém, estreadas no Teatro Amazonas, uma só noite. Percorrerão em seguida todos os Estados do Norte, Sul e Centro. Jamais houve no nosso país uma empreitada de arte e cultura tão arrojada, com mais de três dezenas de pessoas e vasto material de bagagem, cruzando os céus em tôdas as direções, a fim de levar aos rincões da Pátria, uma mensagem fraterna de beleza e emoção.

O DESINTERESSE DE UM HOMEM

Só mesmo um idealista desassombrado como Paschoal Carlos Magno seria capaz de criar e conservar sempre viva a chama de um movimento como o Teatro do Estudante. Não obstante todos os fatôres contrários que tem encontrado. Quando surgem as dificuldades, êle as vence como um forte, não se deixando vergar. Só uma vez êle quase fracassou mas graças à solidariedade espontânea que o Brasil inteiro — rádio, Parlamento, associações de classe, estudantis — lhe ofertou, pôde reerguer-se e continuar como nunca. Deve-se porém lembrar a participação de sua família. Suas irmãs Rosa e Orlanda, seus sobrinhos, seus irmãos, que tudo sacrificam para que a obra não pare. Uma de suas irmãs, desde 1939, quando Paschoal escreveu sua famosa "Despedida do Fracassado" ficou até hoje sem uma jóia, para que o Teatro do Estudante não morresse.



NO «HALL», sob o velho lampadário de madeira e com o fundo que é coberto por um tapête Shivan, Jorge Chaia e Cristóvão Filho ensaiam uma das pr[illegible] cenas de «Edipo Rei», peça que o Teatro do Estudante vai representar nos Estados.

UMA DIVIDA QUE O BRASIL TEM COM O TEATRO DO ESTUDANTE

E' aquela dívida que não será paga nunca: o de haver dado aos nossos jovens uma dignidade nova, apontando-lhes um meio de servir à cultura do povo através do tearto. O T. E. B. é um exemplo que foi copiado pelo país todo. Há mais de 80 teatros de estudantes por todo o país. Aproximadamente 30.000 jovens fazem teatro e aumentaram dessa maneira as nossas platéias e enriqueceram nossos quadros profissionais. Dêsse celeiro saíram os seguintes valores, muitos dos quais se projetaram já nacionalmente: Sérgio Cardoso, Cacilda Becker, Paulo Pôrto, Sandro Poloni, Sônia Oiticica, Geraldo Avelar, Mafra Filho, Cauë Filho, Luís Tito, Iara Salas, Hélio Tys, Pedro Veiga, Lais Peres, Carolina Soto Mayor, Maria Fernanda, Sérgio Brito, A. Fregolente, Luís Linhares, Jacy Campos, Alberto Peres, Milton Carneiro, Ariston, José Maria Monteiro, Ângela Belmar, Carlos Couto, Imengerd Müeller Adaury Dantas, Silvia Orthof, Cícero Nadais, Vera Rosa, José Ricardo, Paula Lima, Gilberto Martinho, Gilda Nery,



NA SALA de jantar, sôbre a comprida mesa de jacarandá, onde antigos candelabros de bronze repousam, intérpretes estudam os figurinos para «Gecuba», que foram feitos pelo professor Eduardo Loefler. E os figurinos são belos!



EUGÊNIO CARLOS, Edson Silva, Ruy Cavalcanti e Marcelo Aguinaga, trajados de herois shakespereanos, mostram a flexibilidade de um florete a «Pernambuco». Êsses jovens, tocados de um ideal artístico que muitos outros países invejam, preparam-se para ir levar aos brasileiros do norte, do centro e do sul, os mais belos espetáculos já ali representados.

Jaime Barcelos, Francisco Serrano, Terezinha Rivera, Walter Moreno, e outros que integram nossos principais elencos e os cenógragos Oswaldo Sampáio, Oswaldo Mota, Pernambuco de Oliveira e Nilson Pena.

PLANOS PARA O TEATRO DUSE

E' Paschoal Carlos Magno quem nos fala dêles. Pretende, mal voltar da viagem ao Norte, inaugurar êsse pequeno teatro de Santa Teresa. Levará sòmente peças de autores novos, inéditos. "E' um meio de lançá-los. Um país só tem um teatro quando de fato possui autores. Este teatro será um campo experimental, um teatro-laboratório". Fala-nos com aquêle entusiasmo que não o larga nunca. Em volta, os rapazes e as moças passam. Vão todos de saias e calças escuras, blusas e camisas brancas e levam ao peito as iniciais de "T. E." Vão uniformizados de maneira esportiva. "O uniforme foi também desenhado pelo Valuzzi, um figurinista que saiu dos nossos trabalhos. Tem o fito de irmanar ricos e pobres diante do público, que diante dêste só poderá valer o talento que os anima". À saída encontramos na escadaria de mármore um grupo de estudantes que se divertia com as histórias de "Pernambuco", um velho empregado da família, um negro que há trinta e cinco anos trabalha para os Carlos Magno. Ele também, nos dias de festa, serve os convidados ou os recebe com "T. E." pregado no seu palitó.

VOCÊ VAI LEVAR SÓFOCLES AO PIAUÍ ?"

Na descida ríamos da história do encontro do Presidente Getúlio com Paschoal Carlos Magno que lhe fôra levar um grupo de seus artistas e pedir-lhe o transporte. O Presidente sorriu: — Como, Paschoal, você quer levar Sófocles ao Piauí? Muito bem. Eu levei até lá o avião. "E olhando-o de frente: — Há quantos anos você luta por essa grande causa? Quinze, se me lembro. Você e eu insistimos muito..."



DR. JORGE KOWSOWSKY, que foi um grande nome no teatro da Polônia, conversa sôbre teatro grego. Em tôrno, da esquerda para a direita: Eugênio Carlos, Paulo Francis, Ana Edler, Edson Silva, Luís Espíndola, que veio do T. do Estudante de Pernambuco, Miriam Carmen, Jorge Chaia e Marcelo Aguinaga. Miriam fêz «Macbeth» no Festival Shakespeare, com sucesso.

A REVISTA Há 50 anos

(Domingo, 22 de dezembro de 1901)

POR ÊSSE MUNDO

★ *Uma sociedade de capitalistas de Milão vai apresentar na exposição de Verese um prado de corridas no qual serão disputados prêmios com cavalos de pao movidos pela eletricidade.*

★ *O Conselho Municipal de Dunquerque votou o crédito de cinquenta mil francos para as festas de recepção do Imperador da Rússia.*

★ *Êle e ela nadam perfeitamente. E por isso, todos os domingos, almoçam a nadar, sôbre uma mesa de cortiça onde até fazem e bebem café. Não pensem que são americanos: são parisienses.*



MÚCIO TEIXEIRA
Poeta, laureado no 1º concurso de poesias do «Jornal do Brasil».

TEATROS

No Apolo foi representada mais uma vez a linda opereta "Soucuf, o corsário", e foi retirada de cena a peça que tanto sucesso alcançou "Viagem a roda do mundo em 80 dias", para dar lugar à montagem da deliciosa opereta de Strauss "Uma noite em Veneza", pela primeira vez representada na nossa língua. Agradou francamente, quer pela ótima encenanão, quer pelo bom desempenho que lhe é dado pela "troupe" Colás.

★ "Uma noite em Veneza", que já vimos representada em italiano e que tão deliciosas recordações deixou em nosso espírito, nada perde com a versão, ao contrário, achamo-la muito empolgante. A música, leve e bem feita, teve a melhor interpretação por parte da orquestra do Apolo.

★ E' o que há pelos nossos teatros, além dos espetáculos variados, diàriamente exibidos no Guarda Velha, Cassino Nacional e Moulin Rouge. — P.

★ Decididamente não é mais possível uma companhia nacional, de opereta e ópera cômica, sustentar-se nesta "artística" capital". A prova disso aí está na companhia do ator Colás, bem organizada, com excelente elenco, bom cenário, bom guarda-roupa e, sôbre tudo, com muito boa vontade e que, no entretanto, estêve quase a de dissolver. Foi muito arriscado o passo que o ator Colás deu formando companhia para aqui trabalhar nestes tempos calamitosos, mas podia ou, antes, devia ser feliz pois conseguiu nos dar um "Surcouf" de primeira ordem, uma "Viagem à volta do mundo" como poucas vêzes aqui tem sido representada, outras peças igualmente boas e, por fim, "Uma noite em Veneza" que, incontestàvelmente, teve uma boa interpretação e nada deixou a desejar. Entretanto, quem tem ido ao Apolo? Vasantes e mais vasantes. Como suprema tentativa, está agora a companhia a ensaiar a opereta "D. Juanita" a ver se se salva do naufragio. Triste, muito triste!

★ Vamos a ver se terá mais sorte a emprêsa da gentil atriz Cinira Polonio e que por êstes dias deve estrear no Lucinda. Também dispõe de um magnífico elenco: Matos, Peixoto, Pedro Augusto, Cinira, Rosa Villiot, Olimpio Montani, Isabel Marques e outros. E' ensaiador o sr. Adolfo de Faria. No Recreio, a companhia Dias Braga continua trabalhando e lutando contra a ingratidão do público. Com regular concorrência tem levado à cena "A Bela Bexigosa", drama de lances emocionantes e de muito efeito, enquanto prepara e monta a grande peça "Quo Vadis?", extraida por Eduardo Vitorino do romance de Sienkiewicz.

★ As únicas casas de diversão que a despeito de tudo continuam tendo boa concorrência são os cafés-concertos: para prova disso vejamos o Cassino Nacional, o Moulin Rouge, o Guarda Velha e outros sempre cheios.

E no que diz respeito a palcos é só. — P.

DESASTRE DO HANGAR SANTA CRUZ

Os moradores do Barro Vermelho, em S. Cristóvão, foram alarmados no dia 12 do corrente, com a notícia do desabamento do «hangar» que ali estava sendo levantado para construção do balão Santa Cruz. Foram vítimas Alexandre do Nascimento e Baldomero Cortez.

HUMORISMO

Um mendigo entra em uma padaria e diz ao caixeiro:

— O senhor dá-me um pedaço de papel para embrulhar um pão?

— Aí o tem.

— Agora dá-me um pão para ser embrulhado neste pedaço de papel?

— Mamãe?

— Que é, minha filha?

— Você não me disse, quando explicava a gramática, que o masculino deve estar sempre de acôrdo com o feminino?

— Disse... e então?

— Então, por que é que briga sempre com o papai?

NÃO HAVERÁ GUERRA

HAVERÁ guerra? Não haverá guerra? Eis a pergunta ansiosa que há quinze dias se dirigem todos os homens e a quem os graves problemas desta parte do continente ainda preocupam. Não são muitos, valha a verdade, mas se não assombram pelo número impõem-se pela qualidade, o que não é indiferente sabendo-se como se sabe, da influência das minorias inteligentes e refletidas sôbre as massas ignorantes ou impulsivas.

Que diferença, porém, entre os tempos de antanho e os de agora! Que formidável evolução nas idéias, que profunda transformação nos espíritos! Dir-se-ia que uma paralisia lenta foi imobilizando as células da combatividade, a bossa do rôlo e da briga até que chegue o momento sinceramente desejado da completa atrofia do órgão pela inexistência da função. Outrora, por dá cá aquela palha, por uma cincada da pragmática, por um olhar mal interpretado, por um capricho, por um nada, dois povos pegavam-se de rijo, corria sangue a jorros, entrava o lutonas famílias e a miséria nas tulhas e a guerra era como que um grande brodio oferecido ao monótono ramerrão da vida nacional, municipal ou doméstica. Não raro, terceiros desinteressados no conflito nêle entravam mordidos pela tarantula do orgulho, da vaidade, da ambição ou pela mera necessidade fisiológica de desentorpecer os membros, de dar exercício à forte musculatura anquilozada. Hoje, com os progressos da civilização, com um entendimento mais lúcido da vida, com os confortos que a tornam cada dia mais radiante e digna de ser amada, com o contacto mais íntimo e racional das criaturas, com a penetração das misérias comuns e a solidariedade nas alegrias universais, não há quem não prefira gozar a existência a queimá-la estupidamente, imbecilmente, ingloriamente, diante de um cano de espingarda ou da guela de um canhão. A guerra está ficando desacreditada a tal ponto que nem já o povo faz caso dos heroísmos da chacina ou das legendas épicas da bordoeira.

E aqui tem os leitores da REVISTA explicado por que à grande maioria repugna a idéia de uma guerra entre as duas repúblicas famosass o Chile e a Argentina. O Brasil detesta a luta armada por tendência afetiva e porque as suas mais gloriosas batalhas tem sido conquistadas no terreno do Direito, entre exércitos de argumentos e generais de chancelaria. Por tôda esta parte do continente tem pregado a concórdia e a paz. A condenação da luta armada e o recurso à arbitragem figuram no seu pacto constitucional.

Deixemo-nos pois de guerras; façamos barrela nêstes restos de barbaria e pensemos um pouco nesse Natal que se avisinha, festa da bondade infantil e de encantadora inocência...

JACQUES BONHOMME

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 51 ★ 22-12-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

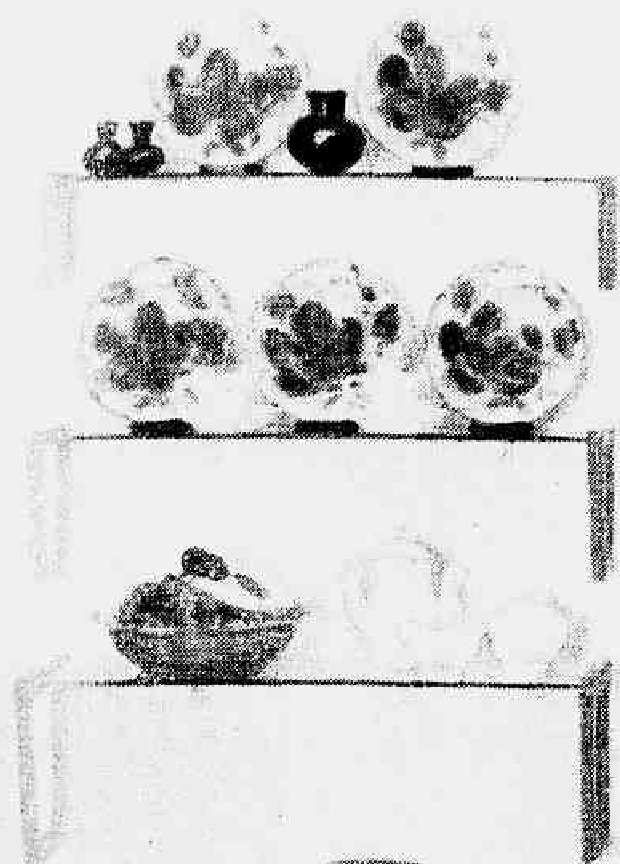
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

MÓVEIS e DECORAÇÕES

projetos executados por técnicos decoradores





TAPÊTES FEITOS À MÃO

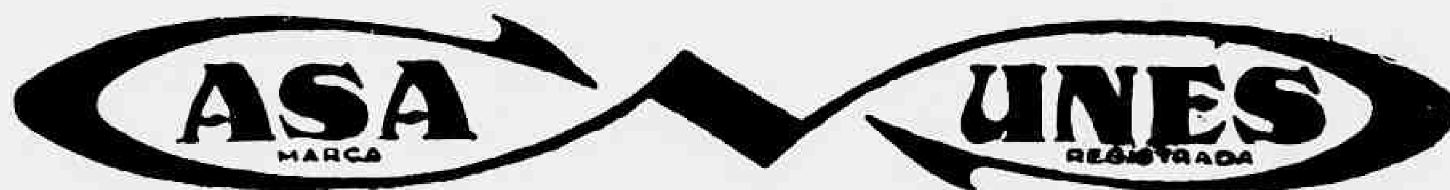
PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

em côres lisas e com flores

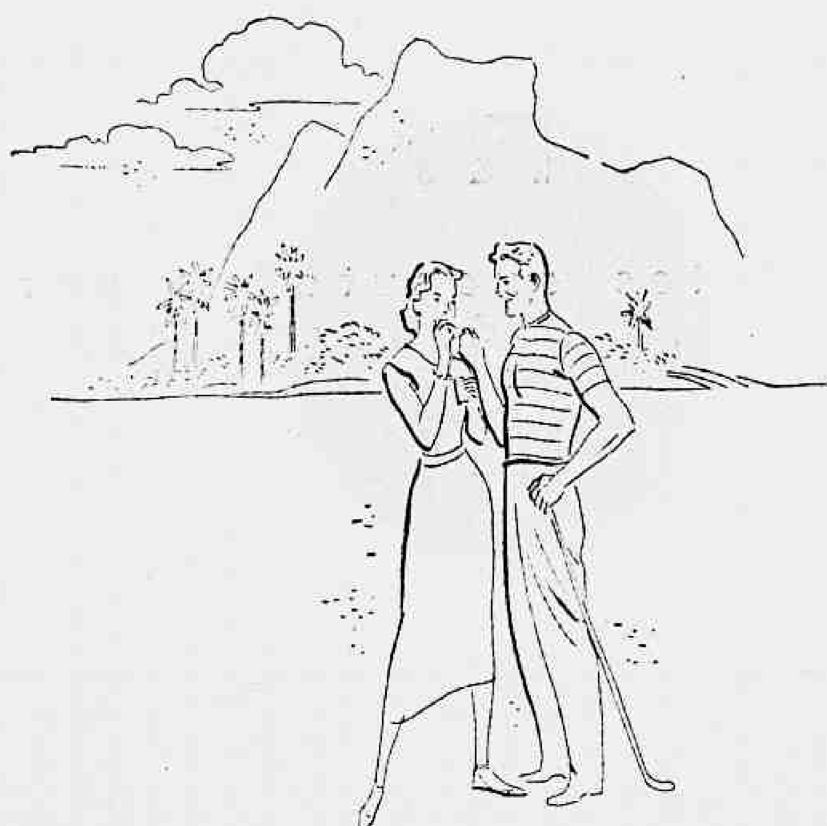


GRUPOS ESTOFADOS

uma especialidade de nossas oficinas



65 rua da CARIOCA 67 — RIO



você o consagrou e fez muito bem...



É a você, que sabe apreciar o golf
e outras coisas boas da vida,
que Hollywood deve a preferência
unânime de que hoje goza
entre as pessoas de bom gosto.

H - 88 092

cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ